

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O APAGAMENTO DO RÓTICO NA (RE)ORGANIZAÇÃO SILÁBICA

Aline de Jesus Farias Oliveira

2018

O apagamento do rótico na (re)organização silábica

Aline de Jesus Farias Oliveira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Aline de Jesus Farias
0148a O APAGAMENTO DO RÓTICO NA (RE)ORGANIZAÇÃO
SILÁBICA / Aline de Jesus Farias Oliveira. -- Rio
de Janeiro, 2018.
129 f.

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras Vernáculas, 2018.

1. rótico. 2. coda final. 3. sociolinguística. 4.
análise acústica. I. Callou, Dinah Maria Isensee,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O apagamento do rótico na (re)organização silábica

Aline de Jesus Farias Oliveira

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas.

Examinada por:

Presidente, Professora Dinah Maria Isensee Callou – Orientadora

Professora Doutora João Antonio de Moraes–UFRJ

Professora Doutora Jacyra Mota – UFBA

Professora Doutora Carolina Ribeiro Serra – UFRJ

Professora Doutora Valéria Monaretto – UFRS

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Madre Teresa de Calcutá

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha mãe, que, apesar de não mensurar a importância dessa etapa na minha vida, sempre esteve ao meu lado me apoiando em todos os momentos. Agradeço também ao meu pai, que, mesmo não estando mais entre nós, fez o possível e o impossível para que eu chegasse até aqui. Sei de todo orgulho que ele sentia de mim e espero que hoje sinta mais do que nunca. Como ele sempre dizia: “Puxou ao pai.”

Agradeço à minha orientadora professora Dinah Callou por todos os ensinamentos acadêmicos e não acadêmicos, por todas as conversas na 312 sobre o Botafogo e o Vitória, pelas dicas, pelas risadas e pelos momentos de aprendizado, confraternização e alegria. Sinto-me bastante honrada por ser sua orientanda e poder crescer academicamente guiada pelos seus passos.

À professora Carolina Serra, que me iniciou no meio acadêmico, ainda na iniciação científica, e me apresentou à pesquisa. Agradeço por estar sempre disposta a me ajudar e me incentivar em diversos momentos.

Aos amigos que a F-312 me trouxe: Vivian, a primeira pessoa que tive contato nessa sala; Ingrid, a companheira de viagens, de conversas e risadas; Vitor, a alegria da 312; Bruna, que começou como minha estagiária e se tornou grande amiga e confidente; Karilene, uma companheira querida e muito agradável (e fácil de lidar) que me abriu as portas do mundo das redações e Mayra, minha quase vizinha que trouxe diversão às viagens. Obrigada pelas ótimas companhias e por assistirem, pacientemente, todas as minhas apresentações nos muitos congressos que participamos. Todo o processo árduo de entrar no mestrado e concluí-lo foi mais fácil com vocês ao meu lado.

Aos amigos que me acompanharam, mesmo que de longe, nessa etapa trabalhosa em minha vida. Agradeço por toda compreensão nos momentos em que estive ausente. Agradeço à Ingrid Batista, pelos inúmeros anos de amizade, à Bia por ser uma grande amiga e sempre me ouvir, ao Roberto pelas companhias nos jogos do Botafogo e no auxílio às contas feitas nessa dissertação, e, por fim, ao meu namorado Fred por todos os momentos bons e por ser uma pessoa incrível para mim.

Esperando não esquecer ninguém, agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente da conclusão de mais uma etapa na minha vida acadêmica. Obrigada a todos os meus professores por serem grandes fontes inspiradoras, obrigada à minha família, aos amigos e, por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento no último ano de mestrado.

SINOPSE

Análise do fenômeno variável de apagamento do rótico em coda silábica final, com base em falantes das cidades de Teresina e Corrente, ambos do Estado do Piauí, e análise acústica do comportamento da vogal que precede o rótico. Estudo variacionista e acústico com o objetivo de sistematizar a influência de fatores sociais e linguísticos no fenômeno de queda do segmento e possível reorganização silábica.

O apagamento do rótico na (re)organização silábica

Aline de Jesus Farias Oliveira

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Resumo da Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2018, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

RESUMO

Essa dissertação busca estabelecer uma correlação entre o fenômeno do apagamento variável do rótico em posição de coda silábica final e a configuração fonológica da sílaba no português brasileiro. A amostra utilizada faz parte do *corpus* do Projeto ALIB e compõe-se de elocuições de fala espontânea de quatro falantes de Teresina/PI e quatro de Correntes/PI, com até o 5º ano do ensino fundamental. Além de confirmar hipóteses sobre a influência de fatores linguísticos e sociais na aplicação da regra variável de apagamento do rótico -- dentro da perspectiva da sociolinguística variacionista -- propõe-se uma análise acústica, por meio da qual serão analisadas as unidades de duração da sílaba (moras), visando a responder a como se daria a (re)organização temporal da sílaba quando ocorre a queda do segmento. Hyman (1985) postula que uma sílaba pesada possui duas unidades temporais: uma mora que estaria associada ao *onset* + núcleo e outra que estaria relacionada à consoante em coda. Caberia indagar se, quando ocorre a queda do segmento em coda, (i) a unidade temporal seria mantida, através de um possível alongamento compensatório da vogal, ou (ii) esta unidade temporal desapareceria. Estudos acústicos sobre a aquisição do constituinte coda revelam que o “alongamento compensatório” é uma estratégia de reparo temporal, em que o falante alonga a vogal que antecede o segmento em coda, com o objetivo de manter a unidade temporal da sílaba (MEZZOMO, 2003). Busca-se verificar se tal comportamento se reflete na fala espontânea de indivíduos adultos. Palavras-chave: Rótico; Coda final; Sociolinguística; Análise acústica;

Rio de Janeiro

Dezembro de 2017

O apagamento do rótico na (re)organização silábica

Aline de Jesus Farias Oliveira

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Resúmen da Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2018, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

RESÚMEN

Esta disertación busca establecer una correlación entre el fenómeno del supreción variable del rótico en posición de coda silábica final y la configuración fonológica de la sílaba en el portugués brasileño. La muestra utilizada forma parte del *corpus* del Proyecto ALIB y se compone de elocuciones espontáneas de cuatro hablantes de Teresina/PI y cuatro de Corrente/PI, con hasta el 5º año de la enseñanza fundamental. Además de confirmar hipótesis sobre la influencia de factores lingüísticos y sociales en la aplicación de la regla variable - dentro de la perspectiva de la sociolingüística variacionista - se propone un análisis acústico, por medio de la cual serán analizadas las unidades de duración de la sílaba (moras), visando responder a cómo se daría la (re) organización temporal de la sílaba cuando ocurre la eliminación del segmento. Hyman (1985) postula que en una sílaba pesada hay dos unidades temporales: una mora que asociada al *onset* + núcleo y otra que estaría relacionada con la consonante en coda. Cabría indagar si, cuando ocurre la supreción del segmento en coda, (i) la unidad temporal se mantendría, a través de un posible alargamiento compensatorio de la vocal, o (ii) esta unidad temporal desaparecería. Los estudios acústicos sobre la adquisición del constituyente coda revelan que el "Estiramiento compensatorio" es una estrategia de reparación temporal, en la que el hablante alarga la vocal que antecede al segmento en coda, con el objetivo de mantener la unidad temporal de la sílaba (MEZZOMO, 2003). Se busca verificar si tal comportamiento se refleja en los datos espontáneos de los adultos.

Palabras clave: Rótico; Coda final; Sociolingüística; Análisis acústico;

Rio de Janeiro

Dezembro de 2017

Sumário

RESUMO	viii
<i>RESÚMEN</i>	ix
Índice de tabelas, gráficos e figuras.....	xii
Tabelas.....	xii
Gráficos	xiv
Figuras	xv
APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	16
1. REVISÃO DA LITERATURA	19
1.1 Revisitando os róticos	19
1.2 O fenômeno da posteriorização	25
1.3 Os estudos sobre o rótico	27
1.4 Estudos acústicos	40
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	45
2.1 Teoria da Variação e Mudança (TVM).....	45
2.2 Teoria da Sílabas	54
3. <i>CORPUS</i>	61
3.1 Justificativa da amostra.....	67
3.2 As cidades	70
3.2.1 Teresina/Piauí.....	70
3.2.2 Corrente/Piauí.....	71
4. METODOLOGIA.....	73
5. OBJETIVOS E HIPÓTESES	77
6. RESULTADOS	82
6.1 Resultados sociolinguísticos	82
6.1.1 Falantes menos escolarizados de Teresina/PI	82
6.1.2 Falantes menos escolarizados de Corrente/PI	86
6.2 Resultados da análise acústica	91
6.2.1 Resultados da análise acústica de Teresina	91
6.2.2 Análise por falante - Teresina	91
6.2.3 Verbos	94

6.2.4 Não-verbos	95
6.3 Resultados da análise acústica de Corrente	95
6.3.1 Análise por falante - Corrente.....	96
6.3.2 Verbos	103
6.3.3 Não-verbos	103
6.4 Análise por tipo de vogal precedente - TERESINA	104
6.4.1 –AR.....	104
6.4.2 –ER.....	105
6.4.3 –IR.....	106
6.4.4 –OR.....	106
6.5 Análise por tipo de vogal precedente - CORRENTE	107
6.5.1–AR.....	107
6.5.2 –ER.....	108
6.5.3 –IR.....	109
6.5.4–OR.....	109
7. DURAÇÃO INTRÍNSECA DA VOGAL.....	110
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
BIBLIOGRAFIA	117
ANEXOS.....	123
Anexo 1: Duração da vogal e do rótico – falantes de menor escolarização de Teresina....	123
Anexo 2: Duração da vogal e do rótico – falantes de menor escolarização de Corrente....	124
Anexo 3: Duração intrínseca da vogal em sílabas sem coda – final absoluta de frase	129

Índice de tabelas, gráficos e figuras

Tabelas

Tabela 1 - Alongamento compensatório da vogal em sílaba CVC.....	40
Tabela 2 - Alongamento vocálico.....	59
Tabela 3 - Apagamento do R em verbos em relação ao contexto subsequente - falantes de menor escolarização de Teresina.....	83
Tabela 4 - Apagamento do R em verbos em relação à faixa etária – falantes de menor escolarização de Teresina.....	84
Tabela 5 - Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes de menor escolarização de Teresina.....	84
Tabela 6 - Apagamento do R em coda medial em relação à consoante subsequente – falantes de menor escolarização de Teresina.....	85
Tabela 7 - Apagamento do R em coda medial em relação ao sexo do falante – falantes de menor escolarização de Teresina.....	86
Tabela 8 - Apagamento do R em verbos em relação ao contexto subsequente – falantes de menor escolarização de Corrente.....	87
Tabela 9 - Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes de menor escolarização de Corrente.....	88
Tabela 10 - Apagamento do R em não-verbos em relação ao sexo – falantes de menor escolarização de Corrente.....	88
Tabela 11 - Apagamento do R em coda medial em relação à dimensão do vocábulo – falantes de menor escolarização de Corrente.....	89
Tabela 12 - Apagamento do R em coda medial em relação à consoante subsequente – falantes de menor escolarização de Corrente.....	90
Tabela 13 - Apagamento do R em coda medial em relação ao sexo – falantes de menor escolarização de Corrente.....	90
Tabela 14 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (falantes de menor escolarização de Teresina).....	91
Tabela 15 - Falante 1 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina....	92
Tabela 16 - Falante 2 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina....	93
Tabela 17 - Falante 3 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina....	93
Tabela 18 - Falante 4 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina....	94

Tabela 19 - Números de apagamento x realização do R em coda final, nos verbos, em final absoluto de frase - falantes de menor escolarização de Teresina	94
Tabela 20 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (verbos)	95
Tabela 21 - Números de apagamento x realização do R em coda final, nos não-verbos, em final absoluto de frase - falantes de menor escolarização de Teresina	95
Tabela 22 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (não-verbos)	95
Tabela 23 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (falantes de menor escolarização de Corrente)	96
Tabela 24 - Falante 1 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente....	99
Tabela 25 - Falante 2 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente..	100
Tabela 26 - Falante 3 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente..	102
Tabela 27 - Falante 4 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente..	102
Tabela 28 - Números de apagamento x realização do R em coda final, nos verbos, em final absoluto de frase - Corrente - falantes menos escolarizados	103
Tabela 29 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (verbos)	103
Tabela 30 - Números de apagamento x realização do R em coda final, em não-verbos, em final absoluto de frase - Corrente - falantes menos escolarizados.....	103
Tabela 31 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (não-verbos)	104
Tabela 32 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([ar])	105
Tabela 33 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([er]).	105
Tabela 34 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (-[er]).....	106
Tabela 35 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([ir]) .	106
Tabela 36 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([or])	107
Tabela 37 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-or]).....	107

Tabela 38 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-ar]).....	108
Tabela 39 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([-er]).	108
Tabela 40 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-er]).....	109
Tabela 41 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([-ir]) .	109
Tabela 42 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-or])	110
Tabela 43 - : Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-ɔr]).....	110
Tabela 44 - Duração intrínseca média das vogais sem coda	111
Tabela 45 - Duração vocálica: sílaba sem R.....	116

Gráficos

Gráfico 1 - Percentual de apagamento do R das capitais do Nordeste – coda final - falantes mais escolarizados	68
Gráfico 2 - Percentual de apagamento do /R/ das capitais do Nordeste – coda medial - falantes mais escolarizados	69
Gráfico 3 - Apagamento do R em Verbos – Teresina – em falantes de menor escolarização .	82
Gráfico 4 - Apagamento do R em não-verbos – Teresina – em falantes de menor escolarização	83
Gráfico 5 - Apagamento do R em Teresina – coda medial – falantes de menor escolarização	85
Gráfico 6 - Apagamento do R em verbos – falantes de menor escolarização de Corrente	86
Gráfico 7 - Apagamento do R em não-verbos – falantes de menor escolarização de Corrente /PI.....	87
Gráfico 8 - Apagamento do R em Corrente – coda medial – falantes de menor escolarização	89
Gráfico 9 - Porcentagem de apagamento do /R/ de acordo com a vogal precedente - Teresina	114
Gráfico 10 - Porcentagem de apagamento do /R/ de acordo com a vogal precedente - Corrente	115

Figuras

Figura 1 - Representação das sílabas de caro x carro	23
Figura 2 - Distribuição das variantes do /r/ por cidade em contexto medial	33
Figura 3 - Distribuição das variações do /r/ por cidade em contexto final.	34
Figura 4 - Representação silábica de pão	43
Figura 5 - Representação de sílaba na teoria autosegmental	55
Figura 6 - Representação de sílaba na teoria métrica	55
Figura 7 - Representações das sílabas ‘cri’ e ‘per’	56
Figura 8 - Representação de uma sílaba com coda de acordo com a teoria de Hyman.....	57
Figura 9 - Alongamento compensatório por perda consonantal.....	58
Figura 10 - Passagem de noctem > noite	59
Figura 11 - Redes de Pontos do projeto ALiB	62
Figura 12 - Rede de Pontos do ALiB da região Nordeste	63
Figura 13 - Percentual geral de apagamento (coda final e coda medial) do R das capitais do Nordeste – falantes mais escolarizados	68
Figura 14 - Mapa da região dos Estados da Região Nordeste do Brasil.	70
Figura 15 - Mapa do Piauí	72
Figura 16 - Hierarquia prosódica.....	75
Figura 17 - Possibilidades de manutenção ou perda da unidade temporal da coda.....	81
Figura 18- Análise acústica de achar	112
Figura 19 - Análise acústica de trabalhaØ	112

APRESENTAÇÃO DO TEMA

O fenômeno do apagamento variável do rótico, em especial na variedade do Português Brasileiro (PB), é foco de diversos estudos linguísticos. A queda do segmento em coda final (*amoR x amoØ*) apresenta-se como um fenômeno recorrente em algumas localidades do PB, conforme já indicam trabalhos anteriores de Callou (1987); Callou *et alii* (1996, 2002); Brandão, Mota & Cunha (2003); Abaurre & Sândalo (2003); Hora & Monaretto (2003); Monaretto (2010); Callou & Serra (2012); dentre tantos outros. Mais recentemente, entretanto, o apagamento do rótico em coda medial tem ganhado espaço nas discussões a respeito do fenômeno, uma vez que os índices em coda final, em algumas regiões como o Nordeste do Brasil, são tão altos que a queda do segmento atinge, inclusive, a coda medial (*curso x cuØso*) como indicam os resultados de Farias (2016). Nota-se, dessa forma, que apesar de estarmos diante de um fenômeno bastante estudado, sempre é possível observá-lo por outro ângulo e analisá-lo sob novas perspectivas.

Nesse sentido, buscamos estender a análise do fenômeno em pauta – apagamento do rótico em coda silábica final –, tomando como base de *corpora* duas cidades que ainda não foram alvo de um estudo mais sistemático no que se refere ao apagamento do rótico nesse contexto específico: Teresina e Corrente, ambas as cidades do estado do Piauí. Além da análise sociolinguística do fenômeno, levando em consideração a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV, W. & HERZOG, M., 1968), busca-se fazer uma comparação entre a duração temporal da vogal (em segundos) nas sílabas em que rótico não é realizado (*a.moØ*) com aquelas em que o segmento é foneticamente produzido pelo falante (*a.mo/R*).

A inovação do trabalho está em aliar o estudo do fenômeno variável de apagamento do rótico ao possível processo de reorganização silábica em que, com a queda do segmento, a unidade temporal do elemento em coda – o /R/ – se reassociaria à vogal anterior por meio de um alongamento duracional. Aferir e analisar acusticamente a duração da vogal nesses dois contextos citados (*can.ta/R/ x can.ta/Ø/*) são tarefas que ainda não tiveram lugar em estudos sistemáticos, principalmente no que se refere à fala de adultos. Mezzomo, sobre a aquisição do constituinte coda, afirma que “*O infante usa o incremento no tempo de emissão da vogal, estendendo-o à posição de coda, a fim de manter a unidade temporal da sílaba*” (MEZZOMO, 2003:79). Dessa forma, resta averiguar se esse possível “estendimento” se encontra também na fala espontânea de adultos.

Percebe-se, portanto, que é possível analisar um fenômeno já atestado no PB há décadas sob um novo viés, ou seja, pode-se buscar uma explicação fonológica para a reorganização silábica nos casos em que ocorre a queda do segmento. Nesse sentido, não se deseja atestar apenas os números e índices do apagamento do /R/, bem como os fatores que favorecem ou favorecem a queda do segmento; deseja-se ir além e conferir uma possível reorganização fonológica da sílaba quando o fenômeno se instaura.

Para constituição dos *corpora* para este trabalho, que contempla duas análises com naturezas distintas - a sociolinguística e a acústica -, utilizou-se o material fônico do Projeto ALiB (<https://alib.ufba.br/>), pois, nesse *corpus*, encontramos um precioso acervo de entrevistas de diversas localidades do país, registrando, inclusive, amostra de fala de cidades do interior do Brasil. Com essa característica bastante abrangente, pode-se comparar e analisar uma área muito maior do país e, dessa forma, apontar tendências linguísticas consideráveis. Nesse *corpus*, pode-se, também, depreender registros de diversas naturezas, que vão desde a fala mais espontânea a registros mais controlados. Além disso, o ALiB constitui-se uma enorme fonte de dados, permitindo, assim, a comparação entre diversas regiões do país, uma vez que

A rede de pontos do ALiB conta com um total de 250 localidades distribuídas por todo o país e selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada Estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área.

(<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>) Acessado em 08 de agosto de 2017.

Ao longo do trabalho, faremos um cotejo com resultados anteriores, com a finalidade comparativa de mostrar como o apagamento do rótico se apresenta de maneira distinta de acordo com cada uma das localidades estudadas. Grande parte dos trabalhos recentes sobre o nosso fenômeno em questão tem como fonte os dados coletados pelo Projeto ALiB, enaltecendo, mais uma vez a importância de se estar diante de um *corpus* de tamanha magnitude. Ressalta-se que os *corpora* foram constituídos de registros fônicos da primeira metade do século XXI.

Ademais, não se pode deixar de relacionar os resultados atuais com os resultados de décadas passadas, pois é sempre importante analisar a evolução do fenômeno e verificar quais fatores se mostraram e se mostram relevantes para a análise do processo variável. Trabalhos já realizados sobre o /R/ afirmavam que o domínio do apagamento seria a sílaba (CALLOU *et alii*, 1996); contudo, atualmente, já se admite que “*o domínio do cancelamento vai além da sílaba e que seu locus tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica, analogamente ao que já foi observado para outros processos de sândi.*” (CALLOU & SERRA, 2012:43). Nesse âmbito, atesta-se que não se pode analisar o apagamento do rótico juntando coda silábica final com coda medial, uma vez que apresentam comportamentos distintos. Sabendo disso, nossa atual análise dará maior foco ao apagamento do rótico em coda silábica final, mas sem deixar de lado os resultados sociolinguísticos tanto da coda final quanto da medial. O enfoque, entretanto, no que se refere à duração silábica, nesse primeiro momento, se dará nos casos em que o rótico se encontra em coda final e, em específico, no final absoluto de frase.

1. REVISÃO DA LITERATURA

Na língua portuguesa, existem apenas quatro fonemas que podem se localizar em posição de coda, seja final ou medial: /S/, /L/, /N/ e /R/. No dizer de Monaretto, Quednau e Hora (1996: 214),

Algumas das consoantes do português apresentam, assim como as consoantes de todo sistema de língua natural, variabilidade no seu uso, ocasionada quer pelo ambiente fonético no qual se encontram, por distribuição complementar, quer por fatores extralinguísticos, geográficos e/ou sociais.

Essa variabilidade de realização é consequência do fenômeno fonológico tradicionalmente conhecido no campo da fonologia como neutralização, isto é, quando deixa de ocorrer oposição de significado. Callou e Leite (1994:37) lembram que “*a realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição dos sons dentro do contexto de uma língua*”.

No caso do rótico, em posição de *onset*, por exemplo, ‘ca.ro’ e ‘car.ro’, a oposição entre fraco e forte corresponde a uma mudança de significado. Essa oposição, contudo, se desfaz, quando os segmentos se encontram em posição de coda, seja final ou medial. É possível observar que, conforme indicam várias pesquisas sociolinguísticas, cada região do país apresenta uma determinada realização preferencial do rótico, em posição de coda. Na região Sul do Brasil, por exemplo, há grandes índices da realização do tepe em contextos em que o rótico está em coda final ou medial, enquanto, no Rio de Janeiro, a preferência de realização é pela fricativa velar e/ou glotal, assim como em boa parte do Nordeste brasileiro.

Como o foco desta dissertação está restrito ao rótico, em posição de coda final, conforme já explicitado na apresentação do tema, será feita uma revisão mais aprofundada dos estudos já feitos, na próxima seção.

1.1 Revisitando os róticos

Os estudos a respeito da variabilidade do rótico não se restringem ao Português Brasileiro. Há estudos que verificam a variabilidade de pronúncia dessa consoante em coda seja no português europeu, seja em outra língua, como o inglês. Hora & Monaretto (2003: 116), afirmam que esse elevado número de estudos no PB que têm como foco o /R/ “*se deve a sua frequência de aparecimento e às múltiplas formas que ele pode assumir sob esse mesmo*

rótulo para o símbolo da grafia 'r'". Em outros termos, diferentes são as realizações fonéticas representadas pelo grafema 'r'. Além disso, segundo Clemente (2009), que toma como base o *corpus* do *UCLA Phonological Segment Inventory Database* (MADDIESON, 1980), 59% das 321 línguas contêm, pelo menos, um rótico em seu sistema. E, de acordo com Maddieson (1984), aproximadamente, 18% dessas línguas apresentam duas ou mais variações simultâneas do rótico.

O português brasileiro registra, em geral, algumas variantes possíveis em posição de coda, como fricativas, vibrantes, tepe ou retroflexas, chegando até ao apagamento do rótico, variante que, segundo trabalhos mais recentes, é a preferida em determinadas localidades do Brasil, chegando a ser a norma em algumas localidades em posição de coda final. Esse fenômeno de apagamento já fora registrado na tese de doutorado de Callou, em 1987, em que a autora, no dialeto carioca, já registrava índices consideráveis de apagamento do /R/. Esses números, entretanto, só vêm aumentando, o que mostra o avanço do processo.

A respeito dessa variação, assinala Câmara Jr (1953) que existem variantes de dois tipos: (i) posicionais e (ii) livres. As variantes posicionais são aquelas determinadas pela posição dos segmentos na sílaba ou no vocábulo; em outros termos, são resultado de um processo de assimilação de traços vizinhos. Um bom exemplo de variação posicional se dá nos casos em que as consoantes /t/ e /d/ diante da vogal /i/. Em algumas regiões do país, como o Rio de Janeiro, essas consoantes citadas passam a uma pronúncia africada diante da vogal alta /i/ por assimilação de traço. Variantes livres, de acordo com Câmara Jr., se dão de acordo com a comunidade linguística, usadas de acordo com o grupo social e/ou regional, e são “*determinadas pela flutuação que impera na língua em referência à realização sônica do fonema*” (CÂMARA, 1970: 27). O fenômeno aqui em pauta se enquadraria nesse caso:

Estão neste último caso os alofones do /r/ chamado “forte”, que pode ser uma vibração prolongada da ponta da língua junto aos dentes superiores (“r” múltiplo), ou uma vibração da língua junto ao véu palatino (“r” velar), ou uma vibração da úvula, na parte extrema do véu palatino (“r” uvular), ou uma forte fricção da faringe (“r” fricativo não lingual, foneticamente semelhante ao /h/ aspirado inglês, onde simplesmente não há na faringe nenhuma fricção). Os alofones, ou variantes, livres são, em termos diacrônicos, em regra mudanças fonológicas em andamento. Assim, a variação do /r/ forte, em português, indica um processo de mudança de articulação anterior (na parte posterior da boca, junto aos dentes) para uma articulação posterior (na parte posterior da boca, a partir do véu palatino), que ainda não terminou. (Câmara, 1970, p. 27)

A questão da posteriorização, já referida por Mattoso Câmara, será discutida mais à frente, com maior detalhamento. No Português Brasileiro, de maneira geral, o /R/ em coda pode ser pronunciado como vibrante, fricativa velar, uvular, aspirada, vibrante simples ou ainda como vibrante retroflexa. Além disso, há a ocorrência do apagamento desse segmento, o que tem se tornado, ao longo dos anos, a variante mais utilizada no português brasileiro:

estudos atestam que a variação linguística pode ser controlada por diversos parâmetros, de forma sistemática e previsível, contribuindo, através de dados observados, para confirmar ou não postulados teóricos. Assim, faz-se um levantamento exaustivo de dados da língua falada para descrever a variável e suas variantes, e analisam-se os possíveis fatores que favorecem o uso de uma variante ou outra.

As variantes da vibrante, fonema com o número relativamente grande realizações fonéticas, investigadas sobre o método sociolinguístico de Labov, têm ocorrência e frequência diferenciadas por dialeto. (Monaretto, Quednau e Hora, 1996, p. 215)

É válido ressaltar que, na literatura, há uma enorme discussão a respeito de interpretações sobre as variantes da ‘vibrante’, ou seja, em outros termos, há uma controvérsia no que se refere ao status fonológico da ‘vibrante’. Duas interpretações são as mais difundidas nos estudos sobre o tema: (i) haveria duas vibrantes, uma forte e outra fraca ou (ii) há apenas um fonema vibrante. Nesse caso, para Câmara Jr, essa vibrante é a forte e, para Lopes, a fraca.

Em uma primeira análise, Mattoso (1953) afirma que o ‘r fraco’ seria um enfraquecimento do ‘r forte’ na posição intervocálica para opor, por exemplo, as forma ‘caro’ e ‘carro’. Segundo esse autor, existe apenas um único fonema para representar a vibrante no sistema consonantal: a vibrante forte. Nesse caso, a vibrante fraca seria uma variante posicional da vibrante forte, ou seja, em posição intervocálica, a vibrante forte passa a vibrante fraca. Ainda sob a perspectiva desse autor, o ‘r brando’ não poderia ser considerado o ‘r’ básico devido a uma explicação histórica. Na grafia do latim, havia um /r/ simples e um /rr/ geminado que marcavam a oposição de ‘*ferum*’ (feroz) e ‘*ferrum*’ (ferro). Para o autor, não haveria, nesses casos, um contraste entre um ‘r’ longo e um ‘r’ simples, mas “*um grupo de duas consoantes iguais, entre as quais, incide a fronteira silábica, à maneira de qualquer outra gemação*” (Câmara Jr, 1953: 106).

Em resumo, a primeira interpretação de Câmara Jr. é a de que, no sistema consonantal brasileiro, haveria apenas a vibrante forte e o ‘r fraco’ seria o resultado de seu enfraquecimento. Em análises posteriores, contudo, o mesmo autor revê o seu posicionamento, baseando-se na fonética, e admite que, no português, haveria duas vibrantes que se oporiam entre vogais, mas que se neutralizariam nas demais posições.

Outros autores também postularam hipóteses a respeito do rótico subjacente. Lopez (1979), assim como na primeira interpretação de Câmara Jr, crê que existe apenas uma vibrante na estrutura subjacente, entretanto, aquele autor defende a ideia de que a vibrante subjacente é a simples e não a vibrante forte como defendia Câmara Jr.. Lopez baseia sua argumentação, por exemplo, em casos de pluralização de palavras terminadas com /R/. Sob essa perspectiva, na palavra ‘mar’, em que o rótico em coda pode ser pronunciado tanto como vibrante fraca como vibrante forte, somente a vibrante fraca pode ser utilizada quando a colocamos no plural: ‘mares’. Outro argumento utilizado por Lopez é o de que somente o ‘e brando’ pode ser encontrado em *onsets* complexos, como em ‘cravo’, por exemplo. Esses dois são apenas alguns exemplos de argumentos utilizados pela autora, que chega à conclusão de que o ‘r forte’ seria um alofone do ‘r brando’; este último se encontraria, portanto, na estrutura subjacente, uma vez que a variante forte seria apenas um alofone, reflexo de uma geminação entre as vogais.

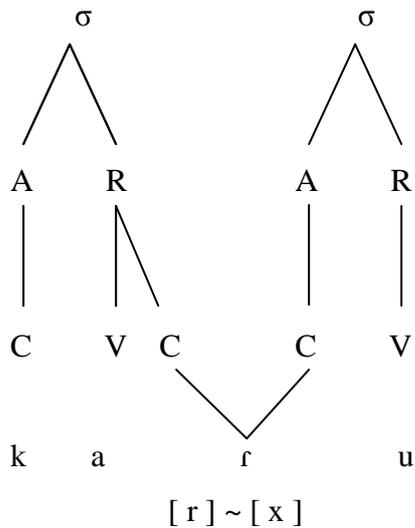
Em consonância com a hipótese de Lopez se encontra a de Monaretto (1992), que também acredita que existe apenas uma forma subjacente do /r/ na estrutura consonantal. Para essa autora, esse fonema seria o tepe - a vibrante branda. De acordo com os usos da vibrante forte e da vibrante fraca, a autora chega às seguintes conclusões:

o contraste entre os dois tipos de r ocorre somente entre vogais, onde a substituição de um pelo outro acarreta mudança de significado;
há um contexto exclusivo para a vibrante simples, o de grupo (grupo, praia), e outro para a vibrante forte, o de posição inicial (roupa, rato);
na posição pós vocálica, a substituição de um pelo outro não altera o sentido e a variação, nesse ambiente, é previsível. (p. 224)

Dadas essas conclusões, Monaretto, assim como Lopez, postulam que, devido à vibrante simples se apresentar em mais contextos, a unidade fonológica subjacente seria justamente essa vibrante fraca. A partir de todas essas hipóteses e estudos a respeito do /r/, as duas autoras defendem a ideia de que o r forte seria, na verdade, o resultado do encontro de dois ‘r’ fracos. Seguindo essa perspectiva, em ‘caro’, por exemplo, teríamos a forma

subjacente, enquanto em ‘carro’, haveria a aparição de duas vibrantes simples, uma em posição final de sílaba e a outra em posição inicial: car.ro, conforme se pode ver no esquema a seguir:

a) Carro = kar + ru



b) Caro = ka + ru

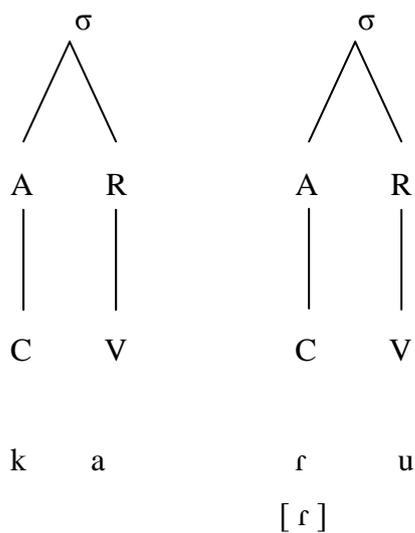


Figura 1 - Representação das sílabas de caro x carro (Retirado de Monaretto, Qeudnau e Hora, 1996)

Leite (1972), a respeito dessa questão, não assume um posicionamento taxativo:

A interpretação do r “fraco” tem-se constituído um problema para os fonologistas portugueses. Em posição intervocálica eles contrastam em carro versus caro. Em início de sílaba ocorre a variante “forte”; como segundo membro de um grupo consonântico, apenas a variante “fraca”. A realização do r “forte” varia dialetal ideologicamente...

Alguns fonologistas (...) analisaram o r intervocálico “forte” como uma consoante geminada; outros (...) como uma consoante simples.

Não pretendemos apresentar uma análise definitiva para este problema, porque pensamos que sua solução depende de estudos fonéticos mais detalhados não só sobre o r em português, mas também sobre o r em geral.

Ressalta-se que esta dissertação não busca focalizar questões mais profundas a respeito da representação subjacente do rótico, mas é importante salientar questões teóricas que envolvem a consoante foco da nossa pesquisa. Em resumo, autores como Lopez (1979), Monaretto (1992), na trilha de Câmara Jr, em seu primeiro posicionamento a respeito do tema, em 1953, defendem que há apenas um fonema vibrante na estrutura subjacente.

Além disso, é válido lembrar que a nomenclatura para se referir às variantes dos fonemas grafados com ‘R’ e “RR” mudou e o rótulo ‘vibrantes’ -- posto que a norma majoritária de pronúncia do /R/ era justamente a de uma consoante vibrante – foi substituído pelo de “róticos”. Isso se deve, em parte, ao fato de, com o passar dos anos, ter sido constatado em várias pesquisas que essa norma já não correspondia exatamente às realizações de preferência dos falantes. Para Hora e Monaretto (2003), agrupar todas essas variantes sob esse rótulo de ‘rotico’ é apenas uma convenção. Para outros autores, como Lindau (1985), os ‘róticos’ possuem características em comum:

Róticos ocupam o mesmo lugar em sistemas consonantais e em estruturas silábicas de diferentes línguas. Em línguas dotadas de *onsets* complexos, os róticos tendem a ocorrer próximo ao núcleo da sílaba. Em geral, rs pós-vocálicos tendem a se tornarem vogais ou a desaparecerem (...). Róticos apresentam efeitos similares no ambiente: vogais antes de r tendem a se alongar, como no Inglês e no Sueco. (...) Os róticos frequentemente se alternam com outros róticos (LINDAU, 1985: 157- 158 apud GOLÇAVES, SILVA & WEIRICH, 2013).

1.2 O fenômeno da posteriorização

Após a discussão a respeito do *status* fonológico da vibrante, merecem destaque, também, os processos de posteriorização e de fricativização dessa consoante no português brasileiro. Ao retornar à questão da oposição fonológica entre as duas vibrantes, Callou e Leite (1994) lembram que a marca de oposição entre a vibrante fraca e a forte se dava basicamente na quantidade de vibrações e que, com a evolução, essa marca foi substituída por marcas de outra natureza. Segundo as autoras, “*a oposição quantitativa foi substituída por uma do tipo qualitativo com a mudança do ponto de articulação anterior (alveolar) para posterior (uvular ou velar) e de vibrante forte para fricativa*” (p. 77).

Tal mudança no ponto de articulação -- vibrante posterior > fricativa posterior --, de acordo com Callou e Leite (1994), determinaria a reestruturação do sistema consonantal do português brasileiro, pelo menos o do Rio de Janeiro:

Com o acréscimo do quadro de mais uma fricativa passaríamos a admitir a existência de uma única vibrante - na estrutura superficial, pelo menos - que com ela se relacionaria, não havendo modificação do número de fonemas. (p. 77)

Alguns estudos a respeito da posteriorização da vibrante vêm sendo realizados ao longo dos anos também no nível diacrônico e revelam que parece inegável que a realização do r forte passou a ser posterior tanto no português quanto em outras línguas românicas. Alguns pesquisadores afirmam que a passagem de velar vibrante para velar fricativa se dá por questões articulatórias: haveria, nesses casos, um processo de relaxamento e comodidade articulatórios que levaria, inclusive, da realização velar fricativa para a aspiração.

A respeito desse processo de realização mais posterior da vibrante, Callou, Leite e Moraes (1996) defendem a chamada hipótese de posteriorização da vibrante no português brasileiro. Segundo os autores, as realizações da vibrante seriam observadas num continuum, que englobaria processos de posteriorização e enfraquecimento, representados a seguir: $r > R > x > h > \emptyset$

No que tange ao processo de enfraquecimento, os autores afirmam que:

O processo de enfraquecimento é geralmente tratado em termos de uma escala de força estabelecida com base em graus de abertura do trato vocal, que provocariam um decréscimo gradual da resistência à saída da corrente de ar: quanto menor a resistência, maior a sonoridade do segmento. A escala de força parte dos sons para

cuja produção há um maior obstáculo, portanto, os de menos sonoridade. Essa resistência vai diminuindo gradativamente - a sonoridade aumentando - até o seu apagamento.

Essa hierarquia de força tem sido tradicionalmente traduzida pela seguinte escala de sonoridade:

oclusiva > fricativa > nasal > líquida > aspiração > zero

Nessa escala, deslocamento para a direita acarreta uma diminuição da resistência à passagem da corrente de ar e, conseqüentemente, o processo de enfraquecimento.

(Callou, Leite & Moraes, 1996: 284)

A partir desse *continuum* de posteriorização, observa-se uma mudança do ponto de articulação do rótico, bem como um processo de enfraquecimento da tensão articulatória por que o rótico vem passando no decorrer do tempo. Callou (1987) menciona, em sua tese de doutoramento, que

Hammarström explica a mudança através da tensão necessária para articular as vibrações que produzem um RR ápico-alveolar. Gérman de Granda e Jorge Moraes Barbosa preferem ver na passagem da articulação velar vibrante para um velar fricativa e desta para uma aspiração um processo de relaxamento e comodidade articulatória. (p.12)

Os estudos apontam, também, que há dialetos que apresentam um estágio mais ‘avançado’ na escala de posteriorização e que esse processo de enfraquecimento é mais frequente em posição de coda silábica final, e que, na maioria dos estados brasileiros, a variante preferencial dos falantes seria o chamado zero fonético. Sabe-se, conforme já mencionado, que a sílaba na posição de coda, em comparação ao *onset*, é reconhecidamente mais fraca e os estudos a respeito da coda medial são ainda mais complexos do que em final de palavra, principalmente devido à influência exercida pelos segmentos que ocupam o ataque da sílaba seguinte. Há uma maior tendência de enfraquecimento da posição de coda, uma vez que processos de assimilação são, em si, processos de enfraquecimento, conforme lembram Hora e Monaretto (2003).

O trabalho de Callou, Moraes e Leite (1994) sobre cinco capitais do Brasil -- a saber: Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Salvador e Recife -- pondera que, em geral, a região, Porto Alegre e São Paulo, se opõe à região mais ao norte, Rio de Janeiro, Salvador e Recife,

uma vez que, no Sul, há a predominância de realização do rótico como uma vibrante simples; enquanto, nas três cidades mais ao norte, tem-se a preferência pela realização fricativa velar ou aspirada.

Tomando por base essas cinco capitais, fontes de dados para o projeto NURC (Projeto Norma Urbana Culta), é possível concluir que o processo de posteriorização e enfraquecimento do /R/ em coda está mais avançado no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, cujas normas de pronúncia são ou uma fricativa velar (RJ e SSA) ou uma fricativa glotal (aspiração), em Recife. Ainda segundo os autores, seria inclusive possível ‘pular’ etapas no processo de posteriorização do rótico, ou seja, passar de $r > \emptyset$ e de $x > \emptyset$, sem, necessariamente, passar pelas fases intermediárias.

1.3 Os estudos sobre o rótico

Nesta seção, serão discutidos alguns trabalhos feitos acerca dessa temática que se mostraram relevantes para as demais pesquisas sobre os diferentes tipos de realização dessa consoante.

Diversos trabalhos já foram dedicados ao /R/ em posição de coda silábica final e medial. Graças à grande variabilidade de pronúncia do rótico - e das consoantes em coda de maneira geral - muitos pesquisadores decidiram se debruçar sobre o tema, observando as diferentes realizações do segmento. Diferentes foram as épocas e comunidades estudadas, bem como houve grande diversidade a respeito do *corpus* utilizado como fonte de dados. Dessa forma, os trabalhos anteriores são de grande valia para verificar qual a norma de pronúncia de décadas anteriores e como anda o processo de evolução do apagamento do rótico.

Para Serafim da Silva Neto (1950), o apagamento do /R/ em final de palavra era considerado um ‘vulgarismo’, assim como diversos trabalhos de caráter prescritivo condenavam tanto a posteriorização quanto a queda do segmento. Houaiss (1985) associava a queda do /R/ à fala de pessoas com baixa escolaridade, pertencentes às classes mais populares. Com o passar dos anos, entretanto, análises sociolinguísticas a respeito desse fenômeno variável foram ganhando espaço na literatura.

Em alguns estudos, foi registrado um alto índice de cancelamento do rótico em posição final de sílaba. Esse fenômeno já fora observado antes por Tessyier, em 1982, que verificara seu caráter inovador, se comparado ao comportamento linguístico de Portugal:

Pronúncia de r em final de sílaba. — Em certos registros familiares e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o r no final das palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer).

Por uma reação, o r, que permanece nos registros mais formais, é pronunciado nessa posição como r forte de carro, quando em Portugal, nesse caso, o que se encontra é r brando de caro. O mesmo sucede em final de sílaba no interior da palavra; ex.: parte, certeza, têm r forte no Brasil, mas r brando em Portugal. (aspecto inovador da fonética brasileira) (p. 68)

É interessante ressaltar, de acordo com a citação, que Tessyer alegava, naquela ano, que a supressão do /R/ no final de palavra se dava apenas no português brasileiro e em registro familiares. Entretanto, estudos recentes a respeito do fenômeno de apagamento do rótico no português europeu (PE) já registram casos de cancelamento do /R/ na variedade europeia. Mateus e Rodrigues (2004) obtiveram o índice de 13% de não-realização do rótico nessa variedade, enquanto Farias e Oliveira (2013) chegaram a um percentual de 19% de apagamento. Os índices de não-realização do /R/ no PE ainda são tímidos, em comparação aos obtidos no português brasileiro, mas nota-se que já é um processo que encontra espaço no PE, nos dias atuais, exemplificando como a língua é viva e muda no decorrer do tempo.

Muitos autores, em décadas passadas, consideravam o cancelamento do rótico como um fator representativo de uma variante popular e os instrumentos normativos condenavam essa variante. Callou (1987) afirmava que, naquela época, o apagamento do rótico em final de vocábulo era ‘mal visto’. Além disso, o chamado zero fonético

era considerado um marcador social e, nas peças de Gil Vicente, no século XVI, era usado para caracterizar a fala de escravos. Essa estratificação fez surgir a hipótese de se tratar de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos (LABOV, 1994). Pelos séculos seguintes, no entanto, o fenômeno se espalhou progressivamente por todas as classes sociais e por todos os níveis educacionais, não sendo mais estigmatizado. (Callou e Serra 2012: 42)

Teyssier (1982), entretanto, afirmava que as diferenças entre os falantes mais escolarizados e menos escolarizados de uma mesma região podem ser mais significativas do que a diferença entre falantes com o mesmo grau de escolarização de regiões diferentes:

Há, hoje, na língua do Brasil uma certa diversidade geográfica. Os linguistas vêm tentando elaborar o mapa dos “dialetos” brasileiros, à semelhança do que se tem feito para as línguas européias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até à cidade de Mato-Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. A realidade, porém, é as divisões “dialetais” no Brasil são menos gráficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical. (p. 64 e 65)

No que se refere aos estudos mais atuais a respeito do apagamento do rótico na fala de indivíduos de diferentes graus de escolaridade, no entanto, observa-se a tendência de todos os falantes, mais ou menos escolarizados, utilizarem como norma a não realização do segmento, em coda final. Essa tendência, além de estar associada ao processo de enfraquecimento e posteriorização do segmento, revela uma preferência pela sílaba CV, ou seja, a sílaba aberta. Sabe-se que sílabas com a coda preenchida possuem uma estrutura mais complexa (CVC) que tende, em geral, a um desejo de simplificação silábica.

Silva (2006), a respeito do apagamento do rótico no PB, afirma que essa variedade tende a ser mais vocálica se comparada ao PE e essa questão se daria pelo fato de, no Brasil, serem comuns os casos de apagamento de consoantes em coda, como é o caso do /l/ e do /s/. Segundo a autora, questões extralinguísticas, como a escolarização e comunidades rurais contribuiriam para esse comportamento.

Em geral, os estudos acerca das diferentes variantes do rótico tomam por fase as cidades do sul e sudeste do país (OLIVEIRA, 1983, CALLOU, 1987, CALLOU, MORAES E LEITE, 1996; MONARETTO 1992, 2000, 2003), embora alguns estejam concentrados nas realizações do rótico no Nordeste do país. As pesquisas apontam para as realizações do tepe e da vibrante múltipla como mais comuns nas cidades mais ao sul do país, enquanto, no Nordeste, a tendência pareça ser, de fato, o apagamento do rótico, no contexto em pauta. Nessa região, observa-se que o processo de enfraquecimento e posteriorização do /R/ está mais avançado.

Callou (1987), em sua tese de doutorado, abordou a questão da variação do rótico na fala urbana culta do Rio de Janeiro, a partir de dados do Projeto Norma Urbana Culta (NURC). A pesquisa é um ponto de partida que serve como referências para os demais

trabalhos que também utilizam o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. A autora utiliza entrevistas gravadas na década de 70, apenas com falantes com nível superior completo, mas de diferentes faixas etárias, e não se restringe à posição de coda, abordando a questão da realização do segmento em *onset* (início absoluto de palavra e intervocálico). Uma vez que esta dissertação se concentra na análise do rótico em coda silábica, serão explicitados apenas os resultados relativos a essa posição.

Os resultados obtidos pela autora apontam para uma mudança na norma de pronúncia no ponto de articulação (de vibrante anterior para posterior) e no modo de articulação (de vibrante à fricativa), conforme já explicitado na seção sobre posteriorização. Esse processo, segundo a autora e Widdison (1997), por exemplo, corresponderia a uma tendência universal, uma vez que ocorre em português, espanhol, francês e em outras línguas da Europa Ocidental.

Os dados relativos ao Rio de Janeiro evidenciam que há um alto índice de realização da variante aspirada e de queda do rótico, processo explicado por um processo gradual de mudança: $r > \text{R} > x > h > \emptyset$. A conclusão foi a de que as duas variantes mais utilizadas na cidade do Rio de Janeiro, naquela época (década de 70 do século XX), eram [h] e [\emptyset], mas com predominância da última.

Dentre tantas conclusões relevantes a respeito do tema em questão, destaca-se a importância de salientar que a supressão do rótico ocorre com mais frequência em verbos. Esse resultado norteou diversos outros trabalhos que também estudaram o apagamento do /R/ em coda silábica final. Verificou-se que a classe morfológica é um dos fatores que mais influenciam no processo de apagamento e, por esse motivo, mais uma vez, nesta dissertação, os dados de /R/ em coda final foram separados em verbos e não-verbos, para que os resultados não fossem enviesados.

Outra contribuição relevante desse estudo são os resultados relativos à dimensão do vocábulo. O estudo mostrou que quanto maior o tamanho do vocábulo, maior a probabilidade de apagamento e, desde então, vários trabalhos passaram a levar em conta essa variável, sempre relevante para o apagamento.

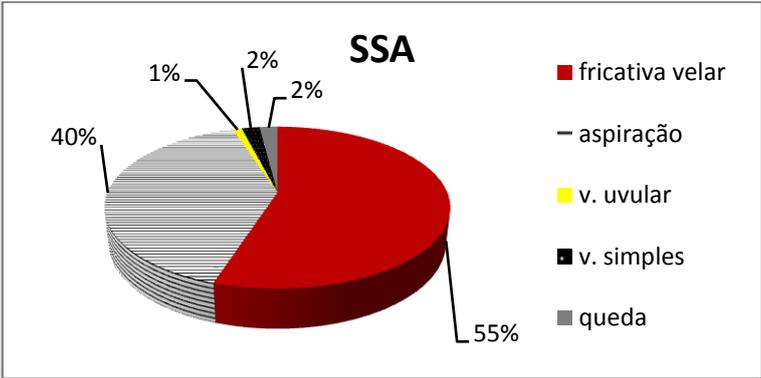
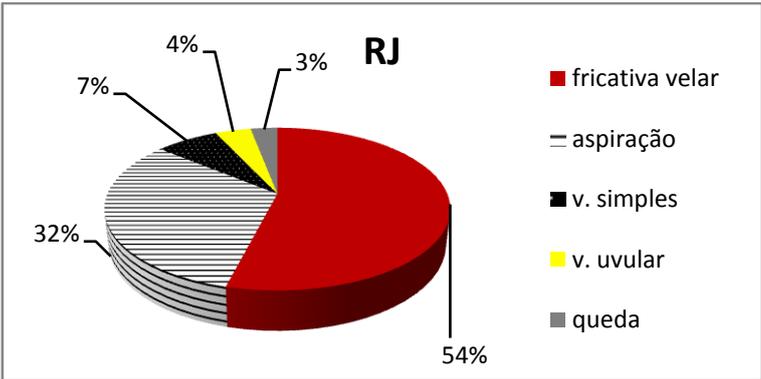
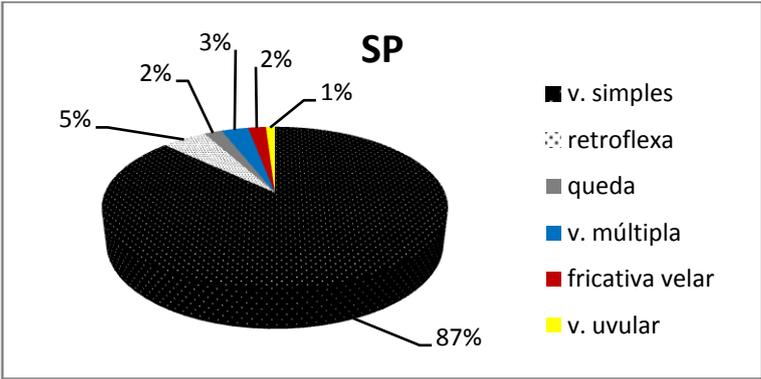
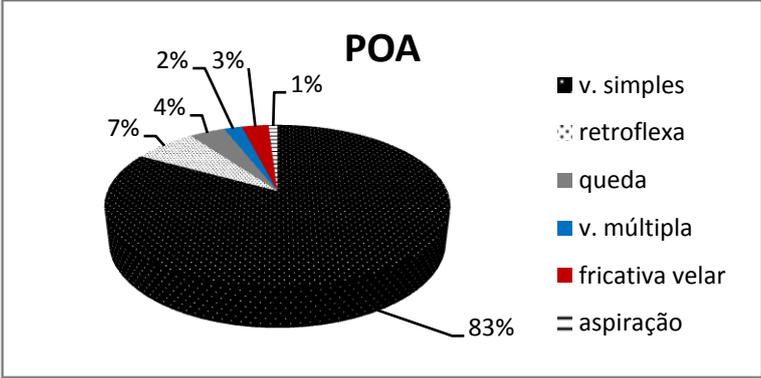
Passando para outros trabalhos que também são de grande valia para os estudos a respeito do rótico, está o de Callou *et alii* (1996), que observou o comportamento do rótico em posição de coda interna e externa, em cinco capitais brasileiras – Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Recife (RE) e Salvador (SSA), ainda com gravações da década de 1970. O estudo, já citado em seções anteriores, investiga os condicionamentos sociais, como faixa etária – 25-35 anos, 36-55 anos e 56 em diante – e gênero/sexo, e

linguísticos que condicionariam o processo de cancelamento em cada uma das capitais citadas. Mais uma vez, os dados são provenientes apenas de falantes com nível superior completo.

Os autores, além de se preocupar com os índices de apagamento do rótico, se interessam, também, por examinar a norma de pronúncia de cada uma dessas cidades: o tipo de realização (vibrante apical múltipla, vibrante apical simples, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa glotal (aspirada), aproximante retroflexa e zero fonético) parece depender não só do contexto linguístico mas também da região de origem do falante.

Segundo os resultados obtidos nesse estudo de Callou *et alii* (1996), a variante aproximante retroflexa ocorre, com maior frequência, em coda medial e apenas nas cidades de São Paulo e Porto Alegre. Já as vibrantes múltiplas, apical e uvular apresentam percentual baixo de realização e não foram registradas nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A vibrante simples é, em geral, uma característica da região sul do país e, em POA, há um alto registro dessa realização em coda interna à palavra. Em SP, contudo, também se registram altos percentuais dessa vibrante simples, seja em coda medial, seja em coda final. As fricativas, velar e aspirada, são marcas registradas do RJ, SSA e RE e predominantes em coda medial. Por fim, notou-se que o zero fonético apresenta um percentual significativo em coda final. A partir desses resultados, postula-se que há uma espécie de fronteira dialetal entre POA/SP e RJ/SSA/RE, uma vez que, nos dialetos mais ao sul do país, prefere-se a pronúncia de vibrantes, enquanto, nos lugares mais ao norte, há maior preferência pelas fricativas.

Os resultados servem também como uma fonte importante de utilização da metodologia utilizada nesta dissertação: separar os dados por contexto, coda medial e coda final, para confirmar que o rótico se comporta de maneira distinta no que se refere a essa variável. O apagamento em coda medial chega a apenas 3% (média das cinco cidades); já em coda final, o índice sobe para 61%, em Salvador - cidade em que o processo se encontra mais avançado - e 37% em Porto Alegre - localidade em que o fenômeno apresenta menores índices de queda do segmento. SP e RE apresentam números de apagamento semelhantes: 49% em SP e 50% em RE. No RJ, o índice é de 47%. A seguir, são resumidos os resultados percentuais das variantes em cada uma das cidades:



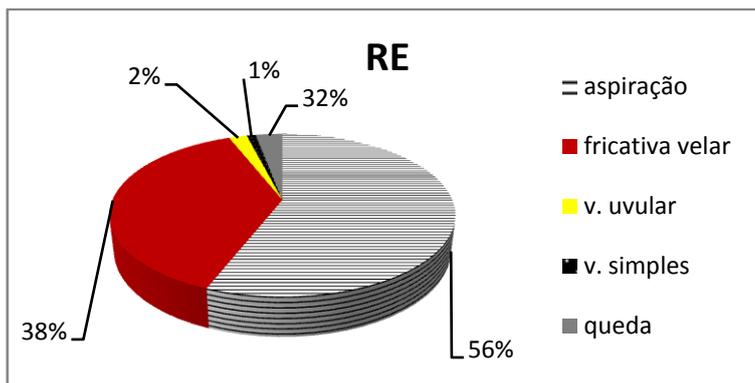
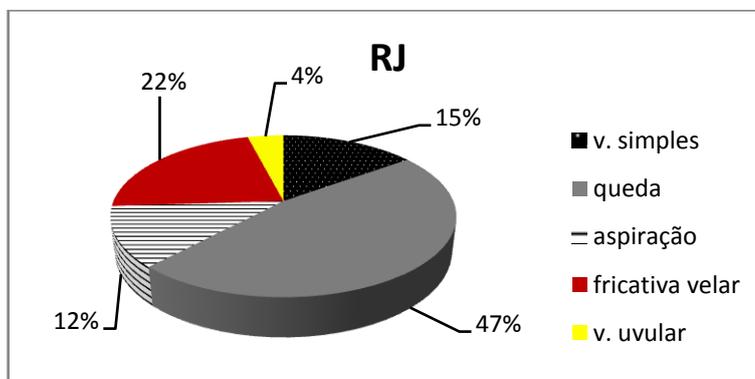
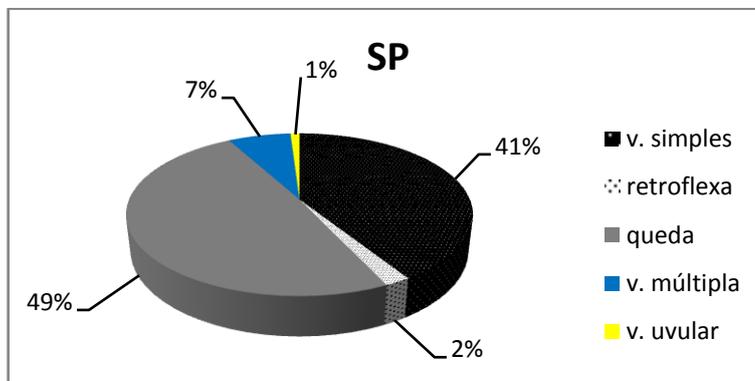
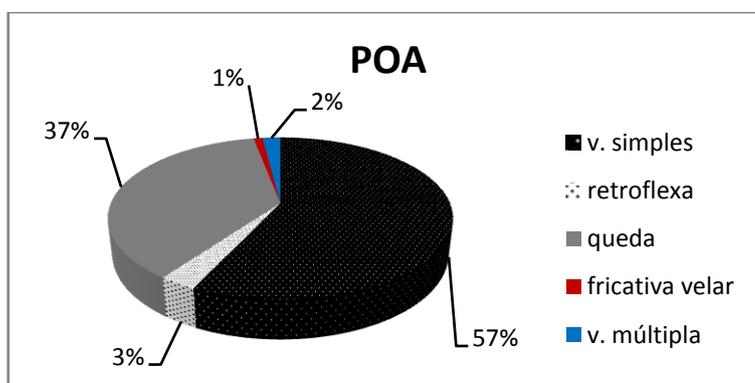


Figura 2 - Distribuição das variantes do /r/ por cidade em contexto medial (Adaptado de Callou, Moraes e Leite, 1996)



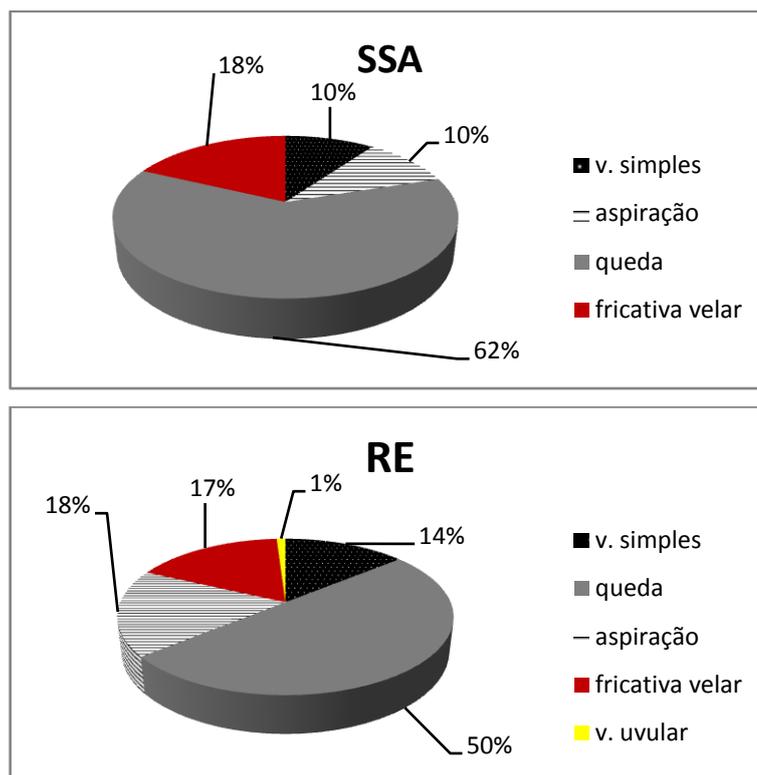


Figura 3 - Distribuição das variações do /r/ por cidade em contexto final. (Adaptado de Callou, Moraes e Leite, 1996)

A partir desses gráficos, é possível deduzir que, na coda medial, havia a preferência da vibrante anterior em POA e SP, da fricativa velar, em SSA e RJ, e da aspirada, em RE. Dessa forma, considerando que o processo de posteriorização e, conseqüentemente, de mudança, ocorreu na sequência postulada por Callou ($r > r > x > h > \emptyset$), tem-se que POA e SP estariam ainda no início da mudança; já SSA e RJ apresentariam uma pronúncia do rótico intermediária nesse processo. Recife, entretanto, já se encontrava quase no último estágio da posteriorização.

Os resultados relativos à coda final apontam que o processo de enfraquecimento já se encontra no estágio final em todas as capitais, uma vez que, mesmo que em algumas haja índices maiores de apagamento, há registros consideráveis de queda do segmento em todas as cidades estudadas. Percebe-se, ademais, que é possível pular 'etapas' na escala de posteriorização, ou seja, passar da vibrante ao zero fonético sem fases intermediárias, como se deu em POA e SP.

Uma discussão relevante feita pelos autores gira em torno da questão do cancelamento do rótico ser comum em coda, mas não em *onset*. No caso de consoantes em coda, o cancelamento ocorre com uma das finalidades de simplificar a sílaba, conforme já explicitado

em seções anteriores, buscando o padrão silábico CV. Entretanto, o apagamento da consoante em *onset* propiciaria uma sílaba apenas com vogal, gerando um possível encontro de duas vogais em sílabas diferentes, o que, segundo alguns autores não é recomendável. Outro fator que favorece a preservação do *onset* e a queda do elemento em coda é uma tendência recorrente de intensificar a explosão silábica e debilitar a implosão (GRANDA GUTTIEREZ, 1966).

A respeito do tema do apagamento do rótico em coda final, convém citar o trabalho de Brandão, Cunha & Mota (2003) em que as autoras comparam variedades da língua portuguesa, levantando dados do PB e do PE, tomando como base dados de amostras de fala das cidades do Rio de Janeiro e de Lisboa. Esse estudo contribui para uma maior sistematização do fenômeno de apagamento nessas duas variedades, uma vez que existem poucas pesquisas que comparem essas duas comunidades de fala. Em Portugal, não há grande difusão de estudos variacionistas como no Brasil, em que há um grande leque de fenômenos estudados com base na Teoria da Variação e Mudança.

As autoras utilizam o *corpus* do VARPORT e visam aferir os índices de apagamento do rótico em coda silábica final nas variedades PB e PE. Os dados são provenientes de indivíduos do sexo masculino com nível superior ou fundamental e estão distribuídos entre três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 a 70 anos.

Os resultados obtidos apontaram para uma significativa diferença entre as duas variedades: o índice de cancelamento do /R/ no PE é de apenas 26% enquanto no PB esse percentual chega a 78%. É válido ressaltar que o estudo não se limita à análise de apagamento *versus* realização, mas aborda, também, o tipo de realização do segmento. No PB, o rótico, quando realizado, é caracterizado por ser uma fricativa, na maioria das vezes, uma glotal; já no PE, o tipo de realização, em geral, é o tepe. Esses resultados permitem que cheguemos à conclusão de que essas duas variedades do português se apresentam de maneira distinta no que se refere ao fenômeno em pauta e que devem ser estudadas separadamente.

Destacam-se alguns resultados relevantes obtidos com a análise do fenômeno nessas duas comunidades:

(i) apenas no PB há diferença entre os percentuais de apagamento de acordo com o nível de escolaridade. O percentual de apagamento do rótico no PE é de 26% na fala de indivíduos com nível superior e 27% na fala dos com nível elementar. No PB, o percentual de apagamento é de 68% no nível superior e 86% no nível elementar.

(ii) os informantes mais jovens apresentam maiores índices de cancelamento do rótico no PE; já no PB, os maiores percentuais de apagamento se encontram nos falantes da faixa etária intermediária.

(iii) em relação à dimensão do vocábulo, a hipótese postulada é de que haveria maior tendência de preservar o segmento em vocábulos com menor número de sílabas, fato não verificado no PE, mas sim no PB.

(iv) no que se refere à classe morfológica, há maior índice de apagamento nos verbos no PB e, no PE, os maiores percentuais de apagamento estão nas expressões gramaticalizadas como ‘quer dizer’ ou ‘vamos dizer’.

(v) no PE, as consoantes oclusivas favorecem o apagamento do rótico em coda final. No PB, diante de lateral e vibrante, o apagamento do rótico é categórico.

(vi) a hipótese das autoras a respeito do contexto subsequente era a de que o cancelamento fosse menos frequente diante de vogal, o que se confirmou no PE, mas, já no PB é a ocorrência de uma consoante sonora no contexto subsequente que mais favorece o apagamento.

A partir de toda essa discussão a respeito das diferenças entre o PE e o PB, observa-se que há uma tendência, no PB, de simplificar a estrutura silábica de CVC -> CV. Essa tendência, contudo, não se verifica no PE, visto que, nessa variedade, há a manutenção da estrutura CVC.

Outro estudo que também apresenta a comparação entre o PB e o PE é o de Farias e Oliveira (2013). Nele, as autoras trabalham o tema do apagamento do rótico, fazendo uma comparação entre a fala espontânea e a leitura em ambas as variedades do português e utilizam, também, a teoria da hierarquia prosódica para discutir os resultados. Segundo as autoras, que levam em conta também o trabalho de Callou e Serra (2012), o fenômeno de apagamento estaria relacionado ao tipo de fronteira prosódica em que se encontra o segmento, o que explicaria a diferença entre os índices de cancelamento do /R/ serem diferentes entre coda final e medial: o cancelamento do rótico não estaria relacionado à posição de coda - que é débil na sílaba -, mas à fronteira prosódica.

Nesse estudo, trabalha-se com três diferentes fronteiras prosódicas: palavra prosódica (Pw), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP). Segundo a Teoria da hierarquia prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986/2007), a fala é segmentada em constituintes hierarquicamente organizados, que, apesar de serem interdependentes, mantêm relação entre

si e não coincidem, necessariamente, com constituintes morfossintáticos. A hipótese das autoras se baseia na seguinte premissa:

A última sílaba tônica do sintagma entoacional recebe o acento tonal e este necessita de um material segmental para recair, logo, nesta fronteira, se verificaria menos índice de cancelamento do R. Além disso, o contexto de pausa – diretamente relacionado a fronteira de IP – também inibiria o fenômeno do apagamento. A hipótese é a de que em fronteiras mais altas o apagamento seja menos recorrente. (Farias & Oliveira, 2013: 2)

Os resultados aferidos em relação à classe morfológica corroboram aqueles a que Cunha, Mota e Brandão (2003) chegaram: a separação entre verbos e não-verbos não se mostrou significativa para o processo de apagamento no PE. No PB, entretanto, essa variável se mostrou mais relevante para o fenômeno de cancelamento do rótico, conforme apontam diversos trabalhos a respeito do tema.

Além da classe morfológica, a dimensão do vocábulo, o estilo de fala (espontânea ou leitura) e a fronteira prosódica também foram selecionados como variáveis relevantes para o processo de apagamento, embora apenas para o PB. Nessa variedade, houve maior cancelamento do rótico nos vocábulos maiores (de três ou mais sílabas), sendo preservado mais frequentemente nas palavras menores, fato que também já foi constatado em diferentes trabalhos. Em relação à fronteira prosódica, as autoras concluíram que:

Sob a hipótese de que nas fronteiras prosódicas mais altas encontramos maior índice de preservação do segmento e nas fronteiras mais baixas, maior queda, foi verificado que em fronteira de palavra prosódica (pw), a mais baixa analisada no trabalho, há maior apagamento do rótico, principalmente nos não-verbos. Apesar de no PE esta variável não ter sido selecionada, os resultados vão ao encontro da expectativa de que fronteira de IP é a que mais bloqueia esse processo de apagamento também nesta variedade. (Farias & Oliveira, 2013:2)

Os resultados relativos à fala espontânea comprovaram que os verbos apresentam altos índices de apagamento (90%) no PB. Na variedade europeia, entretanto, nota-se que o processo de apagamento se encontra ainda em fase inicial “e, talvez em decorrência disso, não seja ainda sensível à classe morfológica, à dimensão do vocábulo, ao tipo de fronteira prosódica e ao estilo de fala.” (Farias & Oliveira, 2013:4)

O estudo de Callou e Serra (2012), já mencionado por Farias e Oliveira (2013), também focaliza o apagamento do rótico em coda final de palavra, tomando por base dados do Projeto NURC das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador e utiliza a teoria da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986/ 2007), para determinar o tipo de fronteira prosódica que favorece ou desfavorece o apagamento. A hipótese gira em torno de que haveria maior preservação do segmento do segmento nas fronteiras mais altas; enquanto haveria maior índice de cancelamento nas fronteiras mais baixas.

Nesse trabalho, nos dados recolhidos na década de 1970, o fenômeno de apagamento se encontra bastante avançado em Salvador, não importando a classe morfológica do vocábulo. Já na capital fluminense, a classe morfológica ainda se mostrou relevante, uma vez que o apagamento do /R/ alcançou o índice de 70% nos verbos e apenas 3% nos não verbos.

Já na década de 1990, os números percentuais relativos ao apagamento do rótico no RJ aumentaram: nos verbos, há 81% de apagamento e nos não verbos, 66%. Em relação à estrutura prosódica, as autoras perceberam que as fronteiras de sintagma fonológico e de sintagma entonacional (as mais altas) parecem favorecer a preservação do rótico - conforme hipótese postulada. Essa relação entre a fronteira prosódica e o processo de cancelamento ficou mais clara na década de 70, pois, na de 90, os índices de cancelamento do rótico estão tão altos que nem mesmo os níveis prosódicos mais altos inibem o fenômeno da queda do segmento. Em 70, os resultados aferidos para os falantes do RJ apontaram que o apagamento do /R/ em não-verbos estava restrito à fronteira de palavra prosódica, a mais baixa estudada pelas autoras. Em relação aos verbos, os números mostram que nenhuma fronteira inibe o processo de apagamento do rótico, visto que, tanto no RJ quanto em SSA, os índices nessa classe morfológica são muito altos, indo em direção a uma mudança.

Para finalizar este resumo a respeito de alguns dos estudos feitos com a temática do /R/ em coda, vale destacar o trabalho de Labov (2008) sob perspectiva sociolinguística “*A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*”, artigo que faz referência à sua tese *The social stratification of English in New York city*, de 1966. Nessa pesquisa, Labov observou que a conservação do **R** ocorreu com maior frequência na loja considerada de classe média/alta do que na loja de classe mais baixa, ou seja, a preservação do rótico, nesse estudo, parece ser um fator de prestígio.

O autor utiliza um método diferente para confecção de seu *corpus*:

O entrevistador se aproxima do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento específico. O departamento em questão ficava

no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, a resposta geralmente era: “Fourth floor” (“Quarto andar”). p. 70

Três lojas foram a fonte de dados dessa pesquisa: *Saks Fifth Avenue*, loja com status superior; *Macy's*, status médio e *S. Klein*, com status inferior. A partir da observação dos dados, o autor chegou ao resultado de que 62% dos empregados da *Saks*, 51% da *Macy's* e 21% da *Klein* usam pronúncias constrictivas e quase nenhuma pronúncia como ‘schwa’, vogal alongada ou nenhuma fonação, comprovando a hipótese inicial de que “os grupos estão ordenados por seu uso diferenciado de (r-1)¹ na mesma ordem de sua estratificação por fatores extralinguísticos”.

Todos os trabalhos a respeito do rótico, de alguma forma, trazem contribuições relevantes para o estudo da queda do segmento no decorrer do tempo. Estudos provam que esse fenômeno já é registrado na língua há um considerável tempo e que parece avançar largamente, principalmente no que se refere à posição de coda final de vocábulo. Percebe-se que há fatores linguísticos e sociais que condicionam esse processo de apagamento e que, mesmo que esses condicionamento tenham perdido força ao longo dos anos, ainda se mostram atuantes, como é o caso da classe morfológica, que é um fator que influencia o processo de queda do /R/.

Esta dissertação busca trazer uma análise variacionista a respeito do apagamento variável do rótico em duas comunidades de fala que ainda não foram alvo de estudo sistemático, Teresina e Corrente, com a finalidade de observar o apagamento do rótico em dois pontos do mesmo Estado (capital e interior), ampliando o escopo dos estudos sociolinguísticos a respeito do tema.

A análise, entretanto, não se restringe à Teoria Variacionista, mas abarca uma análise acústica da vogal precedente. Nesse viés, não há muitos estudos que se debrucem sobre a duração vocálica de sílabas com coda preenchida - realizada ou não foneticamente. De qualquer forma, são apresentadas, na próxima seção, pesquisas que também analisam acusticamente a sílaba.

¹ O autor utiliza a nomenclatura (r-1) para se referir à pronúncia constrictiva/fricativa.

1.4 Estudos acústicos

O grande estudo motivador da análise acústico dessa dissertação foi o trabalho de Mezzomo (2003a) a respeito da aquisição da coda na fala de crianças. A autora fez um levantamento de trabalhos que analisassem um possível alongamento da vogal antecedente ao segmento em coda. Em relação à pesquisa de Weismer, Dinesen e Elbert (1981), em que os autores perceberam que, na fala de crianças, a duração da vogal precedente ao elemento em coda era contrastiva, ou seja, o alongamento era responsável pela mudança de significado:

Ex: dog - [dɔ:]²

duck - [dɔ]

Jakobson (1981) também registrara um alongamento compensatório da vogal em sílabas pesadas quando o /R/ pós vocálico não era foneticamente realizado. Miranda (2001) também investigou a duração da vogal em casos em que o segmento em posição de coda não é realizado e registrou uma duração maior da vogal nos contextos em que o /R/ que trava a sílaba não é pronunciado pela criança:

Palavra	Produção	Duração da vogal (ms)
Porta	[po:ta]	399
Coca	[ko.ka]	204

Tabela 1: Alongamento compensatório da vogal em sílaba CVC (Retirado de Miranda, 2001)

Os resultados obtidos por Mezzomo (2003) permitem à autora chegar à seguinte conclusão:

O alongamento verificado em faixas etárias anteriores ao surgimento da coda pode apontar para uma emergência mais precoce ainda da sílaba CVC. Adotar essa estratégia de reparo não prejudica a unidade temporal da sílaba travada, apesar de a forma fonética do segmento da coda não ser realizada.

Dessa forma, alongamento mostra o que há é um conhecimento da criança a respeito da existência da coda e joga luz sobre representação subjacente da criança que adota tal recurso. (Mezzomo, 2003: 81)

² O alongamento de segmentos é representado pelo sinal de pontuação dois pontos (:)

Com base nos trabalhos a respeito da aquisição do constituinte coda e o alongamento compensatório (MEZZOMO, C.L, 2003a, MEZZOMO, C.L, 2003b, MEZZOMO, C.L.; KESKE-SOARES, M.; MOTA, H.B., 2004) constata-se que a “*manutenção da posição de coda na camada temporal através de alongamento vocálico, antes do período de surgimento dos fonemas adequados nessa posição.*” (MEZZOMO, MOTA, DIAS & GIACCHINI, 2009:36).

A análise de Mezzomo se limita a dados coletados em crianças na fase de aquisição da coda e os resultados apontam para o fato de essa estratégia de reparo temporal ser produtiva no PB. A autora utiliza, para a composição do *corpus*, palavras retiradas de conversas espontâneas com crianças que apresentavam a estrutura (C)VC, com os elementos /N/, /l/, /s/ e /r/ em coda, sem que estes sejam realizados. Essa estrutura se encontrava tanto em coda final quanto em coda medial. O estudo não menciona, entretanto, os contextos maiores em que o elemento em coda está inserido. Em outros termos, não é explicitado em que fronteira prosódica se encontra o vocábulo com coda, por exemplo.

É válido ressaltar que, nesta dissertação, levaram-se em conta, também, possíveis diferenciações comportamentais do alongamento compensatório a depender da fronteira prosódica em que o elemento está inserido. Como alguns trabalhos apontam (SERRA, 2009), parece que há um comportamento duracional distinto de acordo com o nível de fronteira prosódica e, conforme será melhor explicitado na seção sobre a metodologia, nesta dissertação, analisaremos apenas os casos em que as palavras com /R/ em coda final se encontram em fronteira de sintagma entoacional.

O trabalho de Santos e Leal (2010) discute a relação entre os domínios prosódicos e a duração da sílaba no PB. Esse estudo é relevante, uma vez que traz aspectos importantes a serem levados em conta a respeito das diferentes sílabas do PB: (i) as autoras apontam que o alongamento é um dos processos mais recorrentes em fronteira de sintagmas (OLLER, 1973); (ii) esse alongamento “*aumenta à medida que os domínios prosódicos ficam mais altos, isto é, o alongamento em fronteira de palavra é menor do que em fronteira de frase entoacional*” (p. 142).

Essas considerações são relevantes para o nosso estudo, pois trabalhamos justamente com esse fenômeno de alongamento compensatório. Mesmo que as autoras não analisem apenas o comportamento da vogal e não trabalhem diretamente com os casos de apagamento do segmento em coda, pode-se verificar que, de fato, as fronteiras prosódicas tendem a se comportar de maneira distinta, o que pode vir a influenciar o nosso estudo.

Além disso, Fougeron e Keating (1997) mostram que na fronteira de final de enunciado (IP), a última sílaba é alongada, bem como a sílaba tônica. Isso se daria, segundo os autores, pelo fato de essa sílaba também carregar o acento tonal.

É interessante ressaltar uma nota de rodapé no estudo de Santos e Leal (2010) que menciona justamente o processo de apagamento do rótico:

Uma parecerista chama a atenção de que poderia ser utilizada a forma enviá em (14b). No entanto, não é claro que neste caso tenhamos uma sílaba CV, ou se se trata de uma sílaba CVC cuja constante final (a marca de morfema) foi apagada, mas aplicando-se um alongamento compensatório na sílaba (cf., por exemplo, BISOL, 1998, que menciona o alongamento compensatório da vogal quando a coda nasal é apagada). Por isso, enquanto não forem conduzidos mais estudos fonéticos desse tipo de sílaba, não é possível fazer comparações entre sílabas como (14a) e (14b). (SANTOS, 2010: 148)

As frases as quais a autora se refere em 14a e 14b são:

(14) a. o menino pode me enviá-lo

(14) b. o menino pode me enviar o sapato.

A partir dessa observação, é possível verificar que o apagamento do rótico em coda é um fenômeno que pode vir a influenciar a duração silábica, mas, conforme as autoras bem observam, essa questão ainda não foi objeto de um estudo mais sistemático. Além disso, nesse âmbito, lembre-se a constatação de Bisol (1998) a respeito da nasal em coda, quando afirma que, quando esse elemento é apagado, há uma reassociação do traço nasal à vogal: *“Então, a vogal temática, como marcador de classe, ocupa a posição disponível da coda. E o traço nasal, reassociado à rima percola até atingir todos os segmentos terminais, ou seja, as vogais que a compõem.”* (<http://ref.scielo.org/3cfd2v>)

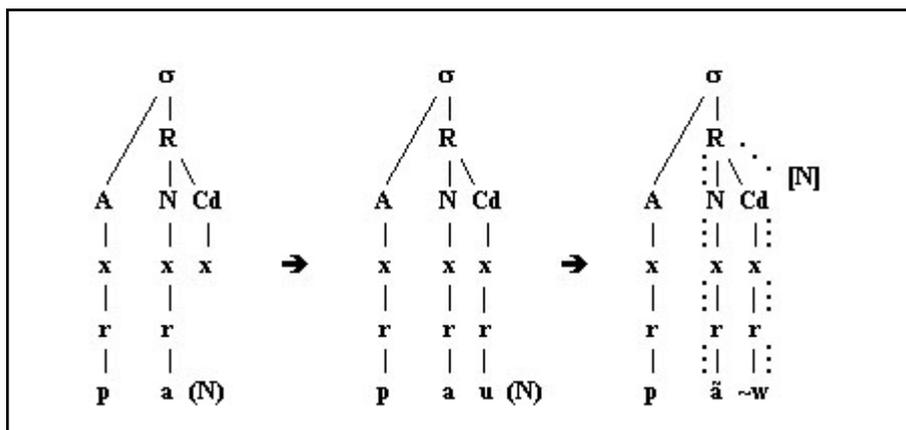


Figura 4 - Representação silábica de pão (Retirado de Bisol, 1998)

Analogamente à proposta de Bisol, pode-se pensar que, também nos casos de apagamento do rótico, haveria uma reassociação da coda perdida à vogal antecedente.

Voltando, entretanto, à questão das fronteiras prosódicas, Fougeron e Keating (1997) postulam que a sílaba tônica seria alongada em final de enunciado - fronteira de sintagma entoacional - justamente por carregar em si um acento entoacional. Segundo esses mesmos autores, somente nesse tipo de fronteira haveria o alongamento e, nos demais níveis prosódicos, tal alongamento não seria representativo.

Santos e Leal, na pesquisa a respeito da duração das sílabas, chegaram a seguinte constatação:

(...) os resultados descritivos mostraram que as sílabas tônicas são mais alongadas na frase entoacional e têm aproximadamente a mesma duração nos outros domínios. É interessante observar que este alongamento segue o mesmo padrão de alongamento das pós-tônicas, de modo que nunca foi o caso de a pós-tônica alongar-se mais do que a tônica. Uma questão a ser levantada neste caso é se este alongamento ocorre por conta do domínio prosódico (FOUGERON; KEATING, 1997) ou porque a duração é o correlato acústico do acento primário no PB (FERNANDES, 1996; MORAES, 1987; e MASSINI-CAGLIARI, 1992)

De acordo com as próprias autoras ainda há a necessidade de estudos aprofundados para se obter uma explicação mais clara do fenômeno. Em outras palavras, nem a hipótese de o alongamento da tônica ser maior em fronteira entoacional e nem a de o alongamento da pós-tônica nunca ser maior do que o da tônica são descartadas, mas é preciso uma análise mais minuciosa.

Em suma, esses são alguns dos resultados obtidos por pesquisas anteriores que versam sobre duração silábica e alongamento compensatório. Nenhum deles trata especificamente do tema desta dissertação, mas apresentam contribuições significativas para que se possa pensar em fatores que influenciem esse alongamento compensatório quando ocorre a queda do segmento em coda.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Teoria da Variação e Mudança (TVM)

A variação e mudança linguísticas são intrínsecas a qualquer língua e, desse modo, a língua portuguesa falada atualmente é diferente da que era falada há 500 anos e será diferente da falada no futuro. Formas novas foram, são e serão inseridas na língua e outras caíram, caem e cairão no desuso. É evidente que nem toda variação leva a uma mudança linguística, entretanto, toda mudança implica um processo de variação.

A Teoria da Variação e Mudança (TVM) visa a uma sistematização do comportamento linguístico e prevê que tanto aspectos linguísticos quanto extralinguísticos são capazes de influenciar esse comportamento. Além disso, tem como pressuposto teórico que a língua é um sistema cuja variação é prevista e se estabelece de forma ordenada e sistemática. Nesse aparato teórico, as mudanças linguísticas não acontecem de maneira abrupta, mas sim por meio de um processo gradual e, para que uma mudança linguística ocorra, é necessário que antes haja um período de variação entre formas linguísticas, chamadas de variantes, que concorram entre si.

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] desejamos uma teoria da mudança linguística que lide nada menos do que com a maneira como a estrutura linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente. (Weinreich, Herzog & Labov, 2006. Tradução de Marcos Bagno, p. 36-37).

Para a Sociolinguística, a língua é um fato social, ou seja, não possui apenas uma função comunicativa, mas, também, social, o que indica que determinados usos podem ou não sofrer preconceito socialmente. É inegável que há variantes que são estigmatizadas e outras que são mais aceitas socialmente e há uma enorme discussão a respeito do que pode ou não

influenciar para que determinado fenômeno variável seja estigmatizado, mas acredita-se que toda forma que é “mal vista” pela sociedade diz respeito àquelas que são associadas às camadas economicamente mais baixas e menos escolarizadas. A falta de concordância – tanto verbal quanto nominal – são exemplos de fenômenos inegavelmente em variação que são estigmatizados pela sociedade (VIEIRA, 2013). Casos como “a gente vamos” e “as menina vai” são considerados desvios significativos de uso da língua portuguesa. Pessoas que utilizam essas variantes são, muitas vezes, alvo de discriminação, visto que a língua é regida por uma hierarquia de valores. Também no nível fonético-fonológico, há certos usos linguísticos que são alvo de preconceito, tais como o fenômeno chamado de rotacismo, ou seja, a troca do fonema /l/ pelo /r/, em que o falante pronuncia “bicicreta” no lugar de “bicicleta”.

Diferentemente de outros modelos, a sociolinguística admite a heterogeneidade da língua e busca verificar os fatores sociais e linguísticos que condicionam a variação e/ou o processo de mudança linguística. Algumas ferramentas normativas, entretanto, não reconhecem e não legitimam a variação linguística presente nas línguas e, por muitas vezes, condenam determinados usos linguísticos. O que se nota, porém, é que existe uma grande diferença entre aquilo que a gramática normativa propõe ser o “português correto” e o que a comunidade de fala utiliza em seu vernáculo.

Neste sentido, a norma-padrão não é exatamente uma variante da língua, mas apenas uma abstração, e seu objetivo é chegar a uma “uniformização”; enquanto a norma culta seria a variante linguística de uso real dos falantes mais escolarizados, em situações mais monitoradas. Não se deve esquecer também que dentro de uma mesma comunidade de fala há diferentes normas linguísticas que recobrem desde as variantes mais prestigiadas socialmente às menos prestigiadas.

Em qualquer norma linguística, seja mais ou menos prestigiada, há variação e esta não deve ser tratada como assistemática ou um “caos”, mas como um fenômeno que pressupõe uma heterogeneidade linguística não-aleatória. A Sociolinguística contribuiu, então, para a *“constatação de que muitas formas não-padrão também ocorrem na fala de pessoas com*

nível superior, principalmente nos momentos mais informais”, como apontam Cezario & Votre (2009, p.142).

A TVM difere das demais correntes linguísticas, uma vez que

(...) a presença de um componente social na análise linguística e a noção de língua como sistema heterogêneo. Abandona-se, portanto, a língua do indivíduo (idioleto) como objeto de análise, passando-se a considerar a língua do grupo social no âmbito da comunidade de fala. Além disso, as análises da língua deixam de contar apenas com elementos internos ao sistema e passou a considerar fatores extralinguísticos para a explicação de fenômenos de variação e mudança. Em suma, a Sociolinguística se ocupa da relação entre a língua e sociedade e do estudo da estrutura da mudança linguística dentro de um contexto social da comunidade de fala. (COELHO, GÖRSKI, SOUZA & MAY, 2015:59).

Ressalta-se, também, a importância dada às chamadas regras variáveis nesse aparato teórico-metodológico. Tais regras permitem que, em diferentes contextos - linguísticos, sociais ou até estilísticos -, seja possível alternar variantes. É importante salientar que o termo variante remete àquelas formas que estão em variação, ou seja, formas alternativas, em um mesmo contexto, que concorrem sem mudança de significado. Essas variantes carregam em si uma avaliação social; em outros termos, a sociedade atribui um valor a cada uma das variantes, sendo ele positivo ou negativo. O julgamento negativo dado a determinada variante ocorre devido ao grande preconceito linguístico ainda existente em nossa sociedade; preconceito esse registrado em diversos âmbitos, como econômico, racial, sexual e, como não poderia deixar de ser, também, linguístico. Conforme afirma Gnerre (1985:4), *“uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedades seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”*. Em suma, julga-se o falante e não sua fala: a sanção é extralinguística.

O senso comum ainda preconiza que casos de variação não devem ocorrer na língua e que “falar bem” é falar de acordo com as normas gramaticais. A Sociolinguística contribui, então, para propagar estudos científicos centrados na relevância de formas alternantes de

dizer a mesma coisa, uma vez que essas variantes representam, em grande parte, quem somos, de onde viemos, quantos anos temos.

No caso do estudo em pauta, o apagamento do rótico - zero fonético [Ø] - é uma das possibilidades, em posição de coda silábica final (e, em algumas localidades do Brasil, até mesmo em coda medial), uma vez que não há alteração de significado quando se pronuncia amo[Ø] em lugar de amo[R], por exemplo. As variantes linguísticas podem sofrer avaliações sociais, conforme vimos anteriormente, sendo estigmatizadas ou não, de acordo com seu valor social, uma vez que a língua se encontra em uso dentro de uma comunidade de fala. Esse estigma, contudo, não parece se dar, em relação ao apagamento do rótico em coda final, por ser o fenômeno bastante recorrente no PB e passar despercebido aos ouvidos dos falantes mais conservadores, na maioria dos casos, especialmente nas regiões do país em que a realização do rótico é uma fricativa velar ou glotal, como no Nordeste e Sudeste do Brasil.

A perspectiva linguística com que trabalhamos destaca o fator social da língua, visto que analisa fenômenos variáveis dentro de uma comunidade real de fala, que *“se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um conjunto de regras.”*(ALKMIN, 2012: 31).

A TVM trouxe para os estudos linguísticos a análise de fenômenos variáveis, dando espaço à diversidade do sistema linguístico atestado no uso real de seus falantes. Além disso, focaliza processos de variação e mudança, no intuito de explicitar princípios internos/linguísticos e externos/sociais que regem sua atuação.

Em geral, elencam-se dois parâmetros sociais básicos: a variação geográfica ou diatópica e a variação social ou diastrática. A primeira - variação diatópica - se relaciona às diferenças linguísticas relativas às regiões geográficas de origem do falante. Dessa forma, atesta-se que ocorre variação entre falantes de diferentes áreas geográficas. Um bom exemplo, no escopo do tema desta dissertação, é a variação na pronúncia do rótico em coda final, em diferentes localidades. Na região Sul do país, por exemplo, conforme indica o trabalho de Oliveira (2017), sobre as realizações do rótico nas capitais dessa região, percebe-se que há uma pronúncia [+anterior], com uma predominância do tepe e da aproximante retroflexa.

Esse traço [+anterior] talvez explique a maior preservação do segmento nesta região. Já em outras localidades do Brasil, como na região Nordeste, há a pronúncia majoritária de uma fricativa velar, com um traço [-anterior], que poderia talvez favorecer a queda do segmento. Esses dois exemplos deixam clara a variação existente entre diferentes localidades, uma vez que os falantes de cada região elegem uma ou outra como norma de pronúncia.

Em relação à variação diastrática, podemos relacionar outros fatores de natureza social que compõem essa variação. As diferentes classes sociais, a faixa etária, o sexo e o contexto social são fatores que podem também condicionar a variação linguística. No caso das classes sociais, há variantes que remetem às classes mais baixas, por exemplo, o que resulta, em muitas situações, em um preconceito social, conforme já foi mencionado. No que tange à idade, a variação lexical, por exemplo, diferencia a fala dos mais jovens da dos mais velhos. Já em relação ao sexo, pesquisas afirmam que há recursos expressivos mais característicos das mulheres que dos homens, tal como o uso do diminutivo (CAMACHO, 1978), e também que as mulheres estariam uma geração à frente dos homens, no âmbito da fonologia. Por fim, o contexto social em que os falantes se comunicam seria um fator relevante na escolha de uma ou outra variante. É sabido que a fala de indivíduo muda de acordo com o seu interlocutor: se fala com um familiar ou com um chefe, por exemplo. Dessa forma, supõe-se que o falante modifica sua linguagem e elege determinadas variantes, de acordo com a situação de fala em que se encontra.

Vale ressaltar que essas variações referentes ao contexto são chamadas de variações estilísticas ou de registro e fica claro, no que concerne à variação, que os falantes não optam por uma ou outra variante somente pela sua origem social ou geográfica, mas também de acordo com as circunstâncias linguísticas em que se insere. O falante tende a moldar-se à situação sociointeracional e eleger a variante adequada ao contexto. Dessa forma, é comum que, em situações mais informais, como diálogos entre amigos e/ou familiares, as preocupações formais sejam menores e que emerja daí o vernáculo. Segundo Labov, surge, nesse momento o paradoxo do observador, uma vez que:

o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. (Labov, 2008 [1972] p. 245)

Partindo desse princípio, muitos trabalhos de cunho sociolinguístico, com o objetivo de obter a fala mais espontânea possível, descartam os minutos iniciais das gravações, uma vez que o falante, no começo das entrevistas, ainda se encontra mais tímido, menos relaxado, no contexto comunicativo. Em o desejo dos pesquisadores que adotam essa teoria é a obtenção do vernáculo do falante. Acredita-se que, no decorrer da entrevista, o indivíduo passe a monitorar menos a sua fala e não esteja tão atento às regras gramaticais.

Pode-se dizer que ocorre uma mudança linguística nas situações em que, em um determinado período, duas variantes concorriam, ou seja, estavam em variação, mas, após determinado período, uma delas ganha espaço e passa a ser a única variante. Um bom exemplo de caso em que a mudança já foi estabelecida é a pronúncia do /l/ pós-vocálico: na maior parte das regiões do território brasileiro, essa consoante é pronunciada como uma semivogal [w], em casos como quarte[w], sa[w].

Segundo a Teoria da Variação e Mudança, um fenômeno pode ser enquadrado em uma variação estável – como é o caso do alteamento da pretônica, em que [e→i] e [o→u] quando se encontram na sílaba anterior à tônica - ou em um caso de mudança em progresso. No primeiro caso, há uma variação entre duas ou mais variantes, em que as variantes coexistem sem que se encontrem indícios de que uma irá suplantar a outra. No caso de mudança em progresso, registra-se uma competição entre variantes, em que há o aumento do uso de uma dessas variantes [R em coda final →∅]. Ao analisar o momento atual da língua, torna-se difícil atestar se determinado fenômeno está em variação estável ou mudança em progresso, sendo necessário observar diferentes sincronias.

O modelo teórico da sociolinguística permite que sejam feitas diferentes análises para atestar a mudança linguística: o tempo real (de longa e de curta duração) e o tempo aparente. As pesquisas realizadas em tempo real de longa duração são aquelas em que o pesquisador faz um estudo diacrônico ao longo dos séculos e o de curta duração, quando são observados

momentos distintos, em geral, com uma distância temporal de aproximadamente vinte e cinco anos. Nesses casos, pode-se gravar um informante em determinada época e recontactá-lo anos mais tarde para verificar se houve alteração em suas escolhas linguísticas (estudo de painel) ou observar como a comunidade se comporta nos dois momentos (estudo de tendência). No estudo em tempo aparente, observa-se a distribuição do fenômeno por diferentes faixas etárias.

Xavier (2016), em sua Dissertação de Mestrado, apresenta um estudo primoroso, em tempo real, a respeito da variação de pronúncia do rótico na fala cantada, tomando por base a música popular brasileira de diferentes épocas, chegando a identificar a mudança na realização do segmento.

Os estudos em tempo aparente são aqueles que os pesquisadores gravam informantes de diferentes faixas etárias em um determinado recorte temporal. Nossa pesquisa se enquadra nesse tipo de estudo, visando a observar o comportamento linguístico de indivíduos jovens e velhos. Não deixamos, contudo, de fazer uma comparação com outras análises, em outros momentos discretos, uma vez que a análise comparativa do fenômeno pode nos apontar pistas relevantes sobre o processo de mudança em progresso no apagamento do rótico, em especial, em coda final. Percebemos, como poderá ser visto mais adiante, que há uma curva de mudança em progresso no fenômeno do apagamento do R, pois registrou-se um aumento considerável de apagamento [Ø] em detrimento de outras variáveis do rótico, sejam tepe, fricativas velares ou glotais (aspiração). Ao observar esses resultados, nota-se que os falantes mais escolarizados usam a forma inovadora - no caso, o zero fonético -, o que denuncia que essa forma não é mais estigmatizada, passando a ser a norma daquela comunidade de fala, em coda final.

Nosso *corpus* não permite que façamos um estudo de tempo real em Corrente/PI, pois, até a divulgação do ALiB, não havia registros para pesquisa dessa comunidade de fala, localizada a 852 quilômetros de distância da capital Teresina. O objetivo aqui é comparar uma cidade do interior do Piauí, bem distante da capital, buscando verificar se, no caso do cancelamento do rótico os falantes seguem comportamentos linguísticos semelhantes aos de

Teresina. Além disso, o aspecto inovador do trabalho diz respeito à duração acústica da vogal que precede o segmento que sofre o cancelamento., de que falaremos na próxima seção.

Na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança, cinco questões norteiam os pesquisadores: o problema da transição, das restrições, do encaixamento, da implementação e da avaliação.

O problema da transição se refere à investigação das etapas pelas quais as mudanças linguísticas passam. Sabe-se que as mudanças não acontecem “de uma hora para outra”, mas são contínuas. Há uma fase intermediária em que diferentes variantes coexistem até que uma determinada variante caia em desuso e a outra permaneça ou essa mudança se estabilize e as duas variantes (ou mais) coexistam. Dessa forma, cabe ao pesquisador analisar o estágio intermediário da mudança, ou seja, verificar por quanto tempo essas variantes coexistiram e tentar elencar as razões pelas quais uma variante substitui a outra.

O problema das restrições/dos fatores condicionantes diz respeito a que mudanças são possíveis, a partir de fatores externos ou internos. Aliam-se, nessa questão, os aspectos sociais e estruturais que podem interferir no processo de variação ou mudança linguística e analisam-se quais fatores inibem certas mudanças.

O problema do encaixamento prevê que a mudança linguística não ocorre de maneira isolada, mas sim encaixada em um conjunto de outras mudanças. Nesse sentido, há mudanças que ocorrem e favorecem outras mudanças estruturais na língua.

O problema da implementação reflete a interrelação de todos os demais problemas e busca-se entender como ocorre a mudança linguística no curso do tempo. Nesse aspecto, o pesquisador visa a responder a seguinte pergunta: *"por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?"* (WEINREICH *et alii*, 1968:37). Em outros termos, deseja-se chegar à resposta de quais fatores sociais e linguísticos desencadeiam o processo de mudança em um determinado espaço e tempo.

Por fim, o problema da avaliação tem relação direta com a forma como os falantes avaliam uma determinada variante (negativa ou positivamente). Há alguns fenômenos que são

avaliados negativamente pelos membros de uma comunidade de fala como é o caso da não expressão da marca de concordância, conforme já referido. A falta de concordância ainda é um dos poucos aspectos morfossintáticos que ainda diferencia as chamadas fala “cultas” da “popular”. Diversos estudos apontam que os indivíduos de escolaridade mais alta tendem a realizar mais marcas de concordância do que os menos escolarizados (VIEIRA, 2013). A falta de concordância acaba sendo, avaliada negativamente pela comunidade de fala, enquanto a presença de marcas de concordância associa-se à variedade mais prestigiada da língua.

Esses julgamentos a respeito da língua podem ser feitos pelos falantes de forma consciente ou inconsciente e, segundo Labov, existem três categorias de significado social relativas às formas em variação: os estereótipos, os marcadores e os indicadores.

Os estereótipos são aqueles traços marcados de forma consciente pelo falante. Em outros termos, são variantes estigmatizadas socialmente e, por essa razão, tendem a desaparecer, fazendo, assim, com que ocorra uma mudança linguística. É válido ressaltar, também, que o prestígio associado a uma ou outra forma varia de comunidade para comunidade e pode ser positivo para um grupo e negativo para outro. Um bom exemplo de estereótipos é a variação entre [d] e [dʒ] diante de [i], em que, em grande parte do Nordeste brasileiro, encontra-se a variante [d], enquanto, no Rio de Janeiro, por exemplo, a preferência é pela pronúncia [dʒ].

Os marcadores são os traços que, em geral, são diagnosticados em testes de avaliação. Há casos de variantes que, apesar de serem rejeitadas por alguns falantes, ainda assim são utilizadas por estes. No caso da variação entre o uso de ‘tu’ e ‘você’, pode-se perceber que a alternância se dá, muitas vezes, graças a questões estilísticas, como grau de intimidade, por exemplo.

Por fim, há os indicadores, que são traços quase sem nenhuma avaliação por parte do falante. Nesse caso, a escolha de cada uma das variantes pode ser diferente, de acordo com a idade, a região ou o grupo social, mas, em geral, não possui uma influência estilística. No caso da monotongação, por exemplo, temos um indicador que não apresenta um valor social ou estilístico, não havendo, portanto, valoração negativa nesse fenômeno.

Como se toma como base a Teoria da Variação e Mudança, é válido esclarecer que, para compor nossa análise sociolinguística, enfatiza-se a análise quantitativa dos dados, sem contudo, deixar de lado o caráter qualitativo. Para essas análises, não se pode deixar de lado o conhecimento prévio do pesquisador, oriundo de todas as pesquisas já realizadas sobre o tema estudado. No caso do apagamento do rótico, inúmeros trabalhos já foram realizados tendo como base esse segmento em posição de coda silábica final. Dessa forma, não se parte do zero em relação ao trabalho com as variáveis dependentes e independentes.

Entende-se como variável dependente a variável alvo do estudo, que admite diversas variantes. No caso desta Dissertação, a variável dependente é binária, ou seja, se reduz a duas possibilidades: a realização do rótico em posição de coda e a ausência do segmento nesse mesmo contexto. No que concerne às variáveis independentes, são aquelas que estabelecem relação com a variável dependente e podem condicionar a ausência ou manutenção do segmento. No caso em pauta, as variáveis independentes consideradas são: (a) dimensão do vocábulo; (b) contexto subsequente ao rótico; (c) tipo de consoante subsequente (quando o contexto subsequente apresentar uma consoante); (d) sexo e (e) faixa etária. Ressalte-se que as variáveis independentes podem ter origem linguística ou social.

2. 2 Teoria da Sílabas

A sílaba, a partir de trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976), ganha um status de unidade fonológica e, com esse novo status, surgem novas pesquisas cujos temas centrais tratam dessa unidade fonológica. Collischonn (1996) apresenta, de maneira clara e objetiva, as duas principais teorias sobre a estrutura interna das sílabas: (i) a teoria autosegmental e (ii) a teoria métrica.

A teoria autosegmental, proposta por Kahn (1976), afirma que a sílaba é um nó (σ) em que os segmentos se ligam diretamente, conforme representado no esquema a seguir (1)

(1)

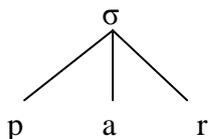


Figura 5 - Representação de sílaba na teoria autosssegmental (retirado de Collischonn, 1996)

Observa-se que essa “teoria prevê que o relacionamento entre os três elementos é igual” e que “somente a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas”(COLLISCHONN, 1996: 96).

Já a teoria métrica, defendida por Selkirk (1982), propõe que as sílabas apresentem um maior relacionamento entre a vogal e o núcleo e a consoante da coda do que essa vogal e a consoante em *onset*, conforme explicitado no esquema a seguir (2). Ressalta-se, nesse esquema, que a letra A representa o ataque/*onset*; o /R/, a rima, Nu representa o núcleo e, por fim, C diz respeito à coda.

(2)

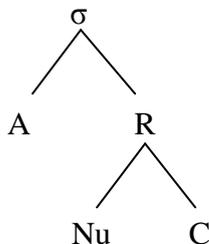


Figura 6 - Representação de sílaba na teoria métrica (retirado de Collischonn, 1996)

A distinção entre as sílabas leves e pesadas já foi constatada no latim, língua que deu origem a diversas outras, e pode refletir na regra de atribuição do acento. Em geral, o acento recai sobre as sílabas pesadas.

A forma como a sílaba se constitui é fator determinante para verificar o peso silábico; todas as sílabas pesadas possuem mais de um elemento e se tornam pesadas se estes elementos se encontrarem em coda. Na palavra latina *lacrima*, conforme explica Collishonn, acento recai sobre ‘la’, mesmo que a sílaba ‘cri’ possua três elementos. Em ‘perperci’,

também palavra latina, o acento recai sobre ‘per’, uma vez que essa sílaba apresenta três elementos com um deles em coda, tornando a sílaba pesada. Observe as representações a seguir (3):

(3)

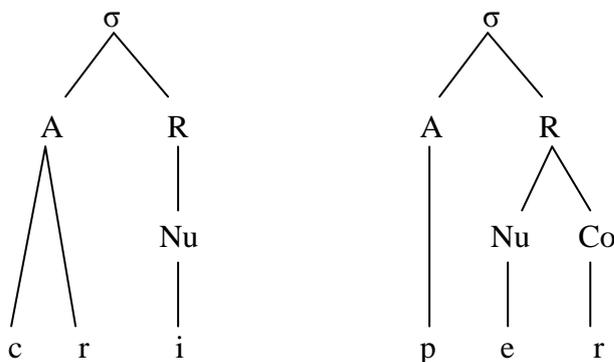


Figura 7 - Representações das sílabas ‘cri’ e ‘per’ (retirado de Collischonn, 1996)

Observe que em ‘cri’, o *onset* é ramificado enquanto em ‘per’, a rima é ramificada, o que torna a sílaba pesada. Percebe-se, por meio dessas representações, que apenas as rimas contribuem para a constatação de uma sílaba pesada. As sílabas pesadas são formadas por rimas com vogal + *onset* ou por vogal + vogal, sendo ditongo ou uma vogal longa. Dessa forma, constata-se que a diferença entre as sílabas leves e pesadas está na rima: sílabas leves possuem rimas não-ramificadas e sílabas pesadas, rimas ramificadas.

Nesta dissertação, além de levar em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos na análise no fenômeno variável em pauta, busca-se, também, conforme já citado, verificar uma possível reconfiguração fonológica da sílaba em que o rótico não é foneticamente realizado. Levando em consideração a sílaba (σ), utiliza-se a teoria proposta por Hyman (1985) para fundamentar a hipótese acústica do trabalho.

Diversos são os modelos teóricos que apresentam hipóteses a respeito da estrutura interna da sílaba. A nossa perspectiva se baseia no modelo de Hyman (1985), em que o autor propõe que as sílabas sejam compostas de pesos silábicos, ou seja, moras (μ). Essa abordagem, que leva em conta a unidade temporal, permite que seja feita a distinção entre as sílabas leves (ou abertas - CV ou V) e as sílabas pesadas (ou travadas - CVC).

Hulst e Ritter (1999) apresentam algumas vantagens em se trabalhar com uma abordagem silábica que leve em consideração as moras, conforme Ignácio de Mendonça (2003) elenca:

- (i) *As moras formam parte da hierarquia prosódica.*
 - (ii) *Explicam a irrelevância do peso dos Onsets*
 - (iii) *Explicam a natureza variável do peso das Codas*
 - (iv) *Oferecem um tratamento para as vogais longas e geminadas.*
 - (v) *Oferecem tratamento para as sílabas super-pesadas.*
- (MENDONÇA, 2003:26)

Conforme citamos, Hyman (1985) postula que sílabas possuem unidades temporais de peso chamadas de mora e as sílabas pesadas, ou seja, com uma consoante em posição de coda (no nosso caso, o /R/), possuiriam duas moras, como se pode ver na representação (4):

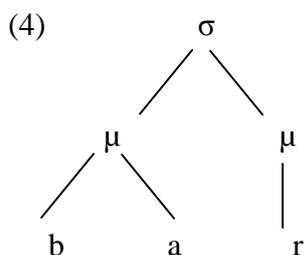


Figura 8 - Representação de uma sílaba com coda de acordo com a teoria de Hyman

A partir dessa representação silábica, pode-se pensar a respeito de uma das hipóteses deste trabalho: o alongamento compensatório da vogal quando ocorre a queda do segmento /R/em coda. Mezzomo (2003), a respeito de dados de aquisição da linguagem, afirma que há um alongamento compensatório da vogal naquelas sílabas em que a criança não realiza a coda. Resta, portanto, verificar a duração da vogal na fala de adultos em ambos os contextos: quando o rótico é ou não realizado.

Em consonância com as ideias de Hyman (1985), se encontra a Teoria das Moras (HAYES, 1989), que também prevê questões importantes associadas à unidade temporal: (i) sílabas pesadas possuem duas moras e (ii) sílabas leves têm apenas uma mora. Hayes também faz referência ao alongamento compensatório; segundo esse autor, o alongamento de um

determinado segmento se dá motivado pelo apagamento ou encurtamento de um segmento vizinho e tal fenômeno de alongamento busca a conservação da mora. Vejamos abaixo um exemplo deste fenômeno registrado no latim:

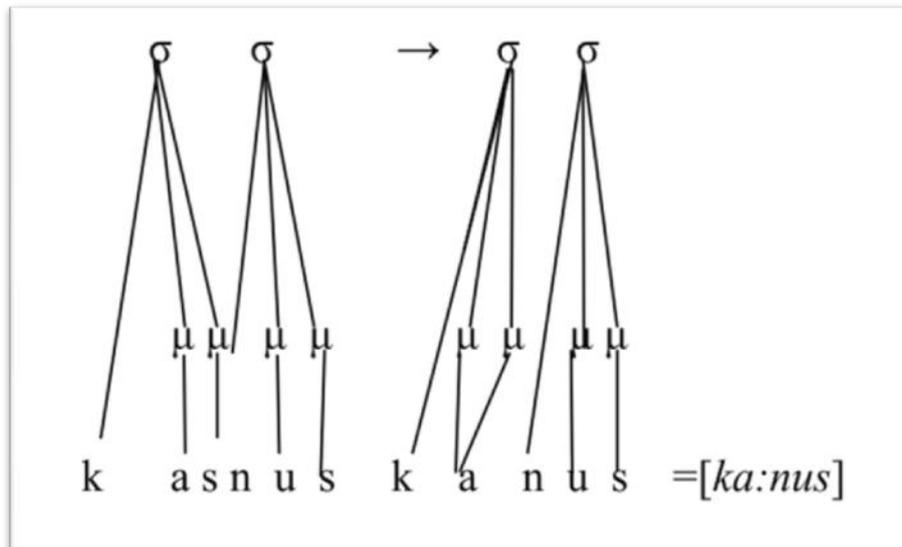
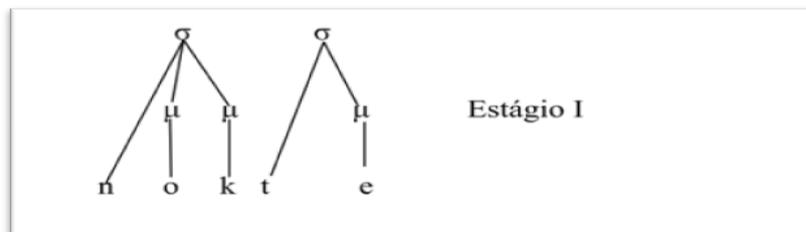


Figura 9 - Alongamento compensatório por perda consonantal(Retirado de Costa, 2011)

No exemplo apresentado – [kas.nus] > [ka:.nus] -, nota-se que a mora da consoante em coda /s/ se reassocia à vogal anterior, gerando uma vogal longa /a:/. No caso do português, a distinção duracional das vogais latinas não se perpetuou, mas pode-se questionar se essa unidade temporal perdida com a queda do /R/em coda seria, de alguma forma, reconstituída por meio de um alongamento.

Um fenômeno já registrado na história da passagem do latim para o português é a manutenção da mora por meio da ditongação. No caso de passagem de noctem (do latim) para noite em português, por exemplo, tem-se a conservação da mora associada à consoante /k/ por meio da ditongação:



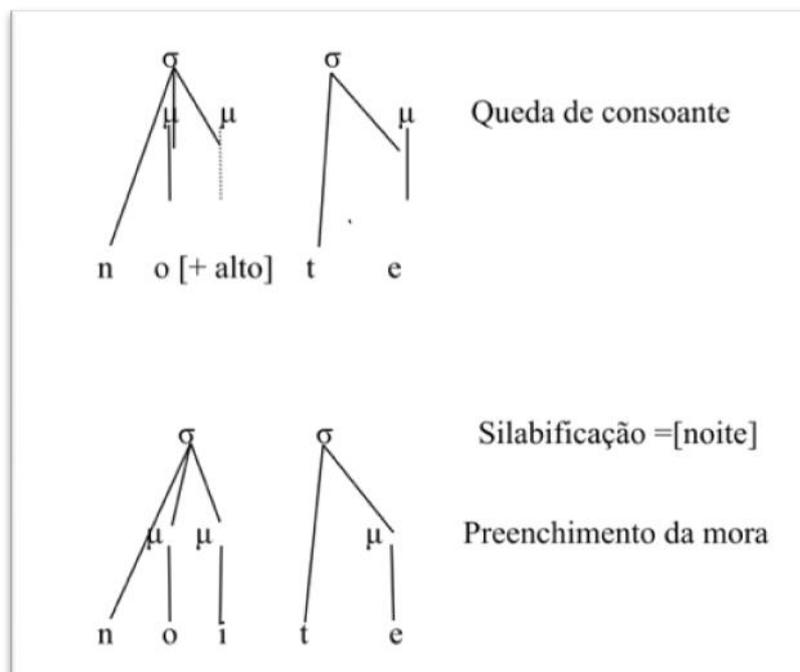


Figura 10 - Passagem de noctem > noite (Retirado de Costa, 2011)

Ressalta-se, mais uma vez, que o português não conservou as moras das vogais longas do latim, mas utilizou estratégias de reparo temporal – como a ditongação – para preservação da mora de /k/ em coda (cf. figura 2). Neste trabalho, não se postula que, com a queda do segmento, haverá a criação de uma vogal longa, mas acredita-se que o alongamento compensatório é uma forma de preservar a mora desassociada da fiada segmental com a queda do rótico.

Os dados de Mezzomo, utilizando aparatos acústicos para a medição da vogal, apontaram que crianças, no processo de aprendizado, há uma duração da vogal quando a consoante em coda não é realizada foneticamente:

Palavra	Realização	Tempo de emissão (ms=milissegundos)
balde	[ˈba:dzi]	[a] = 162 ms
bala	[ˈbala]	[a] = 110 ms

Tabela 2 - Alongamento vocálico (retirado de Mezzomo, 2003)

Como se pode perceber a partir dos dados de Mezzomo, a duração da vogal quando ocorre a queda do segmento é maior do que a duração da vogal cuja sílaba não é pesada. Esse resultado, para a aquisição de linguagem, pode dar uma pista do que ocorre na fala de adultos. No nosso caso, acredita-se que esse fenômeno seja mais recorrente na coda final, visto que o processo já se encontra bastante avançado nesse contexto, principalmente no que se refere a algumas comunidades de fala, como as da região Nordeste do Brasil.

3. *CORPUS*

A amostra em análise é composta por registros de fala espontânea e semi espontânea de oito indivíduos (discurso semi-dirigido e trechos de fala contínuos presentes no decurso do questionário ALiB), distribuídos por nível de escolaridade (indivíduos com até a quarta série do ensino fundamental e com mais de 9 anos de escolarização), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo e localidade (Teresina/PI e Corrente/PI). Os dados foram recolhidos do *corpus* do projeto *Atlas Linguístico do Brasil*, constituído na primeira década deste século.

O projeto ALiB adota o quadro metodológico da Geolinguística, com registro da fala de 250 municípios em todo o Brasil, com o objetivo de cobrir diferentes fenômenos lingüísticos: fonéticos, morfossintáticos e prosódicos. Os dados permitem apontar tendências de processos variáveis, como o caso do apagamento do rótico e comparar a direção de determinado fenômeno em diferentes regiões do Brasil.

O Atlas Linguístico do Brasil, ao mesmo tempo em que prioriza a identificação espacial dos fenômenos se propõe não só manter sob o controle certas variáveis sociais dos informantes, como também fornecer comentários e estudos interpretativos que acompanharão as cartas e, ainda, tenta estabelecer via *internet* um sistema de consulta a distância que faculte ao leitor o conhecimento das formas e usos languageiros e também lhe dê a possibilidade de ouvir, de viva voz, as realizações daquela área cartografada e selecionada para audição (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2003, p.15)

Como se pode conferir no mapa a seguir, os pontos do ALiB se distribuem por todo o Brasil e não se restringem às capitais do país, abarcando, inclusive, cidades do interior afastadas de suas respectivas capitais.



Figura 11 - Redes de Pontos do projeto ALiB

Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>)

No que se refere às capitais, foram excluídas apenas “[...] Brasília (Distrito Federal) - em vista da data de sua criação - e Palmas, capital do recém-criado Estado de Tocantins, cidade ainda em formação, sem habitantes nela nascidos.” (<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>). Na carta do ALiB, retirada do site do próprio Projeto, são apresentados todas as cidades que constituem a rede de pontos do ALiB.

Ressalta-se que nas capitais do país contempladas pelo projeto foram inquiridos oito informantes cada uma, sendo quatro com mais de 9 anos de escolarização e mais quatro com até a 4ª série do ensino fundamental. Já nas cidades do interior, foram inquiridos apenas informantes com escolarização menos de 9 anos, mas, em ambos os casos (capitais e interiores), para garantir o não-enviesamento dos resultados dos trabalhos com o *corpus*, do ponto de vista espacial, todos os 1100 informantes são moradores da localidade em foco e filhos de pais que também residiam na comunidade pesquisada.

Na carta abaixo, também retirada do site do Projeto ALiB, podemos focalizar as localidades que serão objeto de estudo desta dissertação, na região Nordeste do Brasil. O ponto 34 representa a capital Teresina e, o 38, a cidade de Corrente, ambas do Estado do

Piauí. Vale destacar, também, que os pontos em vermelho representam as capitais, enquanto os pontos em verde são representativos das cidades do interior.

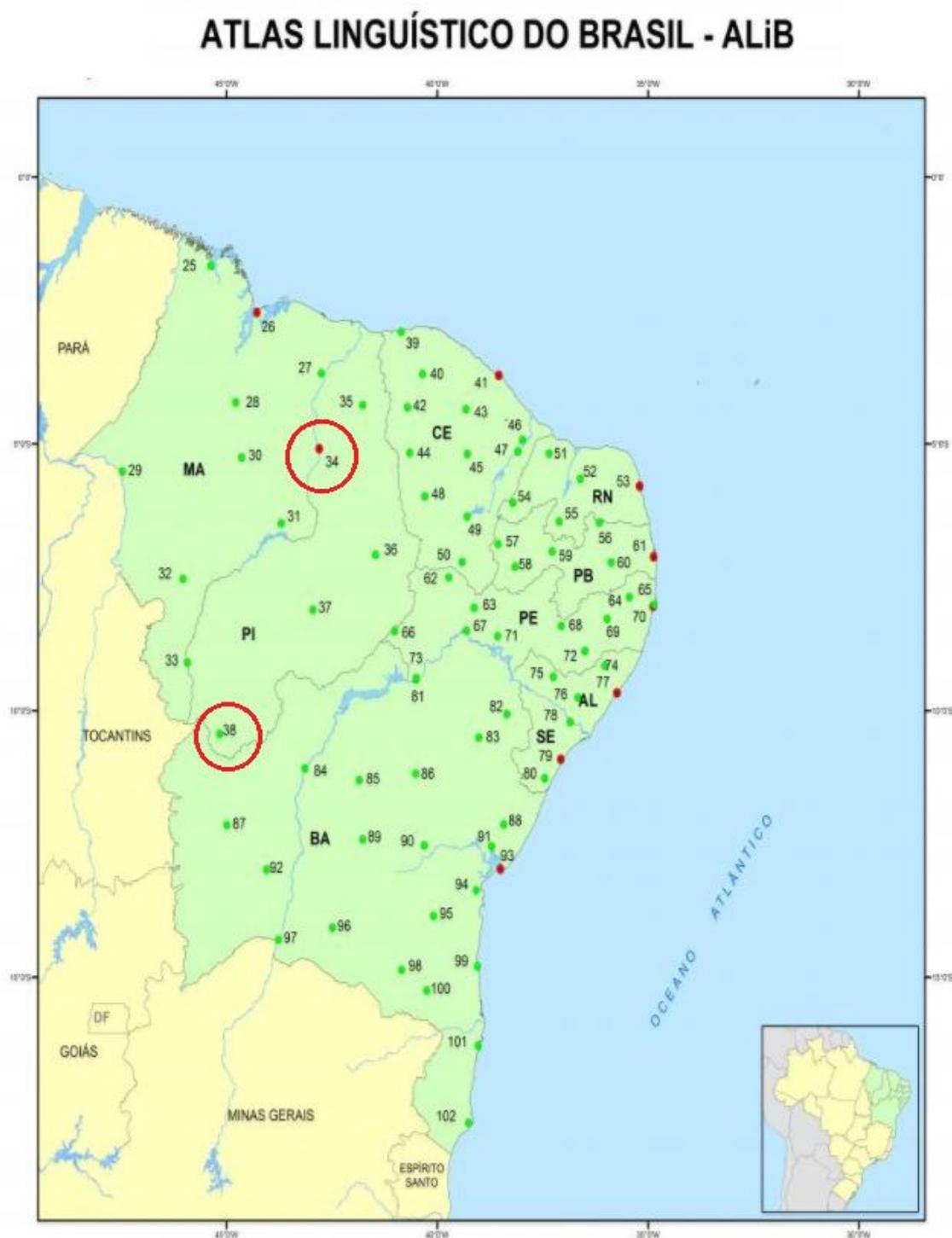


Figura 12 - Rede de Pontos do ALiB da região Nordeste

Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>

Em geral, o *corpus* de pesquisas sociolinguísticas é constituído por informantes de três faixas etárias, mas devido à extensão da recolha, foram coletados dados de informantes de apenas duas: uma de 18 a 30 anos e outra, mais distante, de 50 a 65 anos. Essa distância entre as faixas não permite acompanhar a direção da mudança, mas permite mostrar a diferença entre o falar dos mais jovens e o dos mais velhos. Dessa forma, pode-se perceber a abrangência do *corpus* levantado, uma vez que se analisam diferentes comunidades de fala, diferentes níveis de escolaridades, diferentes faixas etárias, registros de ambos os sexos, o que possibilita traçar um quadro geral de diversos fenômenos linguísticos. O Projeto oferece, assim, um amplo material lingüístico, disponível para pesquisadores de diferentes áreas do saber, não só para a área linguística.

O *corpus* do projeto ALIB é composto por diferentes questionários direcionados para aspectos:

- (a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia;
- (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal-, perguntas de metalingüística (06) e um texto para leitura - a "Parábola dos sete vimes. (www.alib.ufba.br)

Nesse viés, vale exemplificar como são feitas as perguntas de cada um desses questionários, já que, a partir das perguntas, espera-se uma hipotética resposta que será analisada sob o ponto de vista linguístico.

Conforme Aguilera (2016) explica, o Questionário fonético-fonológico (QFF) "*busca, pois, documentar os fonemas da língua portuguesa falada no Brasil em todas as suas possibilidades de distribuição na cadeia sonora (variáveis internas ou linguísticas) bem como sob a influência das variáveis externas ou extralingüísticas*" (Atlas Linguístico do Brasil, 2016: 95).

Há inúmeros fenômenos que podem ser estudados a partir do questionário do ALiB. Vejamos um exemplo. Em uma das perguntas do QFF, o inquiridor indaga ao informante: "*E nas casas, aqui, assim, normalmente, tem uma, um lugar onde coloca os objetos, as latas, os enfeites, como é o nome disso?*"³. Tal pergunta tem o objetivo de obter do entrevistado a resposta "prateleira", visando a detectar, em princípio, um possível processo de metátese do

³ Pergunta retirada da entrevista do informante 01 de Corrente/PI

rótico, com o falante realizando a forma ‘partileira’.

É limitado o elenco de perguntas, no QFF, em que se obtêm respostas com palavras com /R/em coda, mas utilizamos também os outros questionários, em que são registrados dados mais espontâneos. Algumas respostas foram descartadas com o propósito metodológico de se recolher o vernáculo, sem grande monitoramento por parte do falante e, no caso, apenas os dados de /R/em coda em sentenças com sentido completo.

Passando para o Questionário semântico lexical (QSL) -- quando o informante é indagado sobre várias áreas semânticas, a saber, “*Acidentes Geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempos; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário e acessórios; Vida urbana.*” (pg. 85) -- “o informante é estimulado a dar como resposta outras formas, além daquela que faz parte de seu vocabulário ativo, [as] que já ouvira na família, entre os amigos, em outros contextos” (ALiB, p. 100)

Um exemplo de pergunta desse tipo de questionário é a seguinte indagação: “*Você sabe como é aquilo que as mulheres passam aqui no rosto pra ficar mais rosadinho aqui?*”⁴. Conforme afirma Aguilera (2016), a expectativa era a resposta *rouge* ou *blush*, embora, na maior parte das vezes, tenha ocorrido a resposta *pó de arroz*. Mais uma vez, ressalta-se que só são retirados os dados representados de uma fala a menos monitorada possível.

No questionário morfossintático (QMS), há perguntas que se destinam a verificar também questões diatópicas e diastráticas, como a presença ou a ausência do artigo diante de nomes próprios, a variação entre tu e você, bem como a flexão de número em vocábulos como lápis, anel, avental, entre outros. Na pergunta “*Quando a senhora viu um amigo com uma mala ali quer saber pra onde ele vai, como é que a senhora pergunta?*”⁵, o inquiridor deseja que o informante elabore uma pergunta direta ao amigo para saber seu destino, a fim de observar se, por exemplo, será utilizado o pronome “tu” ou “você”.

Além dos questionários citados, o *corpus* apresenta ainda quatro questões de pragmática que visam a obter diferentes vocativos que os falantes utilizam para chamar a atenção de um pedestre: “*Digamos que uma carteira caiu do bolso de um rapaz jovem, e ele não viu. Como é que se cha... como é que outro rapaz jovem chama a atenção dele?*”⁶

⁴ Pergunta retirada da entrevista do Informante 02 de Corrente/PI

⁵ Pergunta retirada da entrevista do Informante 04 de Corrente/PI

⁶ Pergunta retirada da entrevista do Informante 01 de Teresina/PI

O maior número de dados que compõem este trabalho foram obtidos nos discursos semidirigidos, pois, nessa etapa da entrevista - reta final das dezenas de perguntas feitas - o informante tende a estar mais descontraído com a situação inusitada de ser entrevistado e, em geral, apresenta uma fala mais espontânea. Além disso, as perguntas são direcionadas para o informante relatar acontecimentos pessoais, fatos que aconteceram com conhecidos, descrever situações, sendo, portanto, um questionário mais informal e que abrange temas sobre os quais o interlocutor deseja falar: *“Agora eu quero que a senhora conte pra gente um acontecimento marcante da sua vida, uma coisa que foi muito marcante, muito tocante, na sua vida. Pode ser o seu casamento, o nascimento de um filho, qualquer coisa que a senhora se lembre que foi marcante.”*⁷

Ao final da aplicação dos questionários, são feitas, ainda, seis perguntas metalinguísticas, que buscam verificar como o falante enxerga a língua portuguesa, como e se percebe a diferença entre os dialetos e as mudanças da língua, com o passar do tempo: *“As pessoas mais idosas você acha que falam mais diferente assim que os jovens? Lembra assim alguma coisa que as pessoas mais idosas falam”*.⁸

O término da entrevista se dá quando o entrevistador solicita ao informante que leia, em voz alta, a “Parábola dos sete vimes”. O objetivo é obter um registro mais controlado da fala para, em possíveis trabalhos, comparar a fala espontânea com a leitura. No atual trabalho, não foram utilizados os dados dessa leitura, não só por que nem todos conseguem ler e também por, conforme já explicitado, o objetivo ser a fala corrente, em trechos mais próximos do vernáculo do falante.

Não se pode deixar de ressaltar, também, outras publicações representativas que inspiraram a confecção do Atlas Linguístico Brasileiro. Em 1964, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) foi um marco representativo de um *corpus* baseado na língua oral, que continha os parâmetros da dialectologia, como a aplicação de questionário para a coleta de dados; seleção de localidades de acordo com a antiguidade e história sócio-cultural e seleção de falantes nativos, de preferência pouco escolarizado e com mais idade para se obter uma representação mais genuína na língua daquela comunidade.

⁷Pergunta retirada da entrevista do Informante 04 de Corrente/PI

⁸Pergunta retirada da entrevista do Informante 02 de Teresina/PI

Além do APFB, há ainda outros atlas regionais que apresentam seus resultados sob o formato de cartas linguísticas: o Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba (1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (1987), o Atlas Linguístico do Paraná (1994), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002), o Atlas Linguístico Sonoro do Pará – AliSPa (2004) e o Atlas Linguístico do Amazonas (2004).

Apesar de estarmos diante de um *corpus* que aponta tendências, como é o caso de todos os Atlas linguísticos, o ALiB, se comprado a outros acervos disponíveis como o NURC, PEUL e VARSUL, se apresenta de uma maneira bastante completa: enquanto o NURC e o VARSUL possuem apenas elocuições provenientes de indivíduos mais escolarizados e o PEUL, apenas de falantes com baixa escolaridade, o ALiB apresenta as duas variedades linguísticas registradas. Além disso, contém registros de capitais e cidades do interior.

3. 1 Justificativa da amostra

Na literatura, encontram-se diversos trabalhos que abordam a variação entre a presença e a ausência do /R/em posição de coda silábica final e já utilizam os dados do ALiB como fonte base para suas pesquisas (FARIAS, 2016; CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015). Partindo desses trabalhos sobre o cancelamento variável do /R/no final do vocábulo, pretendeu-se focalizar e analisar mais a fundo o comportamento linguístico de falantes das cidades de Teresina/PI e Corrente/PI, ambas situadas no Nordeste do Brasil.

Trabalhos anteriores como o de Callou, Serra & Cunha (2015) sobre o apagamento do /R/na fala dos mais escolarizados (informantes com nível superior completo) em todas as capitais do Nordeste e o de Farias (2016) sobre João Pessoa e Teresina (fala dos mais escolarizados *versus* fala de informantes menos escolarizados) – ambos baseados no *corpus* do ALiB, o mesmo desta dissertação – motivaram a escolha do *corpus* e do tema. A amplitude do *corpus*, bem como a sua constituição recente chamam a atenção dos pesquisadores, pois pode-se investigar áreas distantes e analisar diferentes fenômenos.

No caso do apagamento do rótico, foram observados índices mais baixos de apagamento do /R/na fala de indivíduos mais escolarizados em Teresina e Aracaju, se comparados aos índices das demais cidades do Nordeste, conforme se pode verificar na figura 13.

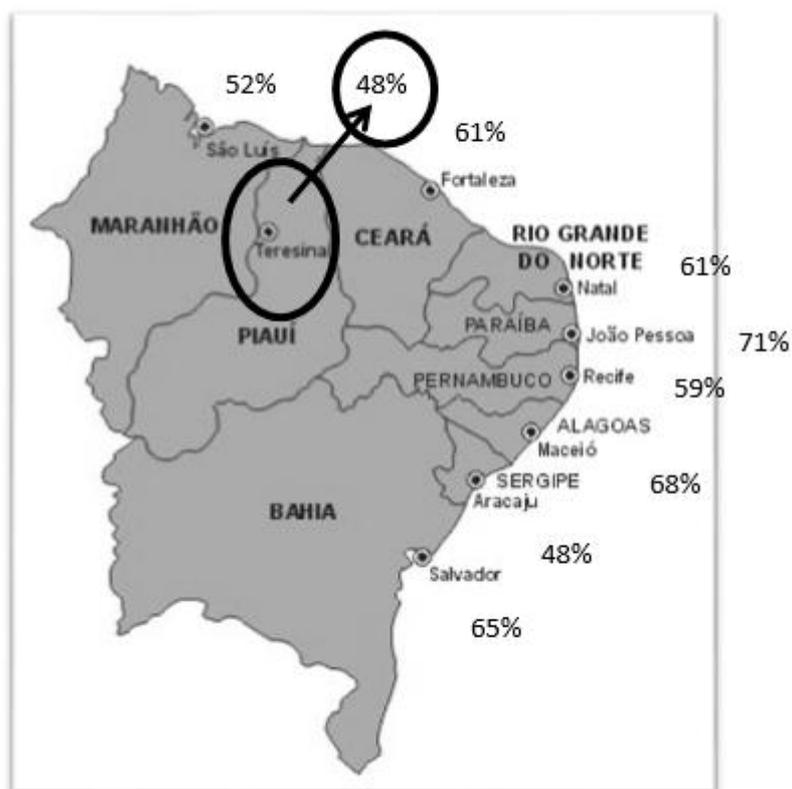


Figura 13 - Percentual geral de apagamento (coda final e coda medial) do R das capitais do Nordeste – falantes mais escolarizados (adaptado de Callou, Serra e Cunha, 2015)

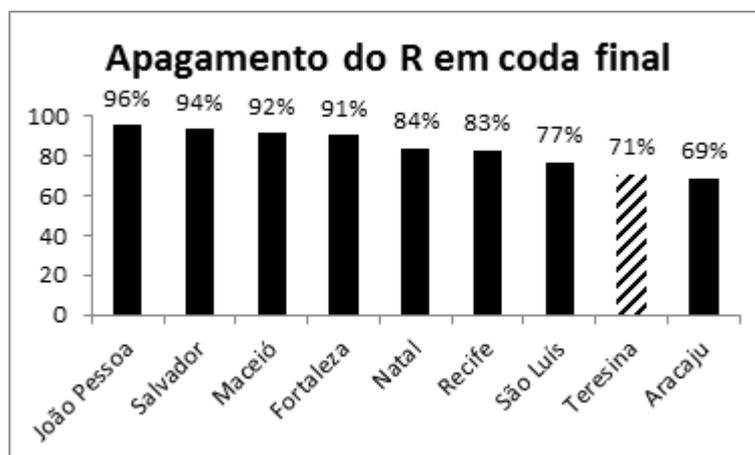


Gráfico 1 - Percentual de apagamento do R das capitais do Nordeste – coda final - falantes mais escolarizados (adaptado de Callou, Serra e Cunha, 2015)

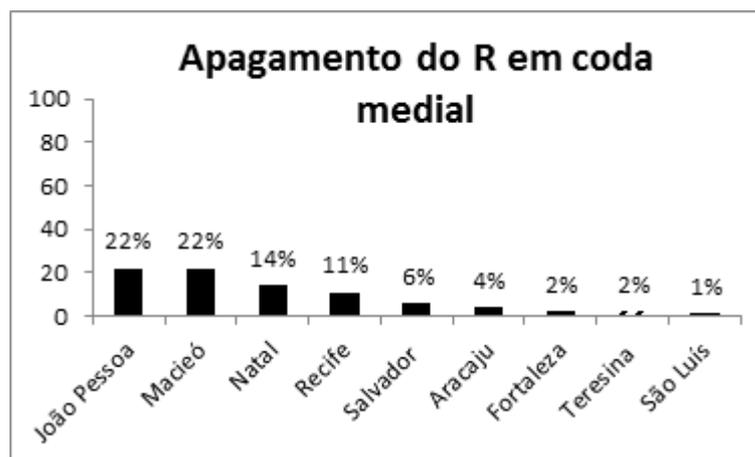


Gráfico 2 - Percentual de apagamento do /R/ das capitais do Nordeste – coda medial - falantes mais escolarizados (adaptado de Callou, Serra e Cunha, 2015)

Percebe-se, a partir dos resultados de Callou, Serra e Cunha (2015), que o processo se encontra menos avançado na capital do Piauí e em Aracaju. No percentual geral, em que se analisou o apagamento do /R/ em coda final e medial juntos, essas duas cidades foram as únicas que não passaram de 50%. Ao observar os resultados apenas da coda final, contexto em que ocorre maior índice de cancelamento do /R/, mais uma vez, Teresina e Aracaju apresentam índices mais baixos do que na maioria da geral Nordeste: 71% e 68%, respectivamente. Os demais estados apresentam uma média de percentual de apagamento que gira entre 80 e 90%, ou seja, uma diferença percentual considerável.

Dessa forma, decidiu-se estudar, mais detalhadamente, o comportamento linguístico de Piauí por alguns motivos: (i) além de Teresina apresentar índices de presença do rótico mais altos do que a maior parte das cidades de sua região – o que torna mais viável a comparação entre a duração temporal da vogal quando o /R/ é foneticamente realizado (a.mo**R**) e a duração da vogal quando este é suprimido (a.mo**Ø**) - , (ii) Teresina trata-se da única capital do Nordeste que não se localiza no litoral (figura 13) e (iii) Corrente é a cidade que compõe o *corpus* do ALiB mais distante de Teresina e, portanto, queremos analisar se comportamento sociolinguístico e acústico são semelhantes ao de Teresina.

Estudar uma capital não litorânea pode revelar comportamento diferenciado graças a sua posição geográfica. Os principais objetivos do trabalho são, portanto: (a) comparar os índices de apagamento do rótico de Teresina e Corrente, (b) observar as variáveis- tanto linguísticas quanto sociais - relevantes para o processo de queda do segmento e (c) verificar acusticamente o comportamento da vogal precedente quando ocorre a queda do rótico.

3.2 As cidades

3.2.1 Teresina/Piauí

Detalhado o *corpus* do ALiB, de uma maneira geral, nosso foco, a partir de agora, são as duas cidades que são a fonte básica para a análise dos dados, Teresina e Corrente, ambas no Piauí, com o objetivo de apresentar a justificativa da escolha dessas duas cidades, especificamente.

Como se pode verificar na figura 14, Teresina é a única capital do Nordeste do Brasil que não se localiza às margens do Oceano Atlântico, que banha todo o litoral brasileiro. Além disso, Teresina é o município mais populoso do estado do Piauí, localizando-se no Centro-Norte Piauiense a 366 km do litoral e sua fundação data de 16 de agosto de 1862 (165 anos). (<http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/pagina/Teresina/>)



Figura 14 - Mapa da região dos Estados da Região Nordeste do Brasil.

Disponível em: <https://www.coladaweb.com/geografia-do-brasil/regiao-nordeste>

A capital do Piauí, que possui 1.392 km² e cerca de 830 mil habitantes, é apelidada de Cidade Verde, alcunha dada pelo escritor Coelho Neto, graças às ruas e avenidas repletas de árvores. Segundo dados a respeito da construção da cidade, sua confecção foi planejada com a finalidade de facilitar a locomoção, assemelhando-se a um tabuleiro de xadrez.

Teresina começou a ser povoada no século XVII, com Domingos Jorge Velho e um grupo de bandeirantes, que estabeleceram uma feitoria e um criatório de gado. (...) Com um projeto de criação inovador, elaborado por José Antônio Saraiva – o Conselheiro Saraiva, Teresina tornou-se capital da província por sua localização mais central, bem como pela navegabilidade dos rios Poti e Parnaíba. O nome da cidade foi uma homenagem à imperatriz Teresa Cristina Maria de Bourbon, que teria sido a mediadora junto ao imperador Dom Pedro II para que a capital viesse a ser Teresina. (<http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/pagina/Teresina/1> - acesso em 20 de setembro de 2017)

Destaca-se, também, o grande volume de pessoas vindas de cidades próximas à Teresina, oriunda de outros estados ou do interior do Piauí, que vão para a capital piauiense estudar, uma vez que a cidade possui uma Universidade Federal, a Universidade Federal do Piauí (UFPI), e uma Universidade Estadual, a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), além do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IF-PI).

3.2.2 Corrente/Piauí

Corrente é um município brasileiro localizado na região sul do estado do Piauí. A cidade fica próxima da divisa com o estado da Bahia, conforme pode se verificar no mapa a seguir:

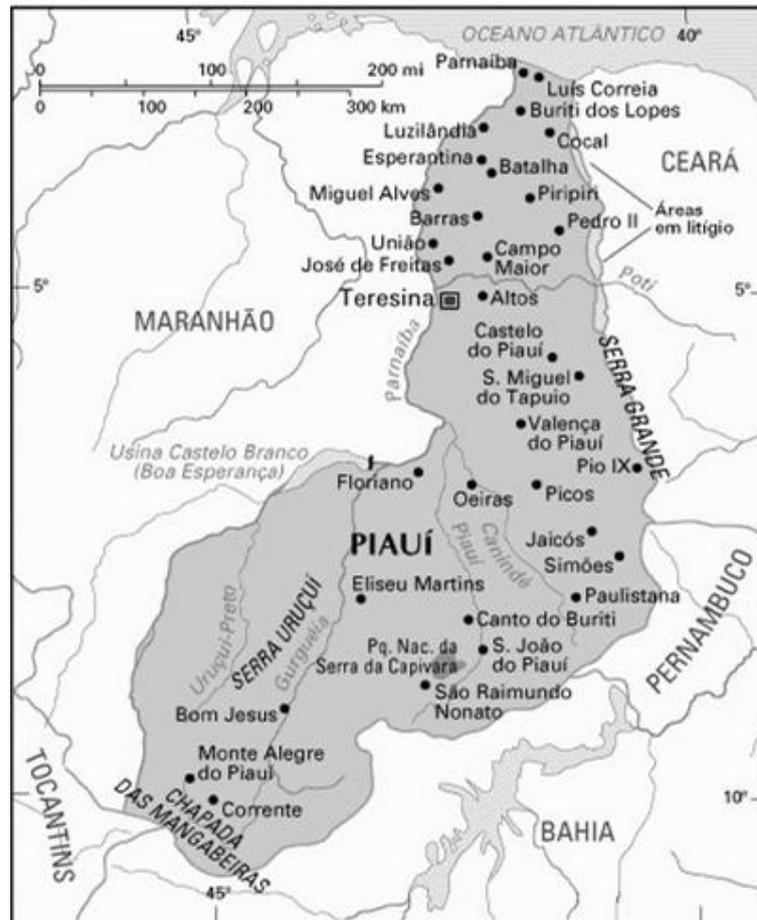


Figura 15 - Mapa do Piauí

Disponível em:

(http://www.rotasbrazil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=986&Itemid=543)

Tal cidade do interior do Piauí possui uma área de 3.045,9 km², com grandes áreas verdes e rurais, que atendem a principal atividade, a agropecuária. A população estimada para o atual ano de 2017 é de 26.205 pessoas.

Em 1754, o município de Corrente teve suas terras divididas por um engenheiro das Côrtes Portuguesas (José da Silva Balmar) (...). Por consequência da Lei Provincial nº 782, de 10 de dezembro de 1872, o povoado foi elevado à categoria de vila, cuja instalação só se deu em 8 de dezembro de 1873 pelo juiz da comarca de Paranaguá Doutor José Mariano Lustosa do Amaral. Nesse tempo, foi juramentada e começou a funcionar a sua municipalidade (...). Apesar do relativo desenvolvimento, até 1904 Corrente viveu em fase de estagnação histórica.

(Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=220290> – Acessado em 20 de setembro de 2017)

4. METODOLOGIA

Ao nos basearmos em uma análise sociolinguística, respeitamos alguns passos metodológicos para confeccionar esta dissertação de mestrado. Com o objetivo de selecionar a fala mais espontânea possível, foram utilizados, preferencialmente, dados que envolvessem um diálogo maior entre documentador e entrevistado. A maior parte dos trechos selecionados como dados para essa pesquisa são provenientes da fala do informante na parte dedicada ao discurso semidirigido, que são registros mais naturais da língua que o falante utiliza no seu dia a dia, visto que é composto por narrativas de acontecimentos marcantes que o falante relata sobre sua vida e de conhecidos. São aproveitados, também, outros trechos de fala espontânea que, porventura, surjam no decorrer da entrevista, já que é comum o falante se lembrar de episódios de sua vida a partir de alguma pergunta feita, por exemplo, no questionário semântico-lexical, que focaliza respostas sobre religião e crenças, jogos e diversões infantis, fenômenos atmosféricos, entre outros temas. Outra metodologia utilizada é o descarte dos minutos iniciais da entrevista, uma vez que, no começo, o informante, com a situação inusitada de ser gravado, tende a ser menos espontâneo e manter certos padrões normativos, considerando que o pesquisador, por ser professor de língua portuguesa, irá julgar ou avaliar seu modo de falar.

Para a análise dos dados, serão utilizados os preceitos da sociolinguística quantitativa laboviana, que prevê que a mudança ocorre de forma gradual e é influenciada tanto por fatores linguísticos quanto sociais e serão testados alguns grupos de fatores a fim de averiguar quais as variáveis influenciam na realização ou no apagamento do rótico. Como a literatura sobre o fenômeno em pauta já aponta, decidiu-se separar verbos e não-verbos na rodada estatística, pois esse fator se mostra, desde os primeiros estudos sobre o tema, como o mais significativo no que concerne ao apagamento. A queda do segmento é registrada com maior frequência nos verbos do que nos não-verbos, fazendo com que seja necessário analisar separadamente cada um desses contextos para não obter resultados enviesados. Os grupos de fatores estados, entretanto, são os mesmos para ambos os casos.

A análise foi composta por todas as ocorrências de /R/ em coda final e medial de oito falantes do estado do Piauí, sendo quatro de Teresina e quatro de Corrente. Conforme já citado, é habitual nas pesquisas que utilizam *corpus* de fala espontânea, buscou-se, na medida do possível, coletar apenas os dados mais espontâneos de cada um dos falantes. Após o levantamento desses dados, foi feita a codificação destes com a finalidade de rodá-los no

programa estatístico GoldVarbX (SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E., 2005). Lembra-se de que (i) foram feitas rodadas separadas entre coda medial e coda final, uma vez que, como já explicitado, os contextos apresentam comportamentos distintos; (ii) cada cidade foi rodada separadamente, ou seja, há um resultado quantitativo para Teresina e outro para Corrente e (iii) os dados de coda final foram separados entre verbos e não verbos, pois a classe morfológica parece ser o fator diferenciador no fenômeno: os verbos estão em um processo mais avançado de apagamento.

Dessa forma, na análise variacionista, serão levados em conta grupos de fatores que poderiam influenciar o processo de apagamento do /R/ tanto na coda medial quanto na coda final. Separados os dois conjuntos de dados (coda medial *versus* coda final), elencamos possíveis variáveis influenciadoras do processo de apagamento: classe morfológica (verbo *versus* não-verbo), dimensão do vocábulo (número de sílabas), contexto subsequente (pausa, vogal ou consoante – apenas para coda final), consoante subsequente (cada uma das consoantes), sexo (masculino x feminino), faixa etária e escolaridade. Algumas dessas hipóteses já foram confirmadas em trabalhos sobre o mesmo tema e serão discutidas mais detalhadamente na próxima seção.

No que se refere à análise acústica, será observada a duração silábica e vocálica nos contextos em que há ou não a realização do rótico. Mezzomo (2003: 78) prevê que “*o alongamento vocálico, da sílaba travada (sem realização da coda), seria o resultado de um efeito compensatório para preencher foneticamente a posição da coda*”. Nossa hipótese é a de que a unidade de tempo irá se reassociar ao núcleo após a queda da coda. Não haveria, portanto, um “alongamento compensatório” e, sim, a manutenção da unidade temporal da sílaba.

Ademais, como forma de verificar se, de fato, há a presença ou a ausência do rótico, foi utilizado o programa de análise acústica PRAAT (BORESMA, P. & WEENINK, D., 2001). Nesse aspecto, vale ressaltar que o *corpus* foi gravado em condições pouco propícias à análise acústica, entretanto, com o auxílio do PRAAT, pode-se identificar com maior clareza dois fatores: primeiramente, a partir da observação das ondas sonoras, nota-se com maior certeza a presença ou a ausência do segmento. Além disso, a utilização do Praat é fundamental para aferir a duração vocálica nas sílabas em que ocorre ou não a queda do rótico. As medidas acústicas de duração vocálica – nos casos de apagamento do /R/– e de duração de toda a rima ramificada – nos casos de manutenção – são realizadas por meio desse programa que possibilita a visualização dos segmentos com mais detalhe, por meio do

spectograma, sendo possível a delimitação das vogais e dos róticos. As medidas de duração são feitas em segundos (s).

Um procedimento metodológico importante adotado neste trabalho é a separação dos contextos prosódicos em que a palavra com rótico está inserida. Segundo Nespor e Vogel (1986), existem sete domínios prosódicos: σ (sílabas); Σ (pé); ω (palavra fonológica); C (grupo clítico); Φ (sintagma fonológico); I (sintagma entoacional) e U (enunciado fonológico).

Segundo a Teoria da hierarquia prosódica (Nespor e Vogel, 1986/2007), a fala é segmentada em constituintes que se organizam de forma hierárquica e, que, apesar de serem interdependentes, apresentam uma relação entre si e não obrigatoriamente coincidem com constituintes morfossintáticos.

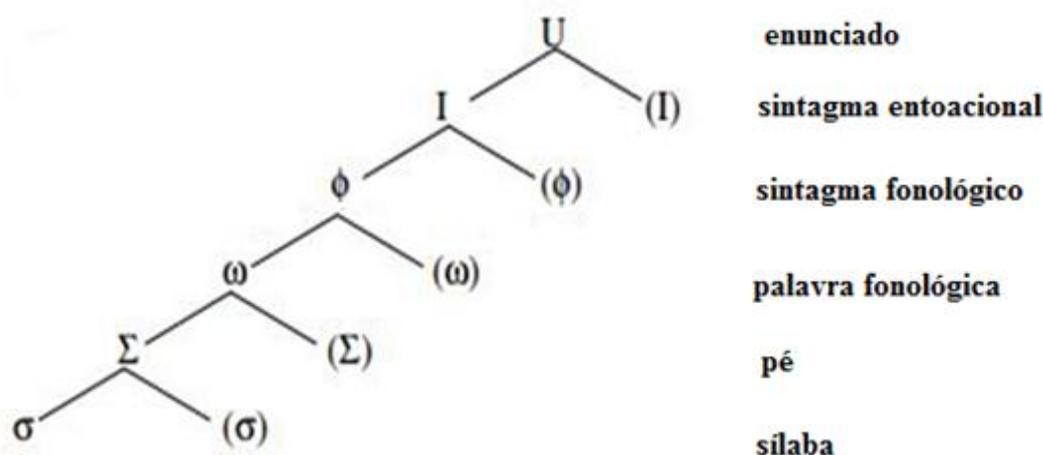


Figura 16 - Hierarquia prosódica (retirado de Serra, 2009)

Conforme afirma Serra (2009), parece haver um comportamento duracional distinto em cada uma dos níveis da hierarquia. Portanto, para obter resultados confiáveis, controlaremos a posição da palavra que contém o /R/ em coda no enunciado, ou seja, nesse aspecto, serão separados: (i) os casos em que o vocábulo se encontra no início do enunciado; (ii) no meio; ou (iii) no final para não obter resultados que possam enviesar a análise. Neste trabalho, apenas os casos em que o rótico se encontra em final absoluto de frase serão analisados.

Além disso, observa-se que a fronteira de IP parece ser a que mais retém o segmento, conforme apontam trabalhos anteriores (FARIAS & OLIVEIRA, 2013) e, dessa forma, como há maiores chances de realização do rótico em coda final em fronteira de sintagma

entoacional, decidiu-se partir da análise desse contexto específico. Em outros termos, como a finalidade acústica do trabalho é comparar a duração vocálica das sílabas cujo rótico é realizado com a sílaba em que este é suprimido, foi decidido começar por essa fronteira que é, segundo estudos, a que mais preserva o segmento. Pensa-se, para trabalhos futuros, ampliar essa análise e analisar as demais fronteiras prosódicas.

É válido ressaltar, também, que, conforme Serra (2009), a pausa é uma pista que indica a fronteira de sintagma entoacional e, apesar desse não ser o foco do trabalho - a análise do apagamento do rótico de acordo com a fronteira prosódica -, o contexto subsequente, como a pausa, foi um dos grupos de fatores trabalhados na análise linguística do fenômeno. Em geral, trabalhos apontam a pausa - indicativo de IP - como um dos fatores que favorecem a preservação do /R/.

5. OBJETIVOS E HIPÓTESES

Os principais objetivos gerais do trabalho são (a) verificar acusticamente o comportamento da vogal precedente quando ocorre a queda do rótico; (b) se o nível de escolaridade dos falantes teria algum papel para a manutenção da unidade temporal nos casos de queda do segmento em coda e (c) confirmar hipóteses a respeito de fatores linguísticos e sociais que podem influenciar no processo de apagamento.

A variável dependente, binária, diz respeito ao foco principal do trabalho: o apagamento do /R/em coda; elegemos apenas trabalhar com o confronto entre o apagamento e a realização fonética do segmento e não focar no tipo de realização do rótico como outros trabalhos focalizam (XAVIER, 2016, CALLOU, 1987), pois, além de haver poucos casos de presença fonética do segmento, há pouca variação entre os tipos de realização do rótico nas cidades estudadas. No que se refere às variáveis independentes, selecionamos alguns grupos de fatores que já se mostraram relevantes em trabalhos anteriores: as variáveis linguísticas dimensão do vocábulo, contexto subsequente e consoante subsequente, e as variáveis sociais: sexo e faixa etária. Ressalta-se, no que se refere ao nível de escolaridade, que, nesta dissertação em específico, focaremos apenas na fala dos menos escolarizados de Corrente e Teresina, a fim de comparar as duas cidades, uma vez que, no Projeto ALiB, não há elocuições de informantes com nível superior completo. Não deixaremos de lado, contudo, a título de curiosidade, os resultados sociolinguísticos de Farias (2106) sobre a fala dos mais escolarizados de Teresina e a análise acústica da duração das vogais desses mesmos falantes.

Algumas hipóteses, sejam sociais ou acústicas, norteiam a confecção deste trabalho. A seguir, apresentaremos, de maneira rápida, cada uma das hipóteses que nos fizeram selecionar as variáveis internas e externas, bem como a hipótese acústica a respeito da reorganização silábica.

Há algumas variáveis testadas e rodadas no programa GOLDVARB X que foram eleitas como fatores que poderiam ser relevantes no processo de cancelamento do rótico. Cada uma dessas variáveis apresentou, previamente, uma hipótese que pode vir a ser confirmada ou não.

No caso da classe morfológica, a hipótese – já confirmada em trabalhos anteriores – é a de que nos verbos, por carregarem uma dupla tonicidade, o cancelamento do rótico acontecesse com mais frequência. O processo nos não-verbos estaria, dessa forma, menos avançado. Por esse motivo, conforme já explicado na metodologia, foram separados os dados

de /R/em coda final de verbos dos dados de /R/em coda final de não-verbos. Nesse ponto, cabe mencionar também a questão da coda medial. Estudos a respeito do tema não apontam a classe morfológica como fator determinante para o processo de apagamento; o que há, na verdade, são possíveis processos de assimilação nos casos em que o rótico em coda medial se encontra diante de /S. Nesses casos, há altos índices de apagamento em palavras como ‘curso’ e ‘universidade’, por exemplo. Além disso, em vocábulo como ‘porque’, estudos como os de Farias (2016), propõem que o apagamento ocorra pelo fato de o/R/se encontra, de fato, na coda final. Nesta dissertação, o foco não será o apagamento do rótico em coda medial e a análise acústica nesse contexto não será realizado, mas os todos os dados de /R/em coda medial foram coletados e submetidos à análise sociolinguística.

A variável dimensão do vocábulo faz referência a quantas sílabas possui a palavra com /R/em coda. Atesta-se, em outras pesquisas, que esse fator se mostra relevante principalmente devido à saliência fônica. Nas palavras com maiores números de sílabas, o rótico tende a ser menos saliente, ou seja, encontrando-se o rótico em coda em um vocábulo com muitas sílabas tende a cair com mais frequência. Já em palavras monossilábicas, por exemplo, ocorre maior preservação do segmento, justamente devido a essa saliência fônica. Acredita-se que quanto mais material fônico houver na sílaba, maior a chance de cancelamento do rótico, enquanto nos casos de menos material fônico, maior a tendência de preservação do /R/. Dessa forma, a hipótese é de que vocábulos monossilábicos apresentariam, percentualmente, maiores índices de rótico foneticamente realizado.

Em contextos cujo rótico se apresenta em coda silábica final, há três possibilidades de contextos subsequentes: (i) consoante subsequente, (ii) vogal e (iii) pausa. Essa variável foi atribuída apenas para casos em que o /R/se encontrava em coda final. A principal hipótese a respeito do contexto subsequente se refere à pausa: nesses casos, acredita-se que haverá maior tendência de preservação do rótico, uma vez que a pausa é uma pista de que há uma fronteira de sintagma entoacional (IP), conforme Serra (2009). Trabalhos recentes, que abordam o apagamento do /R/sob o viés da Hierarquia prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986/2007), também trabalham com essa hipótese. Em outros termos, pesquisas que relacionam o apagamento do rótico com as fronteiras prosódicas afirmam que a pausa favorece a preservação do segmento, o que, também, é a nossa hipótese para os resultados do *corpus* dessa pesquisa. Segundo Farias e Oliveira (2013) e Callou e Serra (2012), os resultados apontam que quanto mais alta for a fronteira em que o rótico se encontra, maior o índice de realização do segmento. Já diante de uma vogal, há, também, a possibilidade de haver uma

ressilabificação, fazendo com que o rótico deixe de ser uma consoante em coda e se tornando um *onset* da sílaba seguinte, como em ma-ra-zul (mar azul). Por fim, vale o questionamento se algum traço da consoante subsequente influencia no apagamento.

A variável consoante subsequente se aplica, em coda final, apenas nos casos em que o rótico está diante de alguma consoante e deseja-se analisar se há influência desse contexto no apagamento do rótico. Registra-se, em trabalhos sobre o apagamento do rótico em coda medial, uma importância considerável dessa variável. Em relação à consoante subsequente, a hipótese se dá, principalmente, nos contextos de coda medial, visto que trabalhos feitos a respeito da coda interna apontam que o /S/ parece ser a consoante que mais influencia no cancelamento do rótico: diante de /S/, por exemplo, encontram-se altos índices de apagamento do rótico, muito devido a um possível processo de assimilação, muito comum na história do português: *persicum*>*perssicum*> (...) > pêssego:

A maioria das modificações sofridas pelos grupos consonantais mediais teve seu começo em latim vulgar, e é geralmente difícil determinar quando haviam progredido pelo início do período português. Há uns poucos, entretanto, que claramente ocorreram em latim vulgar.

rs mediais do latim clássico > latim vulgar e português *ss*: *persicum* > pêssego; *personam* > pessoa; *ursum* > usso (arcaico); *uersum* > uesso (arcaico).

(WILLIAMS, 1975)

Não se acredita, entretanto, que esse processo assimilatório ocorra em coda final, uma vez que outros trabalhos sobre o PB não apontam essa variável como relevante nesse contexto silábico. É importante salientar, também, que há estudos que apontam a difusão lexical pode explicar a questão do apagamento em coda medial, uma vez que há palavras específicas e mais recorrentes em que se registram o apagamento do /R/, como veremos mais adiante na seção de resultados.

Ao passar para as hipóteses sociais, estas não apresentam hipóteses são claras e rígidas, pois há muitos fatores envolvidos e que podem influenciar o comportamento do fenômeno. A princípio, a hipótese a respeito do sexo irá entorno de que as mulheres tendem a estar uma geração a frente dos homens quando se trata de um fenômeno não estigmatizado, o que parece ocorrer no caso da queda do /R/ em coda final. Dessa forma, afirma-se que as mulheres, em geral, optam pela variante mais inovadora quando esta não é condenada

socialmente, o que parece ser o caso do apagamento do /R/ em coda final, fenômeno que não sofrer, aparentemente, esse peso do estigma.

Por fim, a última variável testada é a faixa etária. Deseja-se verificar se, nessas amostras de fala, os falantes mais jovens apresentam um comportamento diferente dos mais velhos. Acredita-se que os jovens tenderiam a usar a variante mais inovadora, no caso, o zero fonético, enquanto os mais velhos optariam pela variante mais conservadora, a realização do segmento.

A hipótese a respeito do grau de escolaridade é de que os falantes mais escolarizados tendem a preservar mais o segmento em detrimento àqueles com menor escolaridade. Essa hipótese, contudo, ainda precisa ser mais bem discutida, pois se deve questionar até que ponto um fenômeno tão avançado, como o apagamento do /R/ em coda final, é influenciado pelo nível de escolaridade. Entretanto, supõe-se que esse processo variável tenha se iniciado na fala dos menos escolarizados e se espreado para os menos escolarizados, uma mudança de “baixo para cima” em termos labovianos (LABOV, 1994). Vale ressaltar que o grau de escolaridade não é um grupo de fator utilizado nesta dissertação, uma vez que o foco é a análise dos falantes menos escolarizados de Corrente e Teresina. Ademais, o *corpus* do ALiB não oferece indivíduo mais escolarizados em cidades do interior – como Corrente/PI. Entretanto, traremos os resultados de Farias (2016), com dados de falantes mais escolarizados de Teresina, para comparar com os resultados dos menos escolarizados e verificar possíveis comportamentos diferenciados.

A principal hipótese postulada neste trabalho, contudo, é referente à reconfiguração fonológica da sílaba. Sabe-se que sílabas pesadas apresentam duas unidades de peso (duas moras), conforme explicitado na hipótese de Hyman, na seção (tal). Segundo essa interpretação, uma unidade temporal (mora - μ) estaria associada ao *onset* + núcleo, sem que esta consoante em início/ataque de sílaba possuísse uma mora independente, e a outra mora estaria relacionada à consoante em coda.

Com a queda do segmento em coda, esta unidade temporal (a) pode desaparecer, ou seja, se desassociar da fiada segmental ou (b) pode ser mantida, através de uma possível reassociação da unidade de tempo à vogal, conforme representado a seguir:

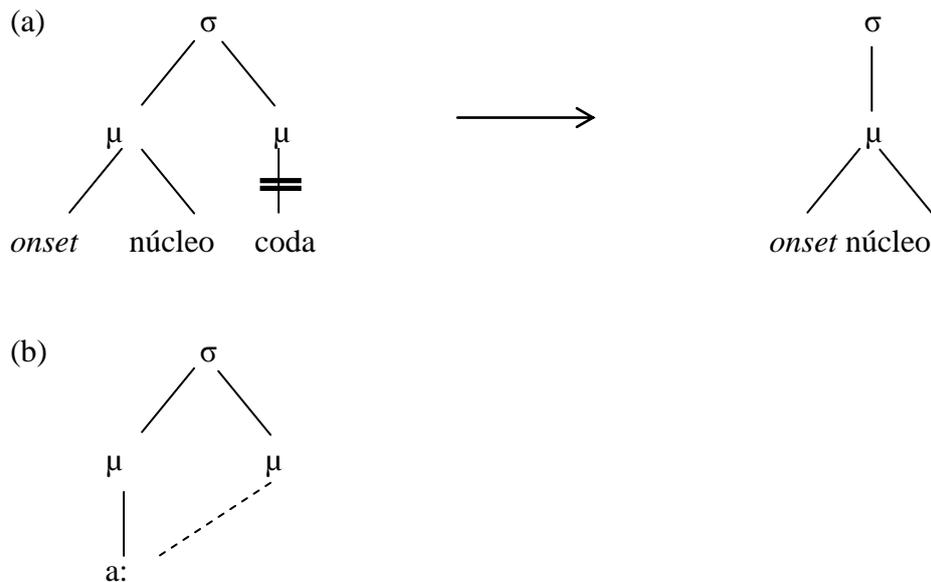


Figura 17 - Possibilidades de manutenção ou perda da unidade temporal da coda

A medição acústica da duração vocálica ainda não foi objeto de estudo sistemático, mas estudos acústicos sobre a aquisição do constituinte coda revelam que o “alongamento compensatório” é uma estratégia de reparo temporal, em que se alonga a vogal anterior ao segmento em posição de coda com o objetivo de manter a unidade temporal da sílaba (MEZZOMO, 2003).

Nossa hipótese é a de que a unidade de tempo irá se reassociar ao núcleo após a queda da coda e haverá um alongamento da vogal precedente para manter a unidade temporal (b). Outra suposição a respeito da duração vocálica é que, como se trata de um fenômeno fonológico, não haverá diferença entre falantes cultos ou não cultos, ou seja, acredita-se que ambos utilizem a estratégia de alongamento compensatório para manter a unidade temporal silábica.

6. RESULTADOS

São apresentados aqui os resultados relativos às análises -- sociolinguística e acústica -- tanto da cidade de Teresina (capital) quanto de Corrente (interior).

6.1 Resultados sociolinguísticos

6.1.1 Falantes menos escolarizados de Teresina/PI

Os índices de apagamento do rótico em coda final nos verbos, em Teresina, na fala dos menos escolarizados, alcançam níveis altos, 94%, e, nos não verbos, 74% (FARIAS, 2016).

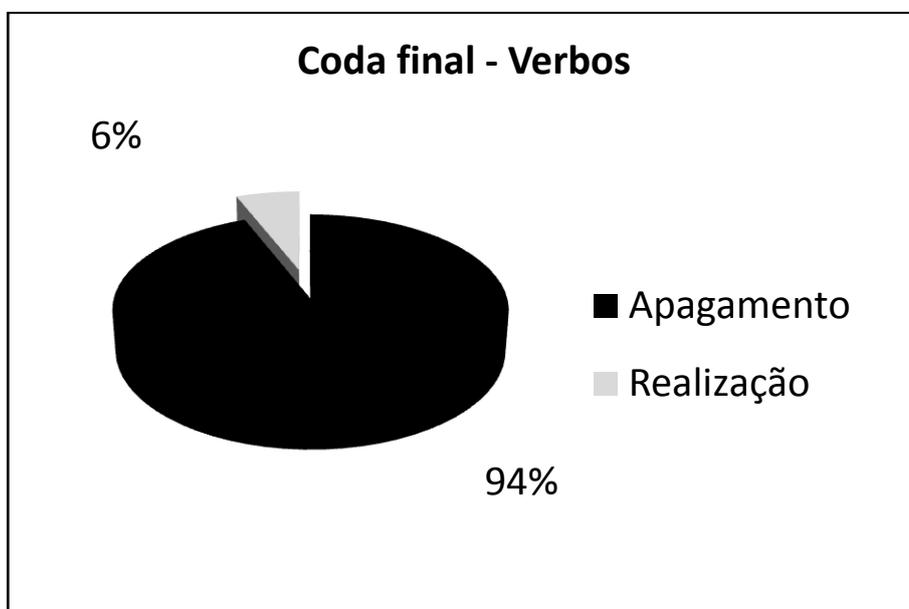


Gráfico 3 - Apagamento do R em Verbos – Teresina – em falantes de menor escolarização

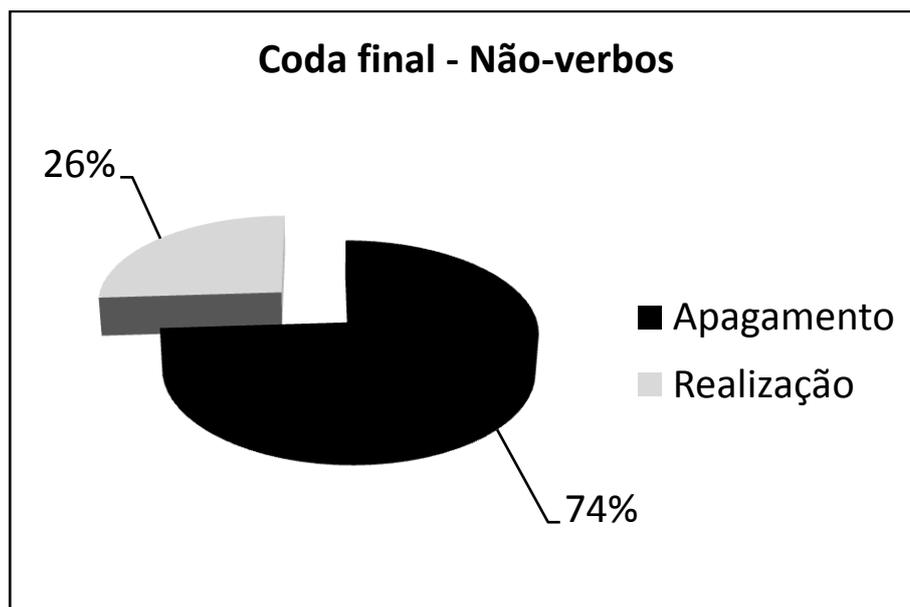


Gráfico 4 - Apagamento do R em não-verbos – Teresina – em falantes de menor escolarização

O apagamento do rótico nos verbos é quase categórico. O menor percentual de apagamento se deu diante de pausa – o que remete à hipótese da fronteira prosódica, visto que a pausa é uma das principais pistas de que o segmento esteja inserido em sintagma entoacional, fronteira em que haveria maior tendência à preservação do rótico, embora os índices de realização do segmento sejam muito baixos:

Contexto subsequente	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
Pausa	26/33	79%	.157
Vogal	50/51	98%	.748

Tabela 3 - Apagamento do R em verbos em relação ao contexto subsequente - falantes de menor escolarização de Teresina (input geral 0.942)

Vale mencionar que, diante de consoante, o outro fator analisado, o apagamento do rótico foi categórico, portanto, não variável. Outra variável selecionada pelo programa GoldVarb X, relacionada aos verbos, foi a variável social faixa etária: os mais velhos, nessa amostra, se apresentaram mais inovadores e utilizaram, com maior frequência, o zero fonético. A distinção é melhor observada pelo peso relativo, já que percentualmente, a diferença é insignificante.

Faixa etária	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
--------------	-----------	-----------------	------

Mais jovens	88/95	93%	.384
Mais velhos	42/43	98%	.739

Tabela 4 - Apagamento do R em verbos em relação à faixa etária – falantes de menor escolarização de Teresina (input geral 0.942)

Em relação aos não-verbos, a variável dimensão do vocábulo -- apontada na literatura como relevante para o processo de apagamento – mais uma vez se mostrou atuante para o processo de apagamento: em vocábulos com apenas uma sílaba há maior tendência à preservação do segmento -- explicável pela saliência fônica -- ao contrário dos vocábulos com duas ou mais sílabas, por vezes até com apagamento categórico.

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
1 sílaba	8/22	36%	.153
2 sílabas	27/30	90%	.779

Tabela 5 - Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes de menor escolarização de Teresina (input geral 0.738)

É importante observar que o apagamento do rótico em não-verbos se deu em 100% dos casos em vocábulos com três, quatro, cinco e seis sílabas, o que corrobora a hipótese da saliência fônica.

O resultado relativo à coda medial mostra que o processo se encontra menos avançado, como previsto, e o índice de cancelamento é de 13%, se restringindo a contextos específicos: seguido de /S/ parece haver favorecimento ao cancelamento do segmento, talvez resultante de um processo de assimilação.

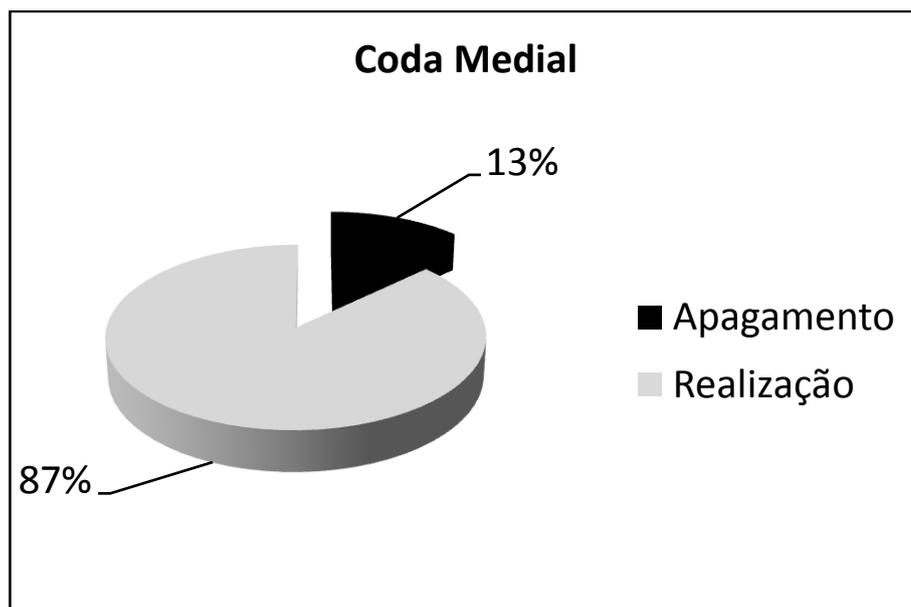


Gráfico 5 - Apagamento do R em Teresina – coda medial – falantes de menor escolarização

No caso da coda medial, conforme já explicitado em seções anteriores, não se separa verbos de não-verbos, uma vez que a classe morfológica, nesse contexto, não se mostrou significativa. Para os dados dos menos escolarizados de Teresina, a variável selecionada foi o tipo de consoante subsequente, sendo os fonemas /k/ e /s/ os mais favorecedores ao apagamento.

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
/v/	1/9	10%	.144
/g/	1/4	25%	.348
/s/	2/4	50%	.648
/k/	12/19	63%	.719

Tabela 6 - Apagamento do R em coda medial em relação à consoante subsequente – falantes de menor escolarização de Teresina (input geral 0.130)

Nesse contexto, é necessária uma observação atenta do item lexical: há uma grande recorrência de apagamento do **R** em palavras como “porque”, vocábulo em que o rótico estaria, na verdade, em uma posição final (*por+que*). Já no que se refere ao /S/, observa-se que o processo de assimilação é recorrente na história do Português:

R+S → S+S → S
 persicum > pessicum > (...) pêssego

Outro grupo de fator selecionado para os dados de coda medial foi a variável social sexo. Nesses dados, as mulheres se mostraram menos conservadoras do que os homens, liderando o processo de apagamento, mesmo que os índices ainda sejam baixos e a diferença percentual seja pequena:

Sexo	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
Masculino	6/58	10%	.451
Feminino	12/80	15%	.619

Tabela 7 - Apagamento do R em coda medial em relação ao sexo do falante – falantes de menor escolarização de Teresina. (input geral 0.130)

6.1.2 Falantes menos escolarizados de Corrente/PI

Os resultados quantitativos dos indivíduos menos escolarizados de Corrente se assemelharam bastante aos de Teresina: o índice de apagamento nos verbos chegou a 93% (94% em Teresina) e o de cancelamento do R nos não-verbos alcançou o percentual de 85% (nos falantes de Teresina, o índice é menor: 74%).

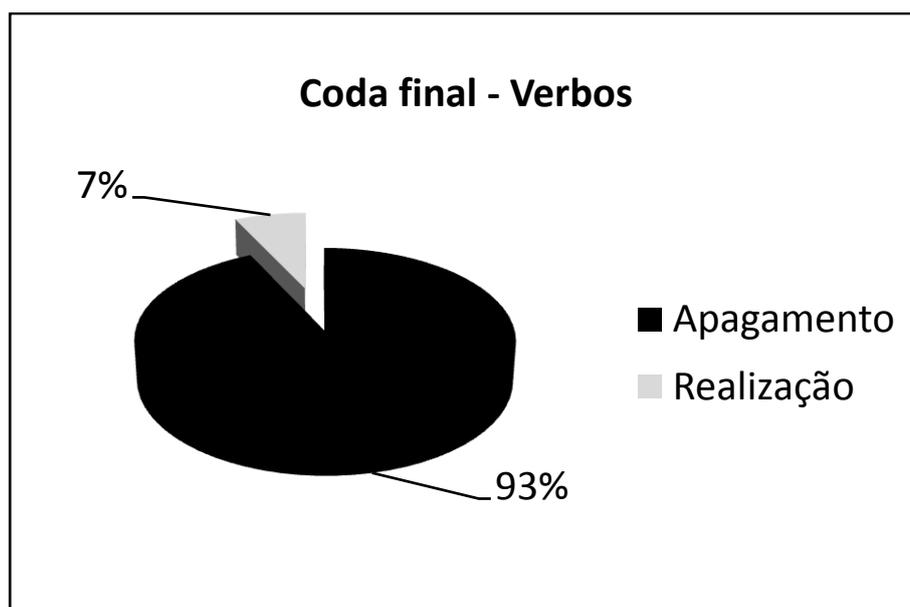


Gráfico 6 - Apagamento do R em verbos – falantes de menor escolarização de Corrente

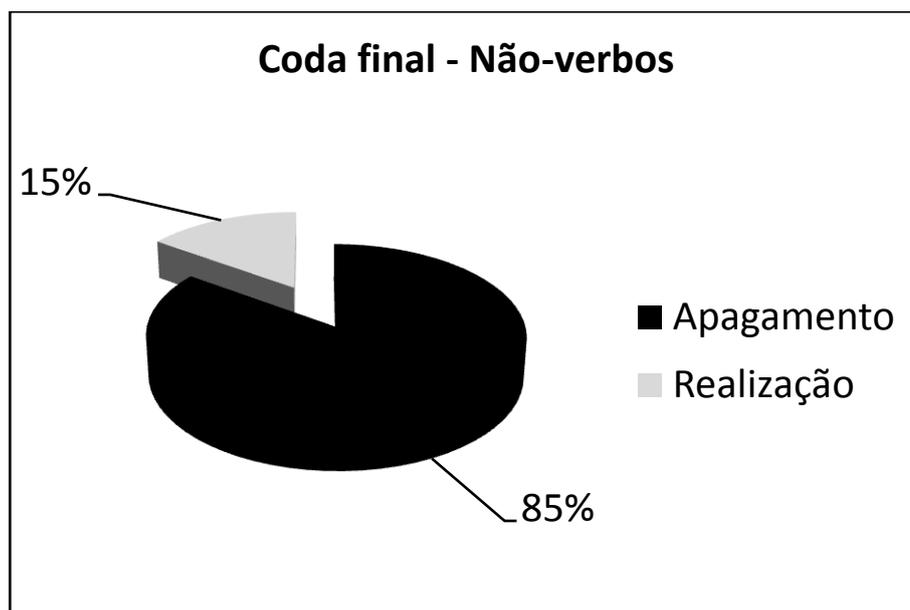


Gráfico 7 - Apagamento do R em não-verbos – falantes de menor escolarização de Corrente

Mesmo com alto índice de apagamento do rótico nos verbos, o programa GoldVarb X selecionou o contexto subsequente, mais uma vez como um grupo de fator que influencia na queda do segmento. Os resultados mostraram que diante de pausa, em geral, uma fronteira de sintagma entoacional, o segmento é mais frequentemente preservado. Em outras palavras, a pausa é o contexto que mais favorece a preservação do rótico.

Contexto subsequente	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
Pausa	80/107	75%	.056
Vogal	148/149	99%	.746
Consoante	139/140	99%	.734

Tabela 8 - Apagamento do R em verbos em relação ao contexto subsequente – falantes de menor escolarização de Corrente. (input 0.927)

Esse resultado é de extrema importância também para a nossa análise acústica do fenômeno, uma vez que a preservação do rótico se dá mais em final absoluto de frase (fronteira de IP) e, portanto, torna-se mais fácil observar, nesse contexto, a duração da vogal -- quando o rótico é realizado e quando não é -- para comparar o possível alongamento, nas duas possibilidades (can.ta**R** *versus* can.ta**Ø**).

Nos resultados relativos aos não-verbos, duas foram as variáveis selecionadas: uma

linguística e outra social, dimensão do vocábulo e sexo, respectivamente.

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
1 sílaba	15/24	62%	.184
2 sílabas	56/62	90%	.663
3 sílabas	13/15	87%	.537

Tabela 9 - Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes de menor escolarização de Corrente. (input 0.851)

Mais uma vez, em vocábulos menores, em especial, nos monossílabos, há maior retenção do R, assim como ocorreu nos resultados de Teresina para os não-verbos. Tais números apontam, novamente, para a importância da saliência fônica no caso da queda do /R/.

Nessa amostra, também no que se refere aos não-verbos, obteve-se um número maior de apagamento das mulheres, enquanto os homens se mostraram mais conservadores.

Sexo	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
Masculino	43/56	77%	.302
Feminino	53/57	93%	.695

Tabela 10 - Apagamento do R em não-verbos em relação ao sexo – falantes de menor escolarização de Corrente. (input 0.851)

Tal fato já havia sido registrado em trabalhos anteriores: “*Não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudanças linguísticas, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens*” (PAIVA, 2013: 36), lembrando afirmações anteriores de Gauchat (1905) Labov (1966), Callou (1987) e muitos outros.

Os números relativos à coda medial mostram que o processo se encontra ainda mais avançado que na capital do Piauí e o índice percentual de apagamento chega a 18%:

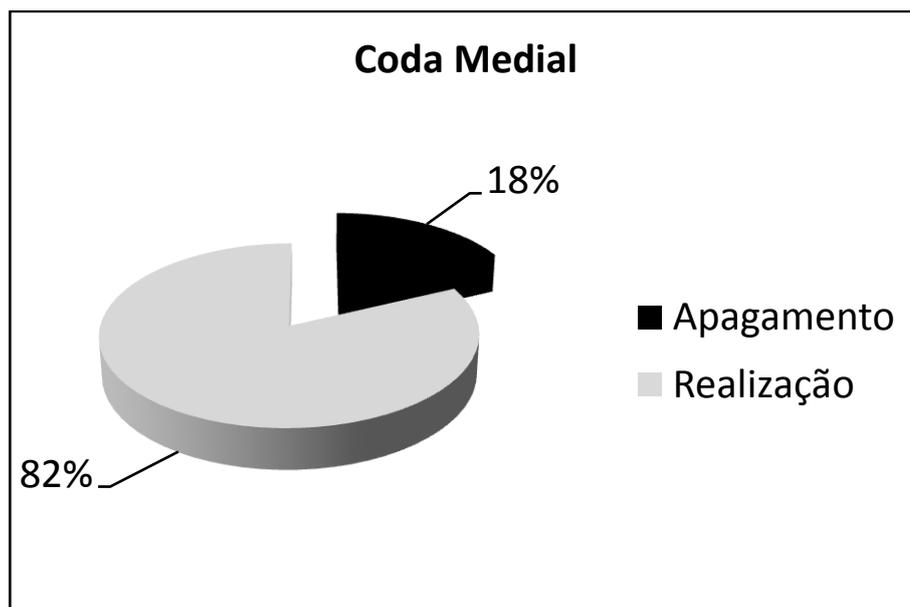


Gráfico 8 - Apagamento do R em Corrente – coda medial – falantes de menor escolarização

O percentual de apagamento em coda interna à palavra, conforme já mencionado, é bastante inferior aos índices registrados na coda final de palavra. Entretanto, parece que há uma relação entre o grau de instrução do falante e o apagamento do R em coda medial. Resultados de Callou, Serra e Cunha (2015) apontam um índice de apenas 2% de apagamento em coda medial nos falantes mais escolarizados de Teresina; Farias (2016), a respeito dos menos escolarizados dessa mesma capital, obteve um percentual de apagamento nesse contexto de 13% e, por fim, os resultados relativos aos falantes de baixa escolaridade de Corrente/PI apontam para um percentual ainda maior: 18%.

Nesse contexto, três foram os grupos de fatores que se mostraram relevantes no processo de apagamento: número de sílabas, consoante subsequente e sexo.

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
2 sílabas	28/142	20%	.577
3 sílabas	17/96	18%	.559
4 sílabas	3/30	10%	.098

Tabela 11 - Apagamento do R em coda medial em relação à dimensão do vocábulo – falantes de menor escolarização de Corrente. (input 0.176)

Esses resultados apontam para o oposto do que se encontra em coda final: enquanto, em final de vocábulo, a tendência é haver maior apagamento em vocábulos de maior número de sílabas, na coda medial, há o oposto: ocorre maior preservação do rótico em vocábulos

maiores e maior queda em vocábulos menores. Ressalta-se, também, que houve *knockout* com palavras de cinco sílabas, ou seja, houve 100% de realização do rótico. Esses resultados mostram como nessas duas fronteiras o rótico se comporta de maneira diferente.

A outra variável linguística selecionada como relevante para o apagamento é a consoante subsequente.

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
/m/	1/34	3%	.058
/k/	16/42	38%	.544
/v/	13/25	52%	.732
/f/	2/3	67%	.839
/s/	6/9	67%	.867
/j/	6/10	60%	.945
/z/	3/4	75%	.953

Tabela 12 - Apagamento do R em coda medial em relação à consoante subsequente – falantes de menor escolarização de Corrente. (input 0.176)

Mais uma vez, o item lexical parece influenciar no processo de apagamento. O rótico sofre apagamento nos mesmos vocábulos, tais como, *energia, catorze, cerveja, perfume*. É necessário, dessa forma, haver estudos mais aprofundados do item lexical, ao lado do contexto subsequente. Não obstante, o percentual de apagamento do R em coda medial é mais elevado em Corrente, se comparado a Teresina

Por fim, a última variável selecionada foi o sexo do falante:

Sexo	Oco/Total	% de apagamento	P.R.
Masculino	24/143	17%	.409
Feminino	24/129	19%	.601

Tabela 13 - Apagamento do R em coda medial em relação ao sexo – falantes de menor escolarização de Corrente. (input 0.176)

Os resultados mostram, mais uma vez, que as mulheres lideram o processo de apagamento, talvez por se tratar de fenômeno que não sofre estigma, já que os falantes não se dão conta da sua realização (processo abaixo do nível de consciência do falante). Entretanto, ressalta-se que a diferença percentual ainda é considerada baixa, o que não permite resultados conclusivos.

6.2 Resultados da análise acústica

Passando para a análise duracional da vogal que precede o rótico, os resultados relativos aos falantes menos escolarizados de Teresina estão expostos na Tabela X:

6.2.1 Resultados da análise acústica de Teresina

MÉDIA GERAL DE FALANTES DE MENOS ESCOLARIZAÇÃO – TERESINA	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. can.taØ)	0.247 segundos (59% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. can.ta R)	0.155 segundos

Tabela 14 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (falantes de menor escolarização de Teresina)

Observando os resultados obtidos em relação aos falantes menos escolarizados de Teresina, percebe-se que a duração da vogal é **59%** maior nos vocábulos cujo apagamento do rótico é registrado, o que vai ao encontro a nossa hipótese inicial de alongamento compensatório.

6.2.2 Análise por falante - Teresina

Para obter resultados bem detalhados, decidimos verificar a diferença duracional da vogal em casos de queda ou de realização na fala de cada um dos informantes de Teresina. A seguir, são apresentados, de forma separada, os resultados dos quatro informantes menos escolarizados da capital do Piauí:

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Esconder	0,127
Sair	0,268
Temperar	0,43
Interruptor	0,277

Almoçar	0,295
Vocábulo	<i>Duração da vogal com R</i>
Colher	0,199
Maior	0,103
Cantar	0,184
Contar	0,131

Tabela 15 - Falante 1 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - **0,279** segundos (81% maior)

Media duracional da vogal com o R - can.taR - **0,154** segundos

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Menor	0,192
Melhor	0,307
Dor	0,390
Favor	0,217
Valor	0,354
Trazer	0,495
(Lavar e) Passar	0,310
Esquentar	0,264

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal com R</i>
Interior	0,122
Passar	0,166
(por) favor	0,172
Informar	0,141

Viajar	0,174
--------	-------

Tabela 16 - Falante 2 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,316 segundos (104% maior)

Media duracional da vogal com o R - can.taR - 0,155 segundos

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Qualquer	0,18
Varrer	0,187
Descansar	0,196

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal com R</i>
Montar	0,178
Almoçar	0,155

Tabela 17 - Falante 3 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,187 segundos (13% maior)

Media duracional da vogal com o R - can.taR - 0,166 segundos

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Usar	0,2
Escurecer	0,228
Dormir	0,230
Favor	0,218
Professor	0,203
Viajar	0,201
Atender	0,232

Voltar	0,146
--------	-------

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal com R</i>
Parar	0,196
Procurar	0,114
Almoçar	0,152
Fazer	0,129

Tabela 18 - Falante 4 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Teresina

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,207 segundos (41% maior)

Media duracional da vogal com o R - can.taR - 0,147 segundos

Percebe-se, a partir dos resultados individuais, que a duração da vogal quando o rótico é realizado (can.taR) é bastante semelhante em todos os falantes de Teresina. O alongamento da vogal nos contextos em que o segmento não é realizado apresenta uma variabilidade maior, alguns falantes alongando mais a vogal, enquanto outros falantes alongam menos. Entretanto, o que não se pode negar é que, de fato, em todos os falantes, registrou-se um alongamento que parece manter a unidade temporal da sílaba.

Além disso, destacamos os vocábulos que não são verbos, pois se pensou na possibilidade de que haveria uma diferenciação no processo de alongamento de acordo com a classe morfológica. Entretanto, os resultados mostraram que o comportamento da vogal, tanto nos contextos com a realização do /R/ quanto nos casos em que o segmento é suprimido se mostra equivalente nas diferentes classes morfológicas:

6.2.3 Verbos

Apagamento	15/26	58%
Realização	11/26	42%

Tabela 19 - Números de apagamento x realização do R em coda final, nos verbos, em final absoluto de frase - falantes de menor escolarização de Teresina

MÉDIA GERAL DA DURAÇÃO VOCÁLICA NOS VERBOS – TERESINA	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. can.taØ)	0.253 segundos (62% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. can.ta R)	0.156 segundos

Tabela 20 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (verbos)

6.2.4 Não-verbos

Apagamento	9/12	75%
Realização	3/12	25%

Tabela 21 - Números de apagamento x realização do R em coda final, nos não-verbos, em final absoluto de frase - falantes de menor escolarização de Teresina

MÉDIA GERAL DA DURAÇÃO VOCÁLICA NOS NÃO-VERBOS – TERESINA	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. a.moØ)	0.259 segundos (58% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. a.mo R)	0.164 segundos

Tabela 22 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (não-verbos)

Ao observar os resultados, percebe-se que o comportamento da vogal nos verbos e nos não-verbos é bastante semelhante. O fator interessante é que, nesse contexto específico de final absoluto de frase, houve um número percentual de realização do rótico nos verbos se comparado aos não-verbos. Em outros termos, observa-se que, diferente do que geralmente ocorre nos demais contextos (fronteira de sintagma fonológico ou fronteira de palavra prosódica), o percentual de apagamento do /R/ nos verbos foi maior do que nos não-verbos.

6.3 Resultados da análise acústica de Corrente

Após analisar acusticamente os resultados dos falantes com menor escolarização de Teresina, passaremos para a análise comportamental da vogal antecedente ao rótico na fala dos indivíduos de Corrente. Lembra-se de que o contexto analisado é o mesmo da capital do Piauí: palavras que se encontra em final absoluto de frase.

MÉDIA GERAL DE FALANTES DE MENOR ESCOLARIZAÇÃO – CORRENTE	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. can.taØ)	0.202 segundos (70% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. can.taR)	0.119 segundos

Tabela 23 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (falantes de menor escolarização de Corrente)

Nesse ponto, é importante ressaltar que o falante 4 (homem mais velho) de Corrente não realizou, em final absoluto de frase, o rótico em nenhum dos casos. Portanto, dessa maneira, o número de 0,119 segundos corresponde apenas à média duracional da vogal nas sílabas em que o rótico é realizado de três falantes dessa cidade.

Entretanto, mesmo com a não realização do rótico desse falante de Corrente, pode-se observar que, na fala dos menos escolarizados de Corrente, a duração da vogal nas sílabas em que há a queda do /R/ (can.taØ) é **70% maior** do que a duração vocálica nos casos em que o segmento é realizado – resultado de alongamento ainda maior do que na capital do Piauí. Esses resultados apontam, assim como os de Teresina, que parece haver, de fato, um alongamento da vogal nos casos em que o elemento em coda é suprimido.

6.3.1 Análise por falante - Corrente

Assim como foi feito nos resultados de Teresina, decidimos, também, analisar separadamente o comportamento de cada falantes dessa cidade. Dessa forma, apresentaremos os resultados individuais de cada falante que compõe o nosso *corpus*:

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Reproduzir	0,197
Achar	0,202
Almoçar	0,197
Acender	0,143
Clarear	0,151
Começar	0,198
Criar	0,182
Deitar	0,206
Explicar	0,131
Fazer	0,190
Machucar	0,170
Pagar	0,220
Passar	0,202
Perguntar	0,186
Plantar	0,183
Por	0,189
Pagar	0,185
Por	0,208
Regar	0,195
Sair	0,177
Trabalhar	0,193
Por	0,165
Varrer	0,187
Vomitar	0,208
Procurar	0,259
Amortecedor	0,178

Flor	0,209
Calcanhar	0,182
Calor	0,159
Devedor	0,172
Dor	0,244
Interior	0,234
Liquidificador	0,169
Menor	0,198
Menor	0,210
Pegador	0,186

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal com o R</i>
Trabalhar	0,140
Dar	0,151
Bar	0,121
Bar	0,115
Beber	0,152
Beijar	0,120
Botar	0,113
Colher	0,107
Encontrar	0,140
Ensaboar	0,097
Ganhar	0,122
Machucar	0,119
Militar	0,141

Montar	0,136
Mulher	0,111
Pilar	0,102
Pilar	0,112
Por	0,139

Tabela 24 - Falante 1 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,19 segundos (53% maior)

Media duracional da vogal com o R - can.taR - 0,124 segundos

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Gritar	0,291
Passar	0,173
Dor	0,133
Bar	0,146
Bebedor	0,178
Chutar	0,225
Doutor	0,401
Doutor	0,204
Bar	0,169
Encontrar	0,134
Entrar	0,314
Favor	0,270
Favor	0,153
Fumar	0,165
Interior	0,161

Interior	0,350
Lembrar	0,162
Lugar	0,175
Menor	0,156
Menor	0,218
Menor	0,177
Menor	0,154
Morrer	0,183
Pegar	0,122
Plantar	0,195
Favor	0,318
Sair	0,188
Sorrir	0,225
Trabalhar	0,226

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal com R</i>
Achar	0,111
Lugar	0,102
Menor	0,132
Montar	0,113
Perguntar	0,118
Procurar	0,108
Colher	0,110
Vomitar	0,104

Tabela 25 - Falante 2 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,205 segundos (83% maior)

Média duracional da vogal com o R - can.taR - 0,112 segundos

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Falar	0,172
Grampear	0,281
Liberar	0,171
Acender	0,165
Beijar	0,175
Caçar	0,178
Calor	0,187
Dizer	0,221
Entender	0,218
Fechecler	0,229
Liquidificador	0,209
Mostrar	0,172
Mulher	0,224
Procurar	0,188
Rasgar	0,181
Rasgar	0,181
Sair	0,179
Entender	0,245
Ser	0,161
Entender	0,307
Varrer	0,237

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal com R</i>
Achar	0,108
Adubar	0,117

Montar	0,176
Botar	0,136
Encontrar	0,103
Ficar	0,123
Molhar	0,123
Plantar	0,122
Ser	0,107

Tabela 26 - Falante 3 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,205 segundos (67% maior)

Media duracional da vogal com o R - can.taR - 0,123 segundos

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal sem R</i>
Menor	0,374
Moedor	0,172
Anterior	0,254
Interior	0,233
Melhor	0,139
Motor	0,159
Moedor	0,188
Moedor	0,242
Procurar	0,203
Procurar	0,188
Trazer	0,168

Tabela 27 - Falante 4 - duração vocálica dos falantes de menor escolarização de Corrente

Média duracional da vogal sem o R - can.taØ - 0,220 segundos

Mais uma vez, nota-se que a duração da vogal nos casos de queda do /R/ é bastante semelhante entre os quatro falantes, girando entorno de 0,200 segundos. Já a duração da vogal quando o segmento é realizado é de, aproximadamente, 0,120 segundos, o que corrobora a hipótese de há um alongamento da vogal.

Nos dados de Corrente, observaremos, assim como foi feito em Teresina, o comportamento no caso de verbos e não-verbos com o objetivo de verificar se o alongamento se dá de maneira diferenciada de acordo com a classe morfológica do vocábulo.

6.3.2 Verbos

Apagamento	61/84	73%
Realização	23/84	27%

Tabela 28 - Números de apagamento x realização do R em coda final, nos verbos, em final absoluto de frase - Corrente - falantes menos escolarizados

MÉDIA GERAL DA DURAÇÃO VOCÁLICA NOS VERBOS - CORRENTE	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. can.taØ)	0.195 segundos (61% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. can.ta R)	0.121 segundos

Tabela 29 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (verbos)

6.3.3 Não-verbos

Apagamento	39/49	79%
Realização	10/49	21%

Tabela 30 - Números de apagamento x realização do R em coda final, em não-verbos, em final absoluto de frase - Corrente - falantes menos escolarizados

MÉDIA GERAL DA DURAÇÃO VOCÁLICA NOS NÃO-VERBOS- CORRENTE	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. a.moØ)	0.209 segundos (83% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. a.moR)	0.114 segundos

Tabela 31 - Média duracional da vogal quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (não-verbos)

Assim como os resultados de Teresina, ao observar os números relativos à Corrente, percebe-se que o comportamento da vogal nos verbos e nos não-verbos também é bastante semelhante. O mesmo fato que ocorreu na capital do Piauí aconteceu também em Corrente: em final absoluto de frase, houve um número percentual de realização do rótico nos verbos se comparado aos não-verbos. Observa-se mais uma vez que, diferente do que geralmente ocorre no fenômeno variável de apagamento do rótico em coda final, o percentual de apagamento do /R/ nos verbos foi maior do que nos não-verbos. A respeito da duração silábica, em ambos os casos (verbos x não-verbos) e em ambas as cidades, o comportamento da vogal é a mesma: esta é alongada quando ocorre a não pronúncia do rótico.

6.4 Análise por tipo de vogal precedente - TERESINA

Percebe-se que, em ambos os níveis de escolaridade, os falantes utilizaram a estratégia de alongamento para manter a unidade temporal, pelo menos no que se refere ao contexto de vocábulos em fronteira de sintagma entoacional (IP). Os próximos passos da pesquisa visam a verificar se nas demais fronteiras também ocorre esse alongamento vocálico. É interessante, também, observar o comportamento de cada vogal separadamente como veremos nas próximas sessões.

6.4.1 -AR

Para a análise ficar mais completa, decidiu-se verificar se cada uma das vogais apresenta comportamento diferenciado. Nota-se, primeiramente, que há uma maior retenção

do /R/ nos vocábulos terminados em [ar]: das 18 ocorrências, houve oito casos de apagamento e dez de realização. (44% de apagamento)

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM -AR - TERESINA	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. can.taØ)	0.258 segundos (62% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. can.taR)	0.159 segundos

Tabela 32 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([ar])

Os números mostram que a média duracional da vogal *sem* o rótico em vocábulos terminados em [ar] é de **0,258** segundos, enquanto a média dos casos em que o rótico é realizado é de **0,159** segundos, ou seja, a vogal é **62%** maior quando o rótico não é realizado pelo falante, indo ao encontro da nossa hipótese.

O que chama a atenção nesses números é o baixo percentual de apagamento do /R/ nos vocábulos terminados em [ar]. Tal fato pode indicar que essa vogal, no contexto de final absoluto de frase, é um dos fatores que pode auxiliar na preservação do segmento.

6.4.2 -ER

Em relação aos resultados relativos aos vocábulos com final *-er*, é importante separar as diferentes realizações da vogal: fechada [e] ou aberta [ɛ].

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [er]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. sa.beØ)	0.260 segundos (102% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. sa.beR)	0.129 segundos

Tabela 33 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([er])

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [ɛr]

Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. co.lheØ)	0.199 segundos (10% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. co.lheR)	0.180 segundos

Tabela 34 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (-[ɛʀ])

Os poucos dados apresentados do *com* a realização do rótico mostram que não é possível fazer uma análise segura de como ocorre o alongamento nesse contexto. Dos dados com a vogal fechada, foram apenas seis ocorrências e apenas uma realização, o que representa 83% de apagamento.

Já os dados com a vogal aberta, foram apenas duas ocorrências, sendo um apagamento e uma realização (50% de apagamento). Dessa maneira, conforme citados, os poucos dados não se mostraram conclusivos.

6.4.3 –IR

Os dados de vocábulo terminados em [ir] apresentaram um resultado categórico: em todas as ocorrências houve apagamento do rótico:

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [ir]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. sa.iØ)	0.249 segundos

Tabela 35 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([-ir])

Ainda é necessário ampliar (há apenas 2 dados) o *corpus* para verificar se, de fato, a vogal alta anterior favorece o apagamento do rótico e o alongamento compensatório. O que se pode verificar, nesse *corpus*, é que a média duracional da vogal em sílabas sem o rótico é de **0,249** segundos. Não há como comparar essa média com a de casos cujo rótico é realizado devido à inexistência desses dados.

6.4.4 –OR

Assim como os resultados registrados nos vocábulos terminados em *-er*, faz-se necessária uma separação entre média baixa posterior ([ɔ]) e média alta posterior ([o]) para verificar se há alguma diferença no comportamento do fenômeno.

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [or]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. fa.voØ)	0.269 segundos (83% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. fa.voR)	0.147 segundos

Tabela 36 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-or])

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [ɔr]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. ma.ioØ)	0.249 segundos (142% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. ma.ioR)	0.103 segundos

Tabela 37 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-ɔr])

Dos vocábulos terminados em [or], houve oito ocorrências, sendo dois casos de realização e seis de apagamento (75% de apagamento). Já com os vocábulos terminados em [ɔr], foram três ocorrências, com dois apagamentos e uma realização do rótico (67% de apagamento).

Mais uma vez, agora em relação aos vocábulos terminados em [or] e [ɔr], obtivemos resultados que demonstram que há um alongamento da vogal com a finalidade de manter a unidade temporal da sílaba travada por consoante em coda.

6.5 Análise por tipo de vogal precedente - CORRENTE

6.5.1-AR

Os dados totais de vocábulos terminados em [ar], de Corrente, somaram 69 ocorrências, com 42 casos de apagamento do R e 27 casos de realização, o que resulta em 61% de apagamento.

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM -AR	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. can.taØ)	0.191 segundos (60% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. can.taR)	0.119 segundos

Tabela 38 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([ar])

Veja que o percentual de apagamento do R em vocábulos terminados em -ar ainda é baixo se comparado ao contexto com as demais vogais, tanto em Corrente quanto em Teresina. Em relação à duração silábica, o alongamento se faz presente mais uma vez.

6.5.2 -ER

Em relação aos resultados relativos aos vocábulos com final -er, é importante, novamente, separar as diferentes realizações da vogal:

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [er]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. sa.beØ)	0.186 segundos (22% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. sa.beØ)	0.152 segundos

Tabela 39 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([er])

No total de vocábulos terminados em [er], foram treze dados, sendo apenas uma realização do rótico e doze casos de apagamento, totalizando 92% de apagamento.

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [ɛr]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. co.lheØ)	0.226 segundos (107% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. co.lheR)	0.109 segundos

Tabela 40 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado ([-ɛr])

Nos casos de palavras terminadas em [ɛr], totalizaram cinco ocorrências, com três realizações e dois apagamentos, resultando em 40% de apagamento. É interessante observar, também, que a duração da vogal nas sílabas cujo rótico não é realizado é mais do que o dobro em segundos.

6.5.3 –IR

Os dados de vocábulo terminados em [ir] apresentaram um resultado categórico: em todas as ocorrências houve apagamento do rótico, o mesmo ocorreu em Teresina:

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [ir]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. sa.iØ)	0.190 segundos

Tabela 41 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento ([-ir])

Assim como ocorreu na capital do Piauí, não encontramos dados em que o rótico foi realizado em vocábulos terminados em -ir. Das cinco ocorrências, foram cinco apagamentos dos róticos.

6.5.4 –OR

De vocábulos terminados em [or], obtivemos o total de 25 ocorrências e apenas uma realização, ou seja, 96% de apagamento.

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [or]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. fa.voØ)	0.206 segundos (48% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. fa.voR)	0.139 segundos

Tabela 42 - Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (-or)

Já em vocábulos terminados em [ɔr], foram nove ocorrências, com apenas uma realização, totalizando o percentual de 89% de apagamento.

MÉDIA DURACIONAL: TERMINADOS EM [ɔr]	
Duração da vogal <i>sem</i> o R (ex. ma.ioØ)	0.212 segundos (60% maior)
Duração da vogal <i>com</i> o R (ex. ma.ioR)	0.132 segundos

Tabela 43 - : Média duracional da vogal (segundos) quando há a queda do segmento e quando o rótico é realizado (-ɔr)

Mais uma vez, em ambos os casos, o alongamento da vogal está presente e houve alto índice de apagamento do rótico em contextos em que as vogais [-or] e [-ɔr] precediam o segmento consonantal.

7. DURAÇÃO INTRÍNSECA DA VOGAL

Decidiu-se, também, medir a duração da vogal em vocábulos sem coda, em final de enunciado, para comparar a duração da vogal em palavras sem coda (café, xará, gambá) com a duração da vogal em casos em que há a coda realizada foneticamente ou não (achaR *versus* achaØ). Em outras palavras, foram aferidas as durações intrínsecas das vogais nas estruturas CV, em final absoluto de frase. Os dados são reais e retirados da amostra de fala dos informantes de Corrente/PI.

Média duracional da vogal sem coda (segundos)				
[a]	[ɛ]	[i]	[ɔ]	[o]
0,137	0,133	0,201	0,131	0,138

Tabela 44 - Duração intrínseca média das vogais sem coda

Percebe-se que a duração das vogais é bastante semelhante: [a], [ɛ], [ɔ] e [o] apresentam uma duração, em segundos, que gira entorno de 0,130 segundos. O [i] é a vogal que parece ser mais longa, alcançando a marca de 0,201 segundos. Em anexo, pode-se verificar todo o elenco de palavras em que houve medição acústica: no total, foram 12 ocorrências de palavras selecionadas.

Esses resultados acerca da duração intrínseca da vogal (0,130 segundos, aproximadamente) é bastante semelhante à duração da vogal nos casos em que há a estrutura CVC, com o elemento em coda – no nosso caso, o rótico – realizado: em Teresina, a duração dessa vogal (can.ta**R**) foi de aproximadamente 0,150 segundos e, em Corrente, 0,120 segundos. Já nos casos em que há a supressão do segmento, as vogais tendem a apresentar uma duração maior do que 0,200 segundos (0,202 segundos em Corrente e 0,247 me Teresina).

Todos os resultados acima discutidos apontam para uma tendência de alongamento da vogal nos casos em que o rótico não é pronunciado pelo falante. Ademais, observou-se que a duração intrínseca da vogal (gam.bá) é bastante semelhantes à duração da vogal cuja coda é preenchida (can.ta**R**). Há uma diferenciação, entretanto, quando esse segmento em coda não é realizado: as vogais (can.ta \emptyset) apresentam uma duração maior do que a sua duração intrínseca. A seguir, serão apresentados *prints* do programa de análise acústica PRAAT, em que é possível observar a diferença duracional das vogais:

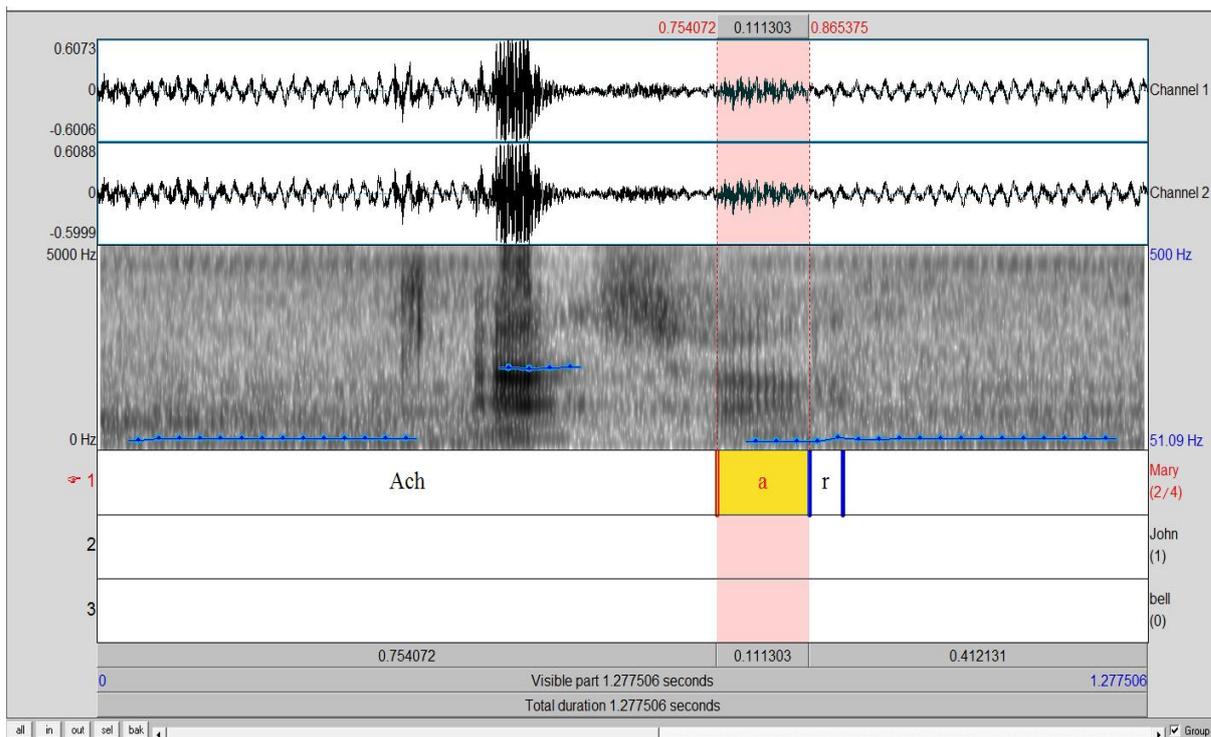


Figura 18- Análise acústica de achar

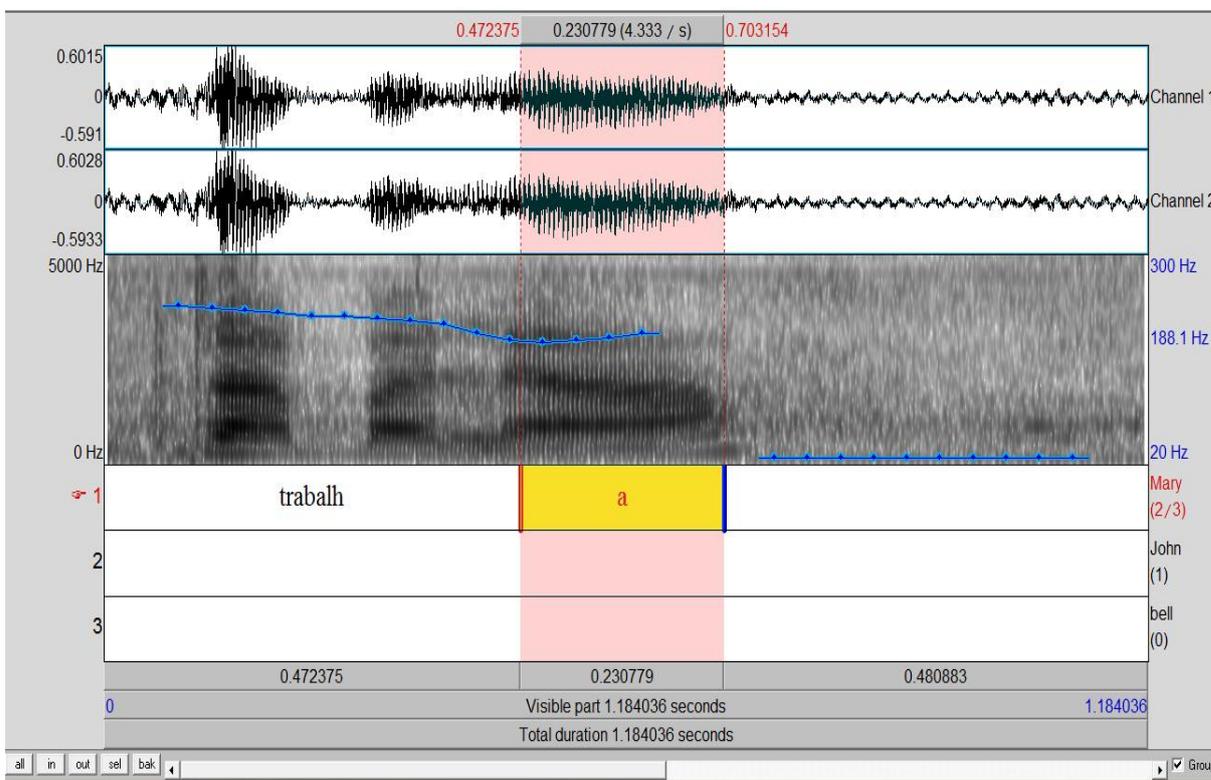


Figura 19 - Análise acústica de trabalhaØ

As imagens retiradas do PRAAT exemplificam de maneira clara como as durações das vogais podem ser diferentes de acordo com a realização ou não do rótico. Na figura 18, observa-se que o falante produziu o /R/ em coda e a duração vocálica do [a] precedente foi de 0,111 segundos, enquanto a duração da vogal quando o segmento não foi realizado chegou a 0,230 segundos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os resultados apresentados e, dessa forma, é importante fazer uma síntese no que se refere ao apagamento do rótico em cada uma das sílabas possíveis (terminadas em [-ar], [-er], [-ɛr], [-or] ou [ɔr]) e ao alongamento de cada uma dessas vogais.

O gráfico a seguir apresenta os índices percentuais de apagamento do rótico, em Teresina, de acordo com a vogal precedente:

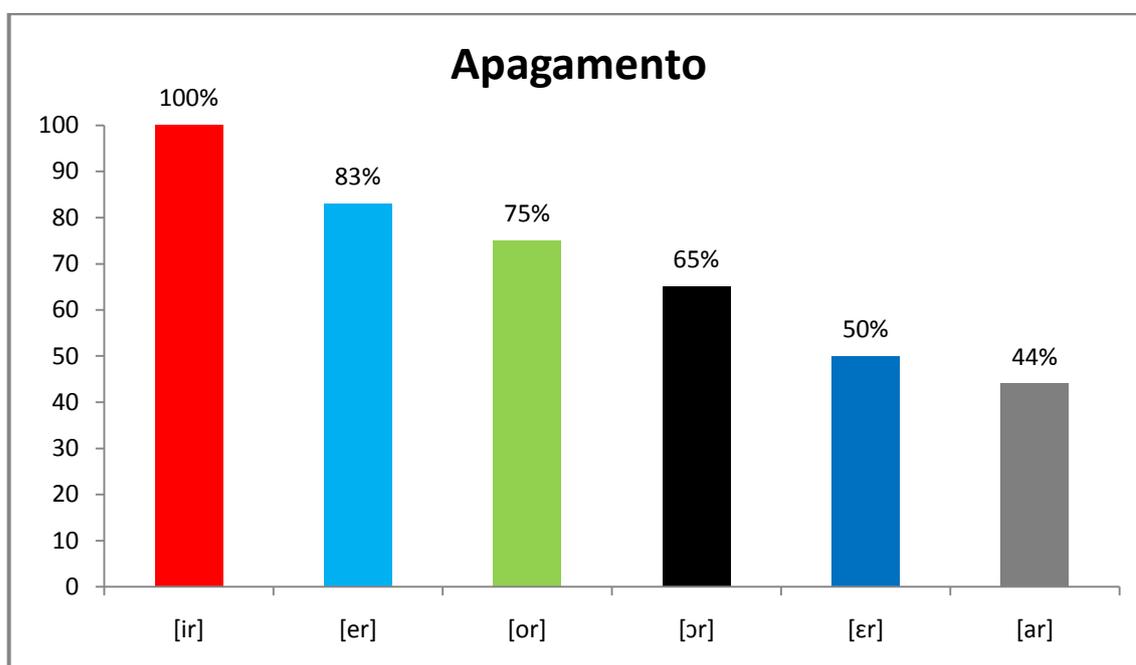


Gráfico 9 - Porcentagem de apagamento do /R/ de acordo com a vogal precedente - Teresina

Com esse resultado, pode-se perceber que o apagamento do /R/ em vocábulos terminados em [-ir] é categórico. Além disso, as palavras que terminam com vogais meia-fechadas anterior e posterior ([-er] e [-or], respectivamente) apresentaram altos índices de apagamento, enquanto as vogais meia-abertas anterior e posterior e aberta ([-ɛr], [ɔr] e [ar], respectivamente) apresentaram os índices mais baixos.

O gráfico a respeito de Corrente mostra que essa diferenciação entre vogais fechadas e abertas se mantém:

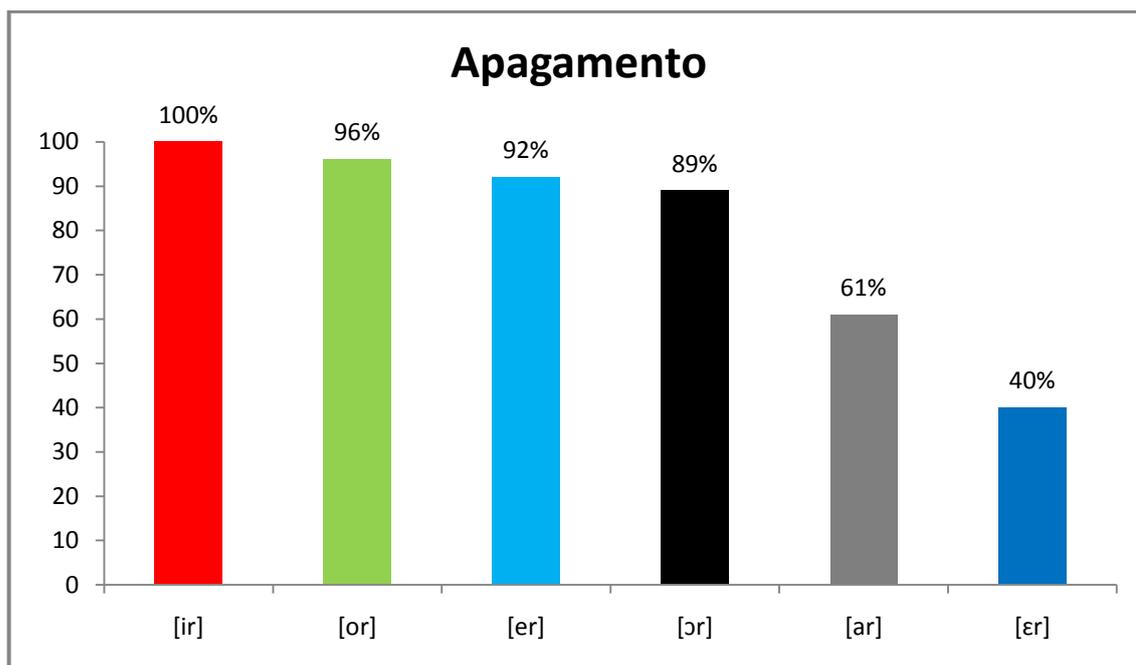


Gráfico 10 - Porcentagem de apagamento do /R/ de acordo com a vogal precedente - Corrente

Mais uma vez, o apagamento do /R/ em vocábulos terminados em [-ir] foi categórico, ou seja, não há registros de realização do rótico em sílabas com a vogal alta [i]. Outro resultado semelhante foi os altos índices de apagamento do rótico em contextos que apresentam vogais meia-fechadas posterior e anterior. Já nos casos de vogais meia-abertas e abertas, o apagamento foi menor.

Dessa forma, parece haver uma regularidade no que se refere ao apagamento: as vogais mais altas parecem favorecer o apagamento do /R/ no contexto de final absoluto de frase, enquanto as vogais baixas parecem favorecer a preservação do segmento.

Em síntese, pode-se perceber que o alongamento compensatório é uma estratégia de reparo temporal usada tanto pelos falantes menos escolarizados de Teresina, tanto os de Corrente, pelo menos no que se refere a vocábulos que se encontram em fronteira de sintagma entoacional.

Por fim, percebe-se que as vogais apresentaram uma média duracional muito semelhante quando ocorre a queda do rótico, com a finalidade de manter a unidade temporal perdida com a queda do /R/. A seguir, destaca-se a regularidade entre a duração das vogais quando ocorre a queda do rótico:

Média da duração vocálica quando ocorre o apagamento do R (segundos)	
/o/	0,237
/ɔ/	0,230
/a/	0,224
/e/	0,223
/i/	0,219
/ɛ/	0,212

Tabela 45 - Duração vocálica: sílaba sem R

Nota-se, a partir desses resultados relativos à duração temporal das vogais nas sílabas cujo rótico não é realizado, que as vogais médias posteriores [o, ɔ, a] apresentaram maiores durações, enquanto as anteriores [i, e, ɛ], as menores. É evidente que ainda é necessário ampliar o *corpus* e perceber que as durações são muito semelhantes, mas esse pode ser um indício de que as vogais apresentam diferentes comportamentos no processo de alongamento compensatório.

Os estudos ainda são incipientes, contudo, podem apontar para uma tendência ainda não observada mais a fundo no português brasileiro: o alongamento compensatório.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. B & SÂNDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: DA HORA, D. & COLLISCHONN, G. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003. p. 144-180.

ALKMIN, T. M. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística vol. I: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 1978. p. 21-45.

ASSIS-FONSECA, M. C. *Cartas oficiais da Paraíba nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Ideia, 2007.

BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. *D.E.L.T.A.*, v. 14, p. 24-46, 1998.

BLOOMFIELD, L. *Language. New York*. Henry, Holt. [Trad. Esp. *Lenguage*. Lima, 1964; trad. fr. *Langage*. Paris, Payot, 1970].

BOERSMA P.& WEENINK, D. *Praat program*. Phonetic Sciences, University of Amsterdam, 2009.

BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. & CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: O –R final de vocábulo. In: BRANDÃO S. F. & MOTA, M. A. (org.). *Análise Contrastiva de Variedades do Português*. Rio de Janeiro: Infólio, 2003, 163-180.

BRANDÃO, S. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 177-189, jan./jun. 2008.

CALLOU, D. & LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CALLOU, D. & SERRA, C. Variação do rótico e estrutura silábica. *Revista do GELNE*, v. 14, no especial, p. 41-57, 2012.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. A. Consonantal weakening Process(es) in Brazilian Portuguese. In: Paradis, C.; Vincent, D.; Deshaies, D. & Laforest, M. (ed.). *Papers in Sociolinguistics*. N.WAVE-26 à l'Université Laval. Québec/Canada, Nota Bene, p. 53-62, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. A.. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: Koch, I. G. V. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996, p. 465-493.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, v.14, n.1, p. 195-219, 2015.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística vol. I: domínios e fronteiras*, São Paulo-SP, Cortez Editora, 1978, p. 49-74.

CÂMARA Jr, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

CESÁRIO, M. M.& VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 1.ed.São Paulo: Editora Contexto, 2009, p.141-155.

CLEMENTE, F. *Retroflexão gradiente nos róticos em coda no PB de Curitiba*. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2009.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de & MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto (Coleção para conhecer linguística), 2015.

COLLISCHOM, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, pp. 95-130.

FARIAS, A. & OLIVEIRA, I. O apagamento do rótico no Português Brasileiro e no Português Europeu: o lido e o dito. *Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*, v. 2, 2013.

FARIAS, A. Sobre o processo de apagamento do rótico em posição de coda silábica: diversidade regional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Abi - Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.

FERNANDES, N. H. *Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, São Paulo, 1976

FOUGERON, C.; KEATING, P. Articulatory strengthening at edges of prosodic domains. *Journal of the Acoustic Society of America*, v. 101, n.6, p. 3728-3740, 1997.

GAUCHAT, L. *L'unité phonétique dans le patois d'unecomunne*. Halle, 1905.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GNERRE, M. *Linguagem, Poder e Discriminação*. In: *Linguagem, Escrita e Poder*. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GONÇALVES, G. F.; SILVA, F. B. & WEIRICH, H. Produção dos róticos durante a aquisição da linguagem escrita: a língua de imigração hunsrückisch. *Prolíngua* (João Pessoa), v. 8, p. 67-82, 2013.

GRANDA GUTIERREZ, G. La velarización de R em Puerto Rico. *Revista de Filología Española*: 49. Madrid, p. 181-277, 1966

HAYES, B. Compensatory Lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry* 20, p.253-306, 1989.

HOOPER, J. *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HORA, D. & MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D. & COLLISCHONN, G. (Org). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUFPB, 2003, 114-143.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO, 1985.

HULST, H.; RITTER, N. Theories of the syllable. In HULST; RITTER. (eds). *Syllable - Views and Facts & Berlin: Mouton de Gruyter*. p. 13-43, 1999.

HYMAN, L. *A Theory of Phonological Weight*. Dordrecht: Foris, 1985.

IGNÁCIO DE MENDONÇA, C. S. A sílaba em fonologia. *WORKING PAPERS EM LINGUÍSTICA*, UFSC, N.7, p. 21-40, 2003.

JAKOBSON, R. *Child Language, Aphasia, and Phonological Universals*. The Hague: Mouton Publishers, 1941.

KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Tese de doutorado. Cambridge, Mass: MIT, 1976.

LABOV, W, *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. In: _____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge, Blackwell, 1994.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LEITE, Y. *Portuguese stress and related rules*. 1974. Dissertation (Doctoral) - University of Texas at Austin, 1974.

LINDAU, Mona. The story of /r. (Org.) *Phonetic Linguistics: Essays in Honor of Peter Ladefoged* (edited by Victoria Fromkin). New York: Academic Press, 1985, p.157-168.

LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian portuguese (Cariocan dialect)*. Los Angeles: University of California, Ann Harbor, University Microfilms International, 1979. Tese (Doutorado) – University California, 1979.

MADDIESON, I. A survey of liquids. In: *UCLA Working Papers in Phonetics*. n. 50, 1980.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MATEUS M. H. & RODRIGUES C. A vibrante em coda no Português Europeu. *Actas do XIXº Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, p. 289-299. 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

MEZZOMO, C. L. A análise acústica como subsídio para a descrição da aquisição do constituinte coda. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 2, p. 75-82, 2003a.

MEZZOMO, C. L. *Aquisição da coda no português brasileiro: uma análise via teoria de Princípios e Parâmetros*. 2003. 231f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003b.

MEZZOMO, C. L.; KESKE-SOARES, M. & MOTA, H. B. Análise acústica como instrumento de auxílio na descrição do sistema fonológico infantil. In: *Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e II Congresso Sulbrasileiro de Fonoaudiologia*. Foz do Iguaçu, 2004.

MIRANDA, A.R. Evidências acústicas sobre a fixação do parâmetro da coda no português brasileiro. In: HERNANDORENA, C.L.M. *Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonéticos-fonológicos*. Pelotas: EDUCAT; 2001. p.145-58.

MONARETTO, V. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. 1992. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1992.

MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L. & COLLISCHONN, G. (Org.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p.119-127.

MONARETTO, V. O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2002.

MONARETTO, V. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de hoje*, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

MONARETTO, V.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

MORAES, J. A. Índices acústicos do acento lexical em português. Um estudo instrumental manuscrito, versão integral em português de “Correlats acoustiques de l’accent de mot en Portugais Brésilien. *Proceedings of the International Congress of Phonetic Sciences*. Tallin, Estônia, URSS, 1987. v.3, p. 313-316.

NESPOR, M.; & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OLIVEIRA, I. C. Apagamento do r em coda silábica externa: a região Sul do Brasil. Trabalho apresentado no XVIII Congresso Internacional ALFAL, 2017.

OLIVEIRA, K. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: Sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. 2006. Tese de doutorado em Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2006.

OLIVEIRA, M. A. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. 1983. Tese de doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

OLLER, K. D. The effect of position in utterance on speech segment duration in English. *Journal of Acoustic Society of America*, v. 54, p. 1235-1247, 1973

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. University of Toronto, Department of Linguistics, 2005.

SANTOS, R. S.& LEAL, E. G. Os domínios prosódicos e a duração de sílabas no Português Brasileiro. *Estudos da Língua(gem)* Vitória da Conquista v. 8, n. 2 p. 133-171, 2010. <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/191>

SELKIRK, E. *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1984.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, S. *The Structure Phonological Representations (Part II)*. Dordrecht Foris, p. 337-383, 1982.

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no Português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e da Cultura, 1963[1950].

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, Trad. Celso Cunha, 1982.

VIEIRA, S. R. Concordância Verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.85-102.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Tradução de Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial, [1968], 2006.

WEISMER, G.; DINNSEN, D. & ELBERT, M. A study of the voicing distinction associated with omitted word-final stops. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 46, P. 320–327. 1981.

WIDDISON, Kirk. Variability in lingual vibrants: changes in the story of /r/. *Language & Communication*, Vol. 17, n°. 3, 1997, p. 187-193.

WILLIAMS, E. *Do Latim ao Português*. 3a ed., Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975.

XAVIER, K. S. *A variação do rótico na música popular brasileira: de 1902 a 1960*. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

ANEXOS

Anexo 1: Duração da vogal e do rótico – falantes de menor escolarização de Teresina

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal</i>	<i>Duração do R</i>
Esconder	0,127	0
Sair	0,268	0
Temperar	0,43	0
Interruptor	0,277	0
Almoçar	0,295	0
Colher	0,199	0,19
Maior	0,103	0,103
Cantar	0,184	0,187
Contar	0,131	0,131
Menor	0,192	0
Melhor	0,307	0
Dor	0,390	0
Favor	0,217	0
Valor	0,354	0
Trazer	0,495	0
(Lavar e) Passar	0,310	0
Esquentar	0,264	0
Interior	0,122	0,119
Passar	0,166	0,151
(por) favor	0,172	0,159
Informar	0,141	0,103
Viajar	0,174	0,127
Qualquer	0,18	0
Varrer	0,187	0
Descansar	0,196	0

Montar	0,178	0,152
Almoçar	0,155	0,118
Usar	0,2	0
Escurecer	0,228	0
Dormir	0,230	0
Favor	0,218	0
Professor	0,203	0
Viajar	0,201	0
Atender	0,232	0
Voltar	0,146	0
Parar	0,196	0,1
Procurar	0,114	0,053
Almoçar	0,152	0,102
Fazer	0,129	0,066

Anexo 2: Duração da vogal e do rótico – falantes de menor escolarização de Corrente

<i>Vocábulo</i>	<i>Duração da vogal</i>	<i>Duração do R</i>
Reproduzir	0,197	0
Achar	0,202	0
Almoçar	0,197	0
Acender	0,143	0
Clarear	0,151	0
Começar	0,198	0
Criar	0,182	0
Deitar	0,206	0
Explicar	0,131	0
Fazer	0,190	0
Machucar	0,170	0
Pagar	0,220	0

Passar	0,202	0
Perguntar	0,186	0
Plantar	0,183	0
Por	0,189	0
Pagar	0,185	0
Por	0208	0
Regar	0,195	0
Sair	0,177	0
Trabalhar	0,193	0
Por	0,165	0
Varrer	0,187	0
Vomitar	0,208	0
Procurar	0,259	0
Amortecedor	0,178	0
Flor	0,209	0
Calcanhar	0,182	0
Calor	0,159	0
Devedor	0,172	0
Dor	0,244	0
Interior	0,234	0
Liquidificador	0,169	0
Menor	0,198	0
Menor	0,210	0
Pegador	0,186	0
Trabalhar	0,140	0,060
Dar	0,151	0,131
Bar	0,121	0,066
Bar	0,115	0,070
Beber	0,152	0,099
Beijar	0,120	0,054

Botar	0,113	0,079
Colher	0,107	0,096
Encontrar	0,140	0,092
Ensaboar	0,097	0,064
Ganhar	0,122	0,063
Machucar	0,119	0,070
Militar	0,141	0,048
Montar	0,136	0,058
Mulher	0,111	0,053
Pilar	0,102	0,052
Pilar	0,112	0,05
Por	0,139	0,063
Gritar	0,291	0
Passar	0,173	0
Dor	0,133	0
Bar	0,146	0
Bebedor	0,178	0
Chutar	0,225	0
Doutor	0,401	0
Doutor	0,204	0
Bar	0,169	0
Encontrar	0,134	0
Entrar	0,314	0
Favor	0,270	0
Favor	0,153	0
Fumar	0,165	0
Interior	0,161	0
Interior	0,350	0
Lembrar	0,162	0
Lugar	0,175	0

Menor	0,156	0
Menor	0,218	0
Menor	0,177	0
Menor	0,154	0
Morrer	0,183	0
Pegar	0,122	0
Plantar	0,195	0
Favor	0,318	0
Sair	0,188	0
Sorrir	0,225	0
Trabalhar	0,226	0
Achar	0,111	0,086
Lugar	0,102	0,046
Menor	0,132	0,086
Montar	0,113	0,061
Perguntar	0,118	0,076
Procurar	0,108	0,080
Colher	0,110	0,061
Vomitar	0,104	0,049
Falar	0,172	0
Grampear	0,281	0
Liberar	0,171	0
Acender	0,165	0
Beijar	0,175	0
Caçar	0,178	0
Calor	0,187	0
Dizer	0,221	0
Entender	0,218	0
Fechecler	0,229	0
Liquidificador	0,209	0

Mostrar	0,172	0
Mulher	0,224	0
Procurar	0,188	0
Rasgar	0,181	0
Rasgar	0,181	0
Sair	0,179	0
Entender	0,245	0
Ser	0,161	0
Entender	0,307	0
Varrer	0,237	0
Achar	0,108	0,051
Adubar	0,117	0,093
Montar	0,176	0,121
Botar	0,136	0,072
Encontrar	0,103	0,083
Ficar	0,123	0,082
Molhar	0,123	0,065
Plantar	0,122	0,072
Ser	0,107	0,071
Menor	0,374	0
Moedor	0,172	0
Anterior	0,254	0
Interior	0,233	0
Melhor	0,139	0
Motor	0,159	0
Moedor	0,188	0
Moedor	0,242	0
Procurar	0,203	0
Procurar	0,188	0
Trazer	0,168	0

Anexo 3: Duração intrínseca da vogal em sílabas sem coda – final absoluta de frase

Vocábulo	Duração da vogal
Dá	0,134
Gambá	0,135
Gogó	0,142
Já	0,136
Já	0,161
Já	0,153
Já	0,136
Já	0,197
Maré	0,137
Avô	0,138
Xará	0,14
Só	0,14
Aí	0,201
Café	0,126
Café	0,133
Já	0,137
Já	0,139
Lá	0,1
Pó	0,134
Sei lá	0,127
Só	0,121
Xará	0,126